



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

BERLANY FRANÇA

NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÕE: EXPRESSÃO DE
PRECONCEITO SOCIAL EM **DRÁCULA** E **A GUERRA DOS MUNDOS**.

CATALÃO-GO

2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

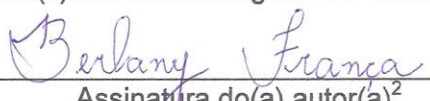
Nome completo do autor: Berlany França

Título do trabalho: NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÕE: EXPRESSÃO DE PRECONCEITO SOCIAL EM DRÁCULA E A GUERRA DOS MUNDOS.

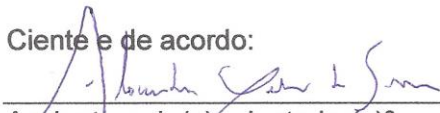
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 11 / 07 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

BERLANY FRANÇA

NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÕE: EXPRESSÃO DE
PRECONCEITO SOCIAL EM **DRÁCULA** E **A GUERRA DOS MUNDOS**.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu, curso de Mestrado em Estudos da
Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional
Catalão, como requisito final para obtenção do título de
Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva.

CATALÃO-GO

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

França, Berlany

NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÕE:
EXPRESSÃO DE PRECONCEITO SOCIAL EM "DRÁCULA" E "A
GUERRA DOS MUNDOS". [manuscrito] / Berlany França. - 2018.
108 f.

Orientador: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2018.
Bibliografia.

1. Literatura. 2. Gótico. 3. Ficção Científica. 4. Preconceito Social. I.
Meireles da Silva, Alexander , orient. II. Título.

CDU 82

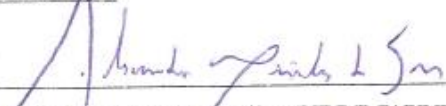
ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 89/2018

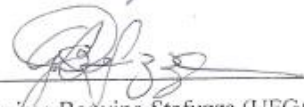
Às quatorze horas do dia vinte de junho de dois mil e dezoito, no bloco J sala J-03, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva [Orientador], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Luciana Moura Colucci de Camargo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, por Skype, para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÔE: EXPRESSÃO DE PRECONCEITO SOCIAL EM ‘DRÁCULA E A GUERRA DOS MUNDOS’” de autoria da mestranda **Berlany França**, matrícula 2016100406. Iniciando os trabalhos, o Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestranda para a apresentação do trabalho. A seguir, o Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: Aprovada, estando Apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos vinte dias de junho de dois mil e dezoito. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora:

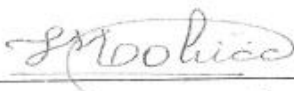
Parecer:


Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva (UFG/RC/PPGEL) – Orientador

☒ Aprovada () Reprovada


Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (UFG/RC/PPGEL)

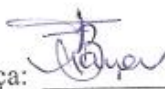
☒ Aprovada () Reprovada


Profa. Dra. Luciana Moura Colucci de Camargo (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

☒ Aprovada () Reprovada

Discente:

Berlany França:



Observações (se for o caso):

Visto:

Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



Prof.ª Dr.ª Fabíola A. Sartin D. P. Almeida
Coord. Mestrado em Estudos da Linguagem
UFG/RC
Portaria D O U 6171/17

BERLANY FRANÇA

“NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO ONDE O SOL NUNCA SE PÕE: EXPRESSÃO DE
PRECONCEITO SOCIAL EM ‘DRÁCULA E A GUERRA DOS MUNDOS’”

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Estudos da Linguagem, da Universidade
Federal de Goiás – Regional Catalão, como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Estudos da Linguagem, Área de Concentração:
Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovada em 20 de junho de 2018.

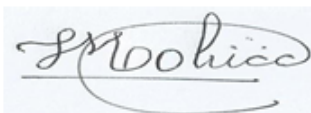
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva
UFG– Regional Catalão



Prof. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza
UFG – Regional Catalão



Prof. Dra. Luciana Moura Colucci de Camargo
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à energia e à força que sustenta o universo, que nos sustenta e inspira todos os meus dias.

Agradeço à minha família, pois todos me acompanharam nesta jornada e puderam me confortar nos momentos mais difíceis:

Floraci M. de Jesus, mamãe doce e guerreira.

Joelma França e Vanessa França, irmãs adoráveis.

Daniela C. França Araújo, minha encantadora sobrinha.

Luiz Antônio R. Rocha, marido admirável.

E, ao meu querido pai, Adjair França, que não encontra-se mais conosco, mas que indiretamente fortificou minha caminhada.

Meus agradecimentos aos professores deste Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, em especial, àqueles com os quais pude aprender e compartilhar momentos especiais, e que ajudaram a abrir meus horizontes e a me aperfeiçoar, tornando assim possível a construção do projeto até a conclusão da pesquisa.

Agora, meu agradecimento especial ao meu orientador, professor Alexander Meireles da Silva, que, além de orientar, demonstra paixão pelo que faz e nos oferece a magia que a literatura pode apresentar, e isso contribuiu muito para minha formação profissional e realização pessoal em minhas indagações acerca dos universos sombrios e de fantasias.

Agradeço também aos/às professores/as da banca de qualificação pela grande ajuda que tive para o enriquecimento desta pesquisa, estendo a esta banca minha admiração e carinho, e assim prossigo para a defesa.

Por fim, digo que a conclusão desta pesquisa só foi possível com a colaboração de cada um, pois hoje entrego este trabalho, fruto de meu estudo guiado por todos vocês!

RESUMO

Esta pesquisa dialoga com a linha de pesquisa “Literatura, Memória e Identidade” no intuito de apresentar um estudo que mostra a Literatura como meio de marginalização cultural e social a serviço de alguns setores da sociedade inglesa em fins do século dezenove. Especificamente, a pesquisa tem como objetivo demonstrar que os romances **Drácula** (1897), de Bram Stoker, e **A Guerra dos mundos** (1898), de Herbert George Wells, refletem o medo da elite inglesa em relação às massas, sendo estas enxergadas como um lado indesejado do Império Britânico, da mesma forma que as populações nativas das colônias sob o controle da Inglaterra. Assim, ambos os romances podem ser lidos dentro de uma variação da perspectiva do Gótico Colonial. Para tal proposta, este estudo fez uso dos trabalhos teóricos de, dentre outros, Fred Botting (1996), Roberto de Sousa Causo (2003), H. L. Malchow (1996), Alison Milbank (1998), Mary Ellen Snodgrass (2005), Alexandra Warwick (1998), Adam Roberts (2006), Kelly Hurley (2002), Patricia Kerslake (2007). Inicialmente, apresentamos a contextualização histórica da época vitoriana no que se refere ao papel do povo na sociedade. Na sequência, analisamos como a literatura gótica e a ficção científica abordaram a questão social da literatura inglesa de fim de século. Finalmente, no capítulo principal, demonstramos que, além de serem obras que criticam a ideologia imperialista inglesa, os romances de Bram Stoker e H. G. Wells também apresentam um subtexto pautado pelo discurso científico do pensamento eugênico e da Antropologia criminal, no qual as massas também são equiparadas às populações das colônias inglesas e, como tais, consideradas um obstáculo ao pleno desenvolvimento do país e uma ameaça ao *status quo* da Inglaterra vitoriana.

ABSTRACT

This research dialogues with the line "Literature, Identity and Memory" aiming at presenting a study that shows Literature as a means of cultural and social marginalization in service to some sectors of English society at the end of the nineteenth century. Specifically, this research has as its objective to unroll that the novels **Dracula** (1897), by Bram Stoker, and **The War of the Worlds** (1898), by Herbert George Wells, reflects the fear of English elite in relation to the masses, as such, they are seen as an unwanted side of the British Empire, in the same way that the native populations from the colonies under British control. So, both novels may be read as a variation of the perspective of Colonial Gothic. In order to do so, this study used the theoretical works by, among other ones, Fred Botting (1996), Roberto de Sousa Causo (2003), H. L. Malchow (1996), Alison Milbank (1998), Mary Ellen Snodgrass (2005), Alexandra Warwick (1998), Adam Roberts (2006), Kelly Hurley (2002), Patricia Kerslake (2007). Initially, we present the historical contextualization of Victorian age when it comes to the role of the masses in society. In the sequence, we analyze how gothic literature and science fiction approach social debates in end of the century English Literature. Finally, in the main chapter, we demonstrate that, beyond being works that criticize English imperialist ideology, Bram Stoker and H. G. Wells' works present a subtext based on scientific discourse of eugenic thought and criminal Anthropology, in which, the masses are equated to the populations of English colonies and, as such, considered an obstacle to the full development of the country and a threat to Victorian England *status quo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – UM IMPÉRIO DE DUAS REALIDADES	17
1.1 Prelúdio da Revolução Industrial	17
1.2 Os pobres na Literatura Vitoriana	28
CAPÍTULO 2 – DAS TREVAS ÀS LUZES: DO GÓTICO À FICÇÃO CIENTÍFICA	36
2.1 O Gótico e a questão social	36
2.2 A Ficção Científica e a questão social	42
CAPÍTULO 3 – NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO	49
3.1 Bram Stoker	49
3.2 Drácula e a ameaça das classes populares	51
3.3 Herbert George Wells	75
3.4 A Guerra dos Mundos (e de classes)	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

“Houve algum outro período na história literária que tenha produzido uma concentração maior de obras de arte de ficção fantástica além do *fin de siècle* vitoriano?” (RUDDICK, 2007, p. 189, tradução nossa).¹ O questionamento do crítico Nicholas Ruddick em “The fantastic fiction of the fin de siècle” (2007), se justifica pela ascensão ou revitalização de diversas expressões literárias vinculadas ao insólito, tais como: o romance para crianças, a utopia, o conto de fantasmas, a ficção gótica, e o romance científico. A profusão de obras associadas a este período aponta para a influência intelectual, econômica e cultural das últimas décadas do século XIX enquanto momento histórico recorrente em que as angústias e ansiedades decorrentes da crise nos valores e crenças fazem com que a arte lance novos olhares sobre o mundo (SILVA, 2005, p. 204). No caso das obras tomadas como *corpus* de pesquisa – **Drácula** (1897), de Bram Stoker, e **A Guerra dos Mundos** (1898), de Herbert George Wells² – as angústias e ansiedades estão relacionadas à crença de que determinados grupo marginais poderiam se constituir em uma ameaça à paz da supremacia inglesa mantida pelo domínio comercial e industrial, ou seja, a conhecida *Pax Britannica*, endossada pela Revolução Industrial.

Neste sentido, a pesquisa que aqui se apresenta teve como objetivo principal analisar como os romances **Drácula** e **A Guerra dos Mundos** refletem o medo das elites inglesas de serem colonizadas por grupos marginais vivendo dentro da esfera do Império Britânico. Desta forma, as ações do vampiro de Bram Stoker e dos marcianos de H. G. Wells são duas facetas da crença na ameaça ao *status quo* da Inglaterra vitoriana perpetrada pelos pobres.

Falar do Império Britânico é relembrar a extensão do domínio territorial da Inglaterra no mundo em meados do século XIX englobando, dentre outros países, Canadá, Austrália, Hong Kong, Nova Zelândia, Ilhas caribenhas, Índia, África do Sul, Egito e Nigéria, o que justifica o orgulho do administrador real Sir George Macartney expressado na frase: “O sol nunca se põe no Império Britânico” (MACARTNEY apud KENNY, 2006, p. 72). Ou seja, como era salientado pelos entusiastas do expansionismo inglês à época, sempre havia alguma parte do planeta dominada pela Inglaterra, iluminada não apenas pelo sol, mas também pelo discurso progressista britânico. Conforme destaca Eric Hobsbawm sobre a questão: “No final

¹ Did any period in literary history produce a higher concentration of masterpiece of fantastic fiction than the Victorian fin de siècle? (RUDDICK, 2007, p. 189).

A tradução das citações pertencentes a obras públicas originalmente em Língua Inglesa e sem tradução no Brasil utilizadas aqui serão realizadas pela autora desse trabalho.

² O nome de Herbert George Wells aparecerá abreviado ao longo deste estudo na forma de “H. G. Wells”, considerando que é desta forma que o escritor é comumente conhecido.

do século XIX, o sucesso obtido [...] foi notável [...] pela monarquia britânica [a conquista de] um quarto da superfície do globo” (HOBSBAWM, 1988, p.111).

Alicerçada em uma marinha de guerra de poderio bélico incontestável, liderança absoluta na indústria e no comércio, a *Pax Britannica* durante o reinado da Rainha Vitória (1837-1901) foi construída sob a firme convicção de que “o desenvolvimento se transformasse num mundo onde os ‘avançados’ dominariam os ‘atrasados’” (HOBSBAWM, 1988, p. 87, grifos do autor), ressoando um discurso que, conforme veremos no capítulo 1, refletia uma visão corrompida das ideias defendidas pelo naturalista Charles Darwin sobre a evolução das espécies. Como Rudyard Kipling expressa na estrofe inicial do poema “O fardo do homem branco” (1899):

Tomai o fardo do Homem Branco
Enviai vossos melhores filhos
Ide, condenai seus filhos ao exílio
Para servirem aos vossos cativos;
Para esperar, com chicotes pesados
O povo agitado e selvagem
Vossos cativos, tristes povos, Metade demônio, metade criança.

A crença nesta ideia de superioridade frente aos povos “metade demônio, metade criança” se manifestou em distintos momentos do século e em diferentes regiões sob a dominação inglesa. Na China, no evento que ficou conhecido como A Guerra do Ópio (1839-1842 e 1856 e 1860), diante da resistência do governo local em abrir os portos para os produtos ingleses, a Inglaterra bombardeou e invadiu o país, forçando os chineses a aceitarem a venda de ópio para a população, fomentando a dependência da droga e a compra de outros produtos ingleses (MORTON, 1970, p. 408). Na Índia, o desrespeito às tradições e à cultura hindu, como o emprego de pessoas de castas diferentes no mesmo exército e o uso de gordura bovina para lubrificar armas em um país onde esses animais são sagrados, culminou na Revolta dos Cipayos de 1857, resultando na morte de europeus e indianos (ZACARIAS, 2006, p. 29). No Canadá e na Austrália, as populações nativas, a partir da década de 1840, foram exterminadas ou assimiladas pelos ingleses no processo de assentamento de colonos brancos (MCDOWALL, 1995, p. 148). No império onde o sol nunca se punha, chineses, indianos e aborígenes viviam sob as sombras do império.

Além do Imperialismo Britânico, falar da Era Vitoriana é falar da Revolução Industrial que foi evidenciada no território inglês no século XVIII. Privilegiada pela posição geográfica que a mantinha relativamente distante dos conflitos no continente europeu, pela riqueza de recursos naturais, como o carvão, que seriam usados em indústrias e, por fim, pelo

domínio de colônias que forneciam matéria prima e mercado consumidor (MCDOWALL, 1995, p. 121-122), a Inglaterra foi palco de profundas mudanças que tornaram Londres a capital do século XIX e mudaram a estrutura da sociedade inglesa, afetando todos os segmentos da população e seus costumes.

A invenção da máquina de fiação em 1764, por exemplo, eliminou a mão de obra de várias fiandeiras e mudou a indústria do algodão. Se antes esta era uma prática familiar, realizada no âmbito do lar, agora passou a ser realizada dentro das fábricas, onde os trabalhadores se submetiam às regras e à carga horária ditada pelos donos das indústrias (MORTON, 1970, p. 295). Em 1785, este quadro se agravou com a invenção da máquina de tecer, tornando a fabricação de tecidos uma atividade mais rápida, barata e lucrativa, mas trazendo como consequência o desemprego de milhares de trabalhadores, restando a eles e as suas famílias a migração para a cidade, que, por sua vez, não conseguia oferecer condições dignas para essas pessoas (ANTONIO, 2006, p. 41).

Compõem também este quadro de êxodo rural as Leis de Cercamentos (*Enclosure Acts*), em vigência desde o século XVI, mas ampliadas em meados do século XVIII, que passaram o controle de terras antes utilizadas de forma comunitária a empresários do ramo de algodão e outros bens. Esse ato de controle das terras colocou fim ao sustento que os camponeses obtinham, conduzindo-os massivamente às cidades, e, uma vez nestas, os camponeses descobriram que a modernização não havia avançado apenas sobre o campo, mas também sobre suas vidas, retirando-lhes os direitos e a dignidade, tornando seus dialetos, costumes e cultura elementos combatidos pelo Estado, qualificando-os como estranhos em seu próprio país (ZACARIAS, 2006, p. 54). Assim, às sombras desse império, espalhou-se nas cidades inglesas uma população pobre composta principalmente por estrangeiros e outros europeus em busca de melhores oportunidades de vida na Inglaterra.

Dentro do cenário histórico-cultural brevemente apresentado, a pesquisa que se apresenta buscou dialogar com a linha de pesquisa “Literatura, Memória e Identidade” no intuito de construir um estudo que denuncie a utilização da Literatura como um meio de marginalização cultural, social e racial a serviço de alguns setores da sociedade vitoriana. Na verdade, e veremos esse quadro em detalhes nos capítulos seguintes, a literatura vitoriana refletiu o complexo panorama da Inglaterra das últimas décadas do século XIX criticando, denunciando ou se alienando frente às transformações sociais e políticas durante aquele período.

Especificamente, a pesquisa tem como meta comprovar que por trás do medo do estrangeiro abordado nas obras, temática que será detalhada e recorrentemente explorada pela

vertente romanesca do Gótico Colonial, **Drácula** e **A Guerra dos Mundos** também revelam em um segundo plano uma crítica às classes populares da Inglaterra vitoriana, vistas como um obstáculo ao pleno desenvolvimento da ideologia progressista vigente na época. Além de mostrar como a literatura foi usada como veículo de preconceito de setores da elite inglesa em relação às massas marginalizadas do país.

Os romances de Bram Stoker e H. G. Wells surgiram em um momento de crise, como apontado por Nicholas Ruddick no início desta introdução, e foram decorrentes do impacto das inovações da Revolução Industrial e dos avanços do racionalismo científico, representados, por exemplo, nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e nas pesquisas sobre o inconsciente e sobre o comportamento humano. Essas mudanças de natureza racionalista influenciaram as crenças e as verdades absolutas do homem vitoriano afetando também o gênero fantástico, desenvolvido ao longo do século XIX e sustentado na hesitação por parte do leitor e do narrador diante do acontecimento sobrenatural, geralmente de cunho religioso, como demônios, fantasmas e maldições (TODOROV, 1992, p. 38). Como ainda salienta Tzvetan Todorov em **Introdução à literatura fantástica** (1992, p. 176): “a literatura fantástica nada mais é do que a má consciência deste século XIX positivista”. Todavia, tanto **Drácula** quanto **A Guerra dos Mundos**, enquanto representantes respectivamente do Gótico e da Ficção Científica, reproduziram a postura das elites vitorianas em relação às classes populares, considerando que estas últimas eram enxergadas pelas primeiras sob o prisma do preconceito, tornando-se fonte de inquietação pela possibilidade de ameaça ao discurso progressista da Inglaterra imperialista. Essa postura evoca a colocação do escritor norte-americano H. P. Lovecraft em **O horror sobrenatural em literatura** (2007, p. 13), sobre o temor do desconhecido: “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido.”

Drácula e **A Guerra dos Mundos**, como *corpus* de nossa pesquisa, são obras que denotam inquietudes humanas, como o medo e o desconforto perante o desconhecido. Esse comportamento ganha forma, no caso do romance gótico de Bram Stoker, nos pobres como seres góticos desprestigiados e marginalizados, e, no caso do romance científico de H. G. Wells, no desejo das elites imperialistas, assim como dos marcianos, de livrarem a Inglaterra das massas ignorantes. De qualquer forma, o sentimento de terror e medo de parte da sociedade vitoriana se traduz no temor de serem “colonizados” pelas classes compreendidas como inferiores e atrasadas.

Neste raciocínio, apresentamos um panorama dos marginalizados do período vitoriano dentro da Inglaterra do século XIX, assim como também o espaço reservado, na

ótica inglesa, aos povos de regiões sob o domínio do império. Neste campo, para citar alguns escritores, Charles Dickens, George Eliot e Rudyard Kipling chamaram a atenção para as transformações da Inglaterra, em especial, nos centros urbanos e nas regiões distantes do Império. Pretendemos, além disso, comentar autores como Oscar Wilde e Robert Louis Stevenson, que denunciavam a vida das cidades inglesas, sobretudo, de Londres, em meio a um ceticismo no final do século XIX.

A seguir, demonstramos como ao longo de seu desenvolvimento histórico-cultural, tanto o Gótico quanto a Ficção Científica alicerçam em suas narrativas a questão de tomar como prejudicial o diferente, o estranho, aos olhos dos ingleses. Para tanto, foi contemplado o suporte teórico de críticos como Fred Botting, Roberto de Sousa Causo, H. L. Malchow, Alison Milbank, Mary Ellen Snodgrass, Alexandra Warwick, Adam Roberts, dentre outros.

No capítulo principal, procedemos à análise do *corpus* da pesquisa, **Drácula** e **A Guerra dos mundos**, por intermédio do apoio bibliográfico da Ficção Científica e do Gótico. E acrescentamos que, ao longo da elaboração da dissertação, outros teóricos foram incluídos desde que estivessem embasados na questão do medo que ameaça o espaço da colonização da elite inglesa vitoriana.

CAPÍTULO 1: UM IMPÉRIO DE DUAS REALIDADES

1.1 Prelúdio da Revolução Industrial

A partir do ano de 1700, a população da Inglaterra e do País de Gales começou um grande processo de crescimento demográfico, resultado de acontecimentos que antecederam à Revolução Industrial no século XVIII. Dentre estes eventos destaca-se o crescimento contínuo de cidades como Liverpool, Manchester, e, principalmente, Londres. De acordo com McDowall (1995), esse crescimento de cidades não contava com quase nenhum apoio do Parlamento Inglês, poder supremo em todo o território britânico. Os moradores desses locais não eram alvo de políticas de governo relacionadas a qualquer tipo de assistência sanitária, sofriam com a sujeira, com pragas decorrentes do abandono e da pobreza a ponto de apenas uma criança em cada quatro alcançar a fase adulta em Londres. Uma das fugas encontradas pela população urbana para suportar essa realidade de miséria foi o álcool (MCDOWALL, 1995, p. 114), e, por conta disso, era grande o número de pessoas pobres que bebiam nas ruas, levando o alcoolismo a ser tornar também outro agravante da realidade urbana, revelando uma faceta sombria dos efeitos da Revolução Industrial.

A Revolução Industrial que se fortificou nos campos da Inglaterra em que prevalecia latifundiários que exploravam o trabalhador do campo, aos poucos, forneceu a esses latifundiários a visão de que teriam mais lucro com a lã e a carne de ovelhas do que propriamente com as pessoas trabalhando em suas terras. Como resultado, as pessoas que ganhavam seu sustento da terra foram gradativamente substituídas por animais, esta ação excluiu esses trabalhadores do sistema produtivo rural, forçando-os a procurarem as cidades em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Por outro lado, alguns esforços foram iniciados para que a saúde das pessoas moradoras das cidades melhorasse como, por exemplo: alargamento, limpeza e iluminação das ruas. Já em outros lugares, cobravam-se taxas aos moradores para que estes pudessem manter uma melhor estrutura sanitária, e a quantia já tinha um destino nesta política: sustentar o Parlamento Inglês. Então, aos poucos, pontuou-se a Londres outra face: a de que a cidade oferecia de tudo, como marca disso, ficara em Londres a famosa expressão de Samuel

Johnson: “Quando um homem está cansado de Londres, ele está cansado da vida” (MCDOWALL,1995, p. 114-116, tradução nossa).³

Nesse quadro, com o crescimento e o desenvolvimento acelerado das cidades, em especial, de Londres, por intermédio da Revolução Industrial, fomentou-se uma maior distinção entre as classes sociais, que, na verdade, eram compostas pelos ricos, comerciantes ou negociantes, artesãos e, por fim, por uma grande parte da população constituída em sua maioria por camponeses sem muitas habilidades profissionais, carentes de bens, terras, emprego e, principalmente, de dignidade.

Entendida como um importante processo de desenvolvimento tecnológico, a Revolução Industrial alterou toda a estrutura social, moral, política e cultural. Não fora apenas a expansão, o controle dos mares e do comércio mundial, ou mesmo a substituição do trabalho humano pelo fabril. Um dos pontos principais foi que a Revolução Industrial transformou a vida e o modo como o colonizador percebia o colonizado. Os britânicos sentiam-se importantes e verdadeiros donos de várias áreas do globo terrestre e esta crença, em conformidade com Mcdowall, crescia como a revolução das máquinas neste período de industrialização. Foi nesta ideologia que a elite inglesa do século XVIII viveu em contraste com a miséria de uma significativa parcela social deixada nas ruas, vítima da mecanização dos campos e do abandono, parcela esta que, após 1750 até o final do século, aumentou rapidamente, tornando-se mão de obra barata para a classe burguesa e para o comerciante que soube aproveitar bem dessa população carente por meio da exploração nas fábricas que cresciam nas cidades (MCDOWALL, 1995, p. 117).

Sob essas circunstâncias, a burguesia inglesa ascendente, agraciada pelo domínio do comércio e do desenvolvimento, via na massa assalariada e nos povos das colônias dominadas um impedimento ao progresso. Isso porque Londres logo se percebeu movida pelo progresso, mas, por outro lado, acrescida de uma pobreza nas ruas ligada a vícios, a doenças, aos excessos, à prostituição, aos roubos e a outros comportamentos e traços veementemente condenados pelos dirigentes da sociedade inglesa. Assim, a delinquência e a criminalidade a que essas pessoas encontravam-se expostas tornavam-nas estranhas, como não pertencentes ao desenvolvimento do povo inglês. E, nesse contexto de pobreza, fortalece a opressão e a marginalização social, diante disso, esses indivíduos passaram a ser enxergados como estranhos e não pertencentes à hegemonia inglesa, sendo tratados com frieza e observados pela elite como um obstáculo a ser ultrapassado. Todas essas reviravoltas e transformações

³ When a man is tired of London, he is tired of life (MCDOWALL ,1995, p. 114-116).

sociais na vida do europeu, todas essas contradições e choques culturais que o progresso e o imperialismo geraram entre colonizador e colonizado acabaram por influenciar pensamentos e críticas perante este desconcerto social originado da própria dominação e da expansão inglesa.

Como mencionado anteriormente, os primeiros anos da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, no Reino Unido, foram influenciados por numerosas mudanças sociais, como mecanização do campo, crescimento das cidades, aumento da pobreza, além de mudanças na economia e na sociedade.

Frente a tantas transformações sociais, e não havendo variadas opções de trabalho e sustento na cidade, famílias inteiras começaram a fazer parte do ambiente fabril. Antônio (2006) aponta que o fato de crianças, mulheres e toda a família da classe operária que se formou rapidamente nas cidades já cumprirem longas e exaustivas jornadas de trabalho nas fábricas era adverso ao modo como viviam as famílias ricas. Com rotinas de trabalho longas, sem feriados, férias ou qualquer condição de segurança, de modo que acidentes faziam parte do dia a dia da jornada de trabalho, os trabalhadores assalariados deveriam adequar-se à rotina da empresa, pois eram vítimas também de algumas leis que eram estabelecidas pelo Parlamento contra a pobreza, a fim de que as forças de alguns operários mais revoltosos ou as denominadas “classes perigosas” (ANTÔNIO, 2006, p. 42) fossem oprimidas ou punidas. Esta opressão florescia e espalhava-se pela Inglaterra concomitante a ideias propagandeadas pela classe dominante de que um período de maior prosperidade e melhoria gradual de condições de vida dos trabalhadores estava por vir. Essa crença disseminada dizia que com o avanço da indústria e o progresso da economia aos poucos a miséria seria sanada, sendo a alta produtividade fabril quem alimentava esta crença, além do grande número de desempregados que alimentava a exploração da mão de obra dessas fábricas.

Os efeitos dessa revolução das máquinas foram inevitáveis. Mesmo que uma parte do operariado trabalhasse dia após dia, outra parte insatisfeita e desiludida pela extrema exploração enxergava a independência e o fim de sua condição social nas rebeliões ou nas greves que, organizadas por alguns, reivindicavam melhores condições de trabalho e salários e outras benfeitorias para a classe. Nesta nova condição, o proletariado procurava inverter esse sistema, e por meio de reuniões tentava uma maior organização de trabalhadores supostamente inclinados a mudar a direção e o ritmo que a própria indústria tomou. Dessa maneira, algumas tradições grevistas foram retomadas de forma a conquistarem direitos para os trabalhadores. A exploração exacerbada a que os trabalhadores estavam sujeitos dia após dia não apenas os incitava a se rebelarem como também criava um ambiente de tensão.

Na Inglaterra, as primeiras lutas e gritos de insatisfação popular se firmaram a partir da segunda metade do século XVIII, aparecendo então os “destruidores de máquinas”, esses manifestantes chegaram a quebrar as máquinas que os desempregaram. Nessa conjuntura, rapidamente, essas ações foram combatidas e banidas pelo governo que indenizou os donos das máquinas e puniu muitos rebeldes com prisões e enforcamentos, pois o governo temia uma revolução em maiores proporções. (ANTÔNIO, 2006, p. 46) Estas reações passaram a acompanhar o processo industrial em toda Europa juntamente com ações e leis opressoras por parte do governo, porque a ampliação dos mercados, o fornecimento de matérias primas e o avanço tecnológico continuaram com a expansão e a conquista de novas terras por parte da Grã-Bretanha.

Um grupo pioneiro nas frentes de reivindicações para a classe trabalhadora foi o dos artesãos, cujo histórico de greves lhes conferiu experiência. Segundo Morton (1970), durante todo o século XVIII houve agitações operárias, pois, quanto mais o ritmo industrial se acelerava, maior era a cobrança sobre os trabalhadores, e, desproporcionalmente, as condições de trabalho raramente sofriam alguma mudança significativamente benéfica à maioria. De qualquer maneira, a Inglaterra temia as ondas revolucionárias que ocorriam na França, sendo que esses acontecimentos incomodaram a burguesia e as pessoas ligadas ao Parlamento inglês, já que vozes de trabalhadores eram mais ouvidas e algumas organizações sociais já estavam estabelecidas. A essa convicção de que os acontecimentos na França representavam uma ameaça à Grã Bretanha pelo enfraquecimento do controle da burguesia sobre as classes populares e colônias e o fortalecimento das revoltas populares, veio se somar a guerra entre Inglaterra e França, que resultou na derrota de Napoleão Bonaparte em Waterloo (Bélgica) no ano de 1815 (MORTON, 1970, p. 318-319).

Diante desse quadro, o resultado do pós-guerra trouxe alguns problemas para a potência inglesa, como momentos de crise, inflação alta, desemprego, endividamento por causa do financiamento da guerra, greves devido aos salários de fome pagos aos operários, e também o aumento das organizações sindicais para conquistarem, além de melhorias de vida, a influência junto ao Parlamento. Ao mesmo tempo, como aponta Morton (1970), gradativamente, o operário começou a perceber que as leis, juntamente com as propostas de trabalho, apenas beneficiavam aos opressores, por isso, passou a exigir reformas parlamentares para tentar ganhar o controle do parlamento e fazê-lo servir aos interesses populares. Com a continuação dos movimentos populares, das reivindicações de organizações, de conspirações contra o governo, leis imediatas e uso da violência militar foram medidas adotadas pelo governo. Com urgência, foram aprovadas as “Seis Leis” que

davam plenos poderes às autoridades judiciárias para impedirem a realização de reuniões, efetuarem buscas em casas consideradas suspeitas, proibirem desfile de faixas, decretarem a prisão dos responsáveis por publicações consideradas “difamatórias, sediciosas ou irreverentes” (MORTON, 1970, p. 320), e também colocarem taxas sobre alguns jornais, tornando-os inacessíveis para muitos. Nesse contexto social de conflitos, operários davam continuidade a organizações que lutavam por melhores condições de trabalho e maiores salários.

Em meio a essa agitação imperialista, industrial e comercial inglesa, marcada por revoltas e transformações sociais diversas, a jovem Alexandrina Vitória Hanôver, com apenas dezenove anos, foi coroada rainha do Império Britânico. Com um dos reinados mais longos da história da Inglaterra, Vitória permaneceu no poder por sessenta e quatro anos (1837-1901), reinado este conhecido como a “Era Vitoriana” (MCDOWALL, 1995, p. 145).

Diante do exposto, podemos evidenciar que a economia da Inglaterra industrial, além de modificar toda uma estrutura econômica, ainda desenvolveu-se por meio da exploração, de enfrentamentos, de rebeliões, e, principalmente, do desrespeito aos colonos e/ou estrangeiros diante das diferenças socioculturais destes últimos. As transformações deste período ultrapassaram a economia e o processo de industrialização porque modificaram incisivamente todo um cenário político, social e cultural. A mão de obra fabril, consciente ou não deste processo exploratório, aos poucos começou a se organizar a fim de subverter, mesmo que de forma ainda não bem organizada, a ordem vigente. Embora essas revoluções fossem intencionalmente repreendidas pelos dirigentes políticos, instaurava-se, no domínio inglês, certa inquietude e medo de que tais revoltas fossem bem sucedidas e a massa ganhasse espaço e poder político.

Como coloca Morton (1970, p. 373), a classe assalariada, quando se percebeu como classe reduzida à condição de escravidão, começou a se organizar para defender direitos e interesses próprios. Nesse contexto, greves, paralisações e formações sindicais tomaram força diante do quadro de descontentamento geral da classe operária.

Não obstante a essas revoltas dos trabalhadores, as organizações sindicais e as reuniões foram duramente censuradas e enfraquecidas pelos governantes, os quais temiam que a pobreza ganhasse confiança e tomasse o poder, arruinando a ordem burguesa. Além disso, as más condições de vida dos trabalhadores, os crimes, os vícios e a vida promíscua também chamavam a atenção daqueles que detinham o poder, e novamente o pobre passava a ser observado e estudado para ser combatido. Entra em cena então outra onda de punição, agora encarnada na polícia. Esta força do Estado foi reforçada em número para o combate aos

crimes e rebeliões que ocorriam pelo país. O sucesso no combate aos crimes e revoluções na Inglaterra foi enorme e os ingleses ficaram reconhecidos mundialmente como modelo de repressão de revoltas sociais e da criminalidade por um bom período do século XVIII (MCDOWALL, 1995, p. 136).

Enquanto isso, a Inglaterra crescia desordenadamente. Como afirma Mcdowall (1995, p. 137), a Inglaterra tornou-se, no século XIX, a “oficina” do mundo. Afamada pelo desenvolvimento industrial, tornou-se alvo de imigrantes e pessoas de várias regiões que chegavam à procura de emprego e de se tornarem parte da nação inglesa. A população passou de treze milhões para quase quarenta milhões de pessoas. Além da população numerosa, a produção das fábricas, a política e a estabilidade do poder eram o cerne da política de expansão do Império Britânico, entretanto, esse crescimento urbano descontrolado já chamava a atenção de muitos pensadores, do parlamento e de outras classes dirigentes.

Neste processo, a nação britânica conseguiu expansão e controle territorial em muitas partes do mundo, de forma que, para o sucesso colonialista, adotou políticas de cooperação como: a ajuda da Turquia para impedir a expansão Russa, a competição com a França e a Alemanha, a defesa da Bélgica de inimigos próximos, e seguiu nesse controle de lucros e comércio mundial. Para continuar na defesa de sua posição privilegiada e manter sua autonomia, “a rainha dos mares”, como ficou conhecida a Inglaterra, colocou navios em quase todos os oceanos existentes para controlar o tráfego e o mercado mundial (MCDOWALL, 1995, p. 131).

De maneira geral, o período vitoriano conferiu à Grã-Bretanha grandes conquistas internas e externas, sendo que a indústria dentro do país crescia em larga escala, enquanto o mesmo conquistava seu vasto império, o que criava um ambiente de satisfação por parte da população, e em alguns casos atingia também o parlamento inglês, de forma que tal clima abafava qualquer tipo de manifestação contrária à aparente aprovação geral que se tinha do reinado de Vitória. Assim, como argumenta Antônio (2006, p.44), muitas tentativas de revolução foram silenciadas com discursos políticos e quando estes já não eram o bastante a força desmedida opressora era usada sem grandes restrições. Esses combates deixavam muitos mortos em manifestações. As propostas de revoltas socialistas foram sempre abafadas pela fome, pela necessidade de moradia, pela crença em melhores condições de vida, ao passo que a própria imagem de país rico e em desenvolvimento aplacava progressivamente a vontade de se fazer revolução. Tal conjuntura deixa evidente uma diferença significativa entre as perspectivas de nobres, burgueses e proletariado.

Por volta de 1860, outra mudança marcou o reinado vitoriano. Muitos pensadores, filósofos, educadores e outros membros da sociedade criticaram ferrenhamente a postura imperialista britânica, afirmando em tom vigoroso que o discurso imperialista contribuía para o sistema de divisão de classes. Shearman (1997) salienta que Thomas Carlyle, por exemplo, denunciava a era vitoriana principalmente por seus valores utilitaristas e materialistas, discorrendo em seus escritos sobre as injustiças que acometiam uma parcela humilde da sociedade. Charles Dickens, por sua vez, em seu livro **Tempos Díficeis** (1854) retratou de modo crítico *O Utilitarismo*, modo de pensar muito difundido no período vitoriano que consistia na ideia de que “o bem se identifica com o útil” (SHEARMAN, 1997, p. 60-61).

Outro fator de grande importância para a formação ideológica e marco histórico foi a influência do pensamento científico deste período. Quando Charles Darwin publicou seu livro **Origem das Espécies** (1859) suas teorias revolucionaram o período vitoriano ao tornar pública ao mundo sua tese de que a evolução do homem dava-se por um processo de seleção natural em que o mais forte sobreviveria; a teoria evolucionista então rompeu com o tradicional pensamento cristão, quebrando dogmas até então consolidados, e abriu novos horizontes para o pensamento humano (SHEARMAN, 1997, p.62).

Como evidencia Silva (2008), o discurso científico evolucionista foi apossado de modo distorcido pela burguesia a fim de propagar a ideologia imperialista. As teorias do biólogo Charles Darwin sobre a evolução das espécies foram apropriadas e deturpadas pelos propagandistas do império no intuito de construírem a visão de que era um dever do europeu dominar os povos menos aptos para garantir a sobrevivência e a evolução dos dominados. Desse modo, o processo de ocidentalização que os britânicos iniciaram com as demais nações era também assegurado pelas ciências. Fundamental destacar aqui que Charles Darwin não compartilhava desta opinião, preferindo acentuar a cooperação entre as sociedades humanas como fator primordial da sobrevivência. Entretanto, suas teorias foram exploradas nas colônias e regiões dominadas pela Inglaterra de modo distorcido, desse modo, o profundo impacto das teorias evolucionistas também serviu para discutir a relação de classes dentro do país, resultando na presença de um “Darwinismo social”⁴. Este conceito, exemplificado na ideia da “sobrevivência do mais capaz”, foi criado na Inglaterra na segunda metade do século XIX pelo filósofo inglês Herbert Spencer, e tentava justificar os atos de uma classe social sobre a outra através de uma pretensa superioridade (SILVA, 2008, p.80). Tal fato progrediu

⁴ O Darwinismo Social é a tese de que a evolução social e a história social são governadas pelos mesmos princípios que governam a evolução das espécies na Natureza, de modo que conflitos entre e dentro das culturas se constituem numa luta pela existência que é o motor do progresso (CAUSO, 2003, p.137).

para discussões sobre teorias religiosas de criação do mundo e contestações polêmicas sobre o tema.

Nesta conjuntura e em meio a crises políticas importantes para seu país, a rainha Vitória passava por alguns conflitos pessoais. Logo após a morte de sua mãe, a duquesa de Kent, seu filho herdeiro do trono e príncipe de Gales envolveu-se em um romance com uma atriz, causando escândalos na realeza. O marido de Vitória, Albert, viajou ao encontro do filho para amenizar a situação, porém, Albert, já fragilizado e com a sobrecarga dos fatos, crises reumáticas, problemas de diplomacia entre americanos e ingleses entre outros agravantes, faleceu em 1861, deixando a rainha em extremo estado de choque (SHEARMAN, 1997, p. 67).

Enquanto a rainha vivia sua solidão e depressão dentro do castelo os fatos políticos não paravam de acontecer; um ano após a morte de Albert o rei da Prússia, Guilherme I, indicou Otto Von Bismarck como chefe do gabinete do governo, usou a morte do rei da Dinamarca para reclamar os ducados de Schleswing e Holstein e invadiu a Dinamarca em 1864, o que ia de encontro ao posicionamento da então reclusa rainha Vitória. A reclusão da rainha começara então a incomodar seus súditos, a morte do marido Albert a deixara em profundo desolamento e medo de governar todo o império. Os ingleses, assistindo a esse distanciamento do público em que a rainha se encontrava, passaram a questionar e exigir o retorno da mesma as suas funções. Sob a ameaça e o questionamento popular a respeito da necessidade de sua substituição, Vitória reaparece e conta com a ajuda de seu serviçal John Brown. Gradativamente volta a exercer suas funções, e, ao mesmo tempo, surgem rumores de um envolvimento entre esta e Brown (SHEARMAN, 1997, p. 77).

O tempo passou e, em meados de 1876, Vitória adquiriu oficialmente o *status* de governante de um Império, título pelo qual aspirava há tempos, pois assim ficaria em igualdade com os imperadores da Rússia, Áustria e Alemanha. Mais uma vez, a glória imperialista britânica contava com a política de seus líderes, como Disraeli, que serviu como primeiro ministro por duas vezes e cuja política agressivamente imperialista contava com total apoio da rainha. Um ano antes, em 1875, Disraeli foi responsável por comprar as ações da Companhia do Canal de Suez, até então sob a posse do Egito, este controle conferia aos britânicos mais benefícios para a navegação e tornou a navegação britânica responsável por metade do tráfego marítimo. O controle do Egito para os ingleses, neste momento, era importante. Por tais feitos o primeiro-ministro foi recompensado por Vitória com o título de Conde de Beaconsfield. Sua postura e conduta indicavam coerência com a situação e o ambiente que envolvia a Inglaterra. O imperialismo forte do período de Disraeli refletia o

pensamento e a atitude inglesa para a continuação do comércio e domínio marítimo (SHEARMAN, 1997, p. 79-85).

Disraeli, conservador, dividia a mesma ideologia e postura das elites britânicas, com a convicção de que o imperialismo era uma questão além do poder militar, industrial, naval ou comercial. Por trás dessa versão estava a crença de que os ingleses eram superiores aos demais povos, sendo os escolhidos por Deus para colonizarem, imporem o modo de vida e a religião aos demais povos e, conseqüentemente, levarem às suas colônias civilidade e progresso (SHEARMAN, 1997, p. 85).

Vitória e Disraeli temiam a Rússia, uma possível guerra entre ambos seria quase fatal para a Inglaterra, então foram ocultados os escândalos de agressões e atrocidades cometidos pelo exército turco sob o pretexto de apoio ao aliado da guerra da Criméia. Mesmo com a esperteza e a diplomacia de Disraeli, para controlar os problemas e defender o imperialismo, restaram conflitos externos e denúncias da oposição. Essas denúncias vinham da oposição e principalmente de Gladstone, que decretou algumas reformas sociais que desagradaram a rainha. Mas foi esta mesma postura agressiva que fez com que a política externa do governo fosse criticada, começando a sofrer com a própria deterioração. Após tentar anexar o Afeganistão, Disraeli levou ao massacre uma missão britânica. Com isso, findou-se seu ministério em 1880, sendo substituído por Gladstone; nesse novo contexto, a rainha Vitória teve que enfrentar um de seus opositores, Gladstone (SHEARMAN, 1997, p. 86-87).

O então ministro e a rainha possuíam certa antipatia mútua advinda de um passado não tão longínquo e essas desavenças políticas continuaram. Vitória se via mais uma vez sozinha, tendo que enfrentar as constantes críticas de Gladstone. Devido a isso, preferiu manter-se acima das tendências partidárias, o que gerou uma distância cada vez maior entre ambos. Somado a isso, Gladstone recebera o cargo repleto de problemas com a política externa, como os movimentos separatistas no sul da África, com o Egito e outros. Estes acontecimentos inflamaram ainda mais os ânimos entre a rainha e seu primeiro ministro, principalmente após a perda de um batalhão britânico em 1884, o qual estava sob o comando de Charles George Gordon. O problema se agravou porque Gladstone não enviou tropas de reforço assim que fora pedido, causando a morte do batalhão inglês durante a guerra Russo-Turca, em 1880. Este fato culminou na saída de Gladstone por decreto da rainha. Com essa saída, aos poucos, o relacionamento entre a rainha e o parlamento foi se reestruturando (SHEARMAN, 1997, p. 86-88).

Dentro do cenário urbano, no intermédio dos anos de 1860 e 1880, Bresciani (2006) chama a atenção para a Inglaterra que crescia desordenadamente. O tumor urbano que crescia

rapidamente por meio de imigrantes, estrangeiros e trabalhadores de todas as partes à procura de emprego se alastrou. Logo, a Inglaterra e sua cidade principal, Londres, viu-se cheia de diversas etnias, estas últimas, em sua maioria, experimentaram o desemprego, a pobreza, a fome, as doenças e os vícios além, é claro, da marginalidade. Mesmo que esta grande maioria viesse à procura de uma vida mais digna embalada pela esperança de que a Revolução Industrial proveria trabalho e amparo, a demanda de desempregados estava acima da oferta de emprego. Estudos e pesquisas de alguns setores da sociedade, como médicos, escritores ou membros de filantropias, já alertavam para o descaso com que as autoridades tratavam essas pessoas que chegavam (BRESCIANI, 2006, p. 95).

A exclusão social de que a grande maioria era vítima começava a se tornar pública, e, para agravar este quadro, o declínio de parte da indústria de Londres deixou nas ruas milhares de desempregados. Este fato aumentou o número de empregos informais, encheu as ruas de Londres de vendedores ambulantes, alcóolatrás, prostitutas e aumentou os índices de criminalidade.

Ainda segundo Bresciani (2006), aos poucos, os poderes públicos passaram a demonstrar alguma preocupação em fornecer um estilo de vida melhor a esses trabalhadores inexistentes aos olhos da aristocracia e da nobreza. Algumas reformas fomentadas por tumultos e reivindicações populares deram início à construção de moradias e os problemas de higiene, sanitários e de saúde tiveram algumas leis que objetivavam diminuí-los, no entanto, essas leis fracassaram, pois eram consideradas onerosas (BRESCIANI, 2006, p. 96).

Mesmo com denúncias da imprensa sobre todos esses problemas sociais, a nobreza britânica e a monarquia apenas demonstravam algum interesse se, e somente se, tais trabalhadores se envolvessem em tumultos ou organizações violentas nas praças ou parques de Londres. Como relata Bresciani (2006, p. 96-97), uma revolta violenta advinda desses conflitos sociais marcou a história de Londres em 13 de novembro de 1887, dia conhecido como “Domingo Sangrento”, marcado por uma forte repressão a esses movimentos.

Ao lado deste caos urbano, a temporada de luxo da vida da aristocracia e da realeza continuava normalmente, com a abertura de lojas de departamentos, vitrines à mostra com diversas mercadorias, festas, eventos, teatros, bailes, cerimônias nos palácios de *Buckingham* e *Saint James*, onde a própria rainha recepcionava as jovens de famílias ricas para bailes debutantes, que eram acolhidas em meio à alta burguesia e à realeza. O interesse de Vitória pela política foi diminuindo com o passar dos anos, além disso, o cargo também impunha suas consequências.

Coroada em 1837, Vitória viu a monarquia inglesa que conhecera transformar-se, o país que dominou em níveis espantosos a economia, a indústria naval, o comércio mundial na Europa e em suas inúmeras colônias, aos poucos, restringir os poderes da monarquia. As reformas seguintes, a expansão do voto, as mudanças econômicas e sociais haviam mudado o país, a importância da própria rainha já não era mais a mesma. A partir de então, a história da rainha apresenta outra face, Vitória passou a se dedicar a questões humanitárias, herança de seu finado marido, príncipe Albert (SHEARMAN, 1997, p. 87-88).

Com este novo foco, a rainha apresentou-se mais sensível às condições de vida das camadas mais pobres, e chegou a visitar casas populares de operários e o Presídio de Mulheres *Parkhurst*. Mesmo mostrando interesse, respeito e certa atenção, em especial pelas mulheres, nunca advogou em defesa destas, talvez por seu pensamento ainda ser conservador, e criticou a postura de lutas femininas com as palavras:

A rainha está mais ansiosa para reunir todos os que sejam capazes de escrever ou falar, a fim de cooperar na contenção dessas tolices loucas, perniciosas, que são ‘Os Direitos da Mulher’, e das horríveis consequências a que o pobre sexo fraco está submetido, esquecendo toda a sensatez e as características do sentimento de feminilidade (SHEARMAN, 1997, p. 88-89, grifos do autor).

Por volta de 1897, a Grã-Bretanha já não era mais a mesma potência hegemônica no campo imperialista, pois Alemanha e Estados Unidos já rivalizavam entre si no campo militar e econômico. A monarca então, já em idade avançada e com saúde débil, comemorou um dos seus últimos aniversários aos setenta e nove anos (em sessenta destes esteve em posse do trono) e faleceu no ano de 1901, com oitenta e dois anos, levando consigo o fim da supremacia britânica, sendo vista como um marco de prosperidade pela Inglaterra (SHEARMAN, 1997, p. 90).

Neste conjunto de fatos internos e externos, o cenário da *Pax Britannica* perde a força no final do século XIX. Nesse período, segundo Fuser (2006), a Grã-Bretanha começa a entrar no período de decadência política e aos poucos perde o brilho que conseguiu sobrepô-la como líder comercial e industrial para boa parte do mundo. A convicção da superioridade divina britânica que reinou nos domínios ingleses durante a colonização de grande parte do mundo junto com a desvalorização dos nativos dessas colônias ou dos estrangeiros dá sinais de fraqueza. Mesmo assim, a colonização do império inglês conseguiu, por quase dois séculos, depreciar as culturas de povos diferentes dos britânicos como se tal precedente de exploração fosse uma forma natural para a organização e progresso das nações. “Também

estavam convencidos de que a hegemonia britânica traria o progresso e a civilização a toda a humanidade, aposentando as guerras em definitivo” (FUSER, 2006, p.3).

À frente dessa grande agitação política, social e cultural gerada pela histórica Revolução Tecnológica e Industrial estavam pensadores, críticos sociais, cientistas e escritores que buscaram fomentar a literatura desse final de século XVIII e início do XIX. A seguir, discutiremos como a Literatura Inglesa refletiu esse complexo quadro social e como abordou a situação da grande maioria pobre, que se transformou em protagonista e ajudou a construir esse grande império.

1.2 Os pobres na Literatura Vitoriana

Durante o reinado da Rainha Vitória, as tentativas de proteger o império eram praticamente comerciais, e os jornais que tinham livre acesso passaram a ser controlados. Hernandez (2006) destaca que a África, por exemplo, tornou-se bem conhecida graças a viajantes exploradores europeus, como David Livingstone, que se arriscou em viagens para dentro do coração africano, em partes da África então desconhecidas, carregadas de mistérios, e relatou suas experiências em crônicas (HERNANDEZ, 2006, p. 68-69). Esses relatos facilitaram a exploração e a divisão de colônias pelos ingleses que puderam assim dividir o território africano em regiões de interesses e avançaram com o pretexto de levar aos nativos religiosidade, civilização e progresso, ou mesmo enviar para essas colônias as massas que cresciam na Grã-Bretanha.

A Era Vitoriana foi um marco para a história britânica e um divisor de águas para a própria Inglaterra. No longo reinado de Vitória, os ingleses mantiveram a supremacia industrial, comercial e marítima para o sucesso da expansão colonial. Londres era a maior e mais populosa cidade europeia, todavia, sua numerosa população era imensamente diversa, pois, se de um lado os olhos admiravam o espetáculo de armazéns, da agitada atividade humana, lojas, fábricas, construções, navios, fumaça, belas casas construídas, ruas largas, carruagens, cavalos bem cuidados, de outro, viam-se os trabalhadores metalúrgicos, operários, esgoto, sujeira, poluição, população descuidada quanto à higiene e à saúde, e qualquer outra qualidade de respeito humano às crenças, às práticas habituais, às origens ou à dignidade das camadas mais pobres ou dos estrangeiros. Como menciona Zacarias (2006), foi neste ambiente de contradições sociais que a cidade e a população de Londres apareceram no final do século XIX diretamente influenciadas pela Revolução Industrial. Aqui, a Inglaterra já

mantinha oitenta por cento da população vivendo nas cidades e, devido ao progresso econômico e ao despovoamento do campo, o território inglês tornou-se um centro emergente de fábricas, poluição, fuligem, subúrbios e uma enorme população pobre e estrangeira urbana que dividia espaço com a elite inglesa (ZACARIAS, 2006, p. 54-55).

Nas cidades inglesas, em especial na metrópole londrina, formou-se um centro de contradições sociais, segundo Coggiola (2015), os pobres aglomeravam-se em cortiços de casas velhas e desconfortáveis, faltava água encanada, sobravam ratos, o esgoto formava riachos nas ruas esburacadas:

Em *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*, redigido em 1843-44, Friedrich Engels descrevia: ‘Não há um único vidro de janela intacto, os muros são leprosos, os batentes das portas e janelas estão quebrados, e as portas, quando existem, são feitas de pranchas pregadas. Aí moram os mais pobres dentre os pobres, os trabalhadores mal pagos misturados aos ladrões, aos escroques e às vítimas da prostituição’ (COGGIOLA, 2015, p. 10, grifos do autor).

Essa numerosa e diversa população londrina mantinha a hierarquização das classes sociais de modo que a classe média manteve-se em expansão e conseguiu assegurar a educação dos filhos, já a classe média alta, em geral, possuía diploma universitário, e a educação e a formação escolar também reproduziam este sistema de imperialismo, superioridade, competitividade e sobrevivência dos melhores.

A questão do moralismo e do conservadorismo, a repressão sexual e a tentativa de controle das mulheres no ambiente doméstico eram fortes em detrimento às massas, que não eram bem vistas aos olhos da burguesia, “pois as novas aglomerações urbanas eram vistas com desconfiança, como potenciais focos de insurreição” (ZACARIAS, 2006, p. 55). Essas convicções de superioridade social, política e moral da aristocracia que idealizaram o pensamento vitoriano e que perduraram até meados do século XIX começaram a ruir; o triunfo do imperialismo britânico esbarrou em problemas e incertezas, o processo de “ocidentalização” das regiões não ocidentais e a submissão ao poderio inglês não se firmaram soberanos para o século XX. Gritos de independência de muitas regiões colonizadas já eram ouvidos.

Esses acontecimentos produziram uma sensação de temor aos ingleses dentro deste contexto de dominante e dominado, desta feita, explorar e tratar com inferioridade os habitantes das colônias inglesas seria uma espécie de defesa contra uma possível dominação dessas pessoas “indesejáveis” aos valores britânicos, como menciona Eric J. Hobsbawm:

A novidade no século XIX era que os não europeus e suas sociedades eram [...] tratados como inferiores, indesejáveis, fracos e atrasados, ou mesmo infantis. Eles eram objetos perfeitos de conquista, ou ao menos de conversão aos valores da única e *verdadeira* civilização, aquela representada por comerciantes, missionários e grupos de homens equipados com armas de fogo e aguardente. [...] numa era em que apenas contavam a força e a tecnologia militar (HOBSBAWM, 1988, p. 118, grifo do autor).

Diante desse cenário, muitos artistas e escritores começaram a demonstrar em suas produções o desencanto com os rumos da sociedade inglesa. Nesse tom, a Inglaterra do final do século XIX foi palco para uma literatura que denotava o desconforto social, escancarava a podridão hipócrita que muitas vezes deixava a aristocracia e a realeza em igual condição de sujeira das ruas e das vielas dos cortiços de Londres. Questionamentos e contestações de valores já impregnados na sociedade passaram a ser esboçados em contos, folhetins, obras e em outros campos literários. Muitas dessas obras souberam representar de forma clara a contestação da legitimidade da premência e do sentimento de superioridade que a elite inglesa acreditava ter sobre os demais povos.

Ver o proletariado sair dos campos contra sua vontade tendo de recolher-se de modo irresponsável e imoral nas grandes cidades, de adequar-se ao novo ritmo de vida, da fome, da miséria e demais degradações de vida que lhes eram conferidas levou escritores a questionarem essa realidade, da “[...] superioridade total do ‘espírito’ sobre o corpo, da ciência sobre a natureza, do patrão sobre o empregado, do pai sobre os filhos, do corpo político sobre as massas, da moral sobre a vida” (JESUS, 2006, p. 84, grifos do autor).

Observamos aqui dois mundos dentro do mesmo país: “nas cidades os nobres se divertiam com as artes e os jogos de apostas, enquanto no campo se dedicavam às corridas, à caça, à pesca e ao tiro ao alvo” (ZACARIAS, 2006, p. 55). Esta frenética rotina da elite vitoriana, por vezes, abalava-se, pois a mesma se deparava com a realidade hostil das ruas infestadas de sujeira e pobreza, o que provavelmente causava desconforto, medo, ou um clima de incertezas e insegurança perante esta realidade.

Outro crítico social, o escritor Charles Dickens, em muitas de suas obras apresentou ao mundo imagens reais dessa sociedade, mostrando o choque de duas vertentes sociais vitorianas, as quais eram completamente opostas: uma minoria esmagava friamente os valores, crenças, religiões, cultura, respeito e dignidade da maioria operária ou dos moradores das colônias inglesas.

Conforme Jesus (2006, p. 81), para muitos críticos da época vitoriana, como Charles Dickens, a Inglaterra em seu auge vitoriano era próspera apenas para a elite dirigente, classe esta que oprimia e explorava de forma intensa o trabalho operário causando mais e mais

miséria. Mesmo porque Dickens conhecia bem a miséria da maioria trabalhadora, a fome, o abandono, as doenças, os crimes e a corrupção que acometiam Londres. Diante disso, muitos pesquisadores, pensadores e escritores vitorianos consideram Charles Dickens uma das figuras mais importantes e expressivas para a literatura de denúncia social,

[...] a literatura de Dickens é quase paradoxal. Ao mesmo tempo que revela a separação dos indivíduos, ela procura elementos comuns a toda humanidade que possam garantir um compromisso entre as pessoas, [...] é a formalização de uma denúncia muitas vezes repleta de ironia e humor negro, dos mecanismos de reprodução das desigualdades, fruto da instauração de uma ordem social competitiva que não se compadece dos mais fracos (JESUS, 2006, p-82).

Dessa maneira, a literatura inglesa do período vitoriano expressou-se também de modo a relatar a realidade inglesa das ruas de Londres, esta, fora o principal alvo de escritos e críticas diretamente ligados à expansão imperialista e às contradições de uma sociedade dividida, fruto da Revolução Industrial. A problemática social apareceu em várias obras de Charles Dickens, como destaca Langland (2002, p. 396): em **Oliver Twist** (1838), romance que denuncia a delinquência juvenil vitimada pelas precárias condições sociais que a Inglaterra impunha aos trabalhadores de chão de fábrica; **Um conto de duas cidades** (1859), em que Dickens descreve a vida da aristocracia em contraste com a pobreza em diferentes situações, ressaltando a problemática da vida moderna após a industrialização; **Conto de Natal** (1843) e muitos outros.

Em **Conto de Natal**, Dickens narra uma lição de moral por meio do protagonista Ebenezer Scrooge, um senhor avarento, antipático e solitário. Scrooge era um dos sócios de um escritório de contabilidade, sendo que seu outro sócio havia falecido há sete anos. O conto se dá na véspera do Natal e Charles Dickens contrasta as alegrias, a generosidade e a união das pessoas nesta data com o mau humor de Scrooge. No conto, Scrooge, ao chegar em casa após o trabalho, recebe a visita do fantasma do então falecido sócio, que vem para alertar ao amigo sobre o sofrimento extremo pelo qual está passando na outra vida devido ao egoísmo e aos erros cometidos, e diz ao amigo vivo que o mesmo receberá a visita de três fantasmas como uma oportunidade de repensar e mudar suas atitudes egoístas para não receber o mesmo castigo quando a morte o abraçar. Nesse processo, Scrooge tem a oportunidade de rever o passado, ver o presente e saber o futuro. Nesse segmento, o conto de Dickens cria uma espécie de reforma, de transformação moral pelo autoconhecimento a que o protagonista é submetido. Podemos salientar que Dickens aborda temas como arrependimento, gratidão, generosidade e salvação da alma humana.

Como Dickens foi um crítico das injustiças sociais de sua época, este conto pode representar também a preocupação com questões como exploração, egoísmo e avareza com que o inglês tratava os colonos e os trabalhadores fabris. Charles Dickens “geralmente atribui um sistema de recompensas apelando para as qualidades humanas [...]. Elementos como compaixão, bondade e honestidade, [...] são para o autor elementos que poderiam garantir uma comunidade humana” (JESUS, 2006, p. 82).

No conto de Dickens, como podemos perceber, esses sentimentos de amabilidade e humanidade para com os outros podem estar no interior de qualquer pessoa, não apenas na véspera do Natal, período em que a solidariedade geralmente se encontra mais a flor das pessoas. Não foi por acaso que o conto data do período conturbado da Inglaterra vitoriana cuja característica era a disparidade social e moral. O escritor vincula a literatura ao contexto social e político da época. Assim, as conquistas do Império Britânico, suas consequências e desconfortos na sociedade continuaram a ser divulgados na literatura, e “Essa literatura percebeu claramente que, ao aplicar a narrativa oficial do vitorianismo à realidade, esta teimava em resistir” (JESUS, 2006, p. 84).

Oscar Wilde foi outro modelo de escritor a desafiar as convenções moralistas vitorianas. Sua obra, **O retrato de Dorian Gray**, soube com excelência retratar o contraste entre a moral vitoriana imposta e a realidade da vida inglesa. Dorian, um jovem burguês dono de rara beleza, leva a vida em busca de saciar seus desejos a qualquer custo, dono de vícios e de uma vida desregrada pelo sexo promíscuo, causou escândalo aos leitores da Inglaterra. Oscar Wilde, ou “O senhor dos prazeres”, segundo Fiuza (2006), trouxe à tona a perda de valores e crenças que o próprio homem vitoriano já vivia, o “que retrataria a própria vida de Oscar Wilde, dividida entre a imagem pública de homem casado, bem sucedido, pai de dois filhos, e uma existência secreta cheia de garotos de programa e paixões homossexuais” (FIUZA, 2006, p.85). O escritor de Dorian, Oscar Wilde, viveu na pele as contradições e a hipocrisia da moral vitoriana. Considerado um verdadeiro dândi, isto é, refinadamente preocupava-se em excesso com a aparência e defendia a arte livre de regras e políticas sociais, fora preso no auge de seu reconhecimento artístico acusado de praticar atos imorais e investir contra os princípios éticos vitorianos. Após, livre da prisão, morreu abandonado, doente e na miséria nas ruas de Londres, um fim que ironicamente ele mesmo denunciara em seus escritos.

Como já mencionado, o período vitoriano foi caracterizado por grandes desigualdades sociais, injustiças, exploração da classe operária aliada ao progresso tecnológico, dúvidas religiosas, início de revoluções sociais, desenvolvimento acelerado

urbano, críticas filosóficas e um conservadorismo em relação ao papel da mulher, esta que vivia dominada pelas convenções patriarcais: submissa ao pai, depois ao marido, presa às responsabilidades domésticas impostas por esta sociedade, ou seja, as mulheres viviam cerceadas por barreiras patriarcais.

Apesar dessa situação, muitas mulheres despertaram para uma vida diferente, mais consciente de seus valores, e encontraram na escrita de romances, mesmo que assinados por pseudônimos, a expressão de anseios de uma vida diferente deste contexto social imposto. Nesse segmento, literatura e realidade também foram alvo do olhar feminino literário, diante disso, Emily Brontë e seu romance **O morro dos ventos uivantes**, de 1847, bem como Mary Ann Evans, cujo pseudônimo era George Eliot, que dentre seus mais reconhecidos romances está **The Mill on The Floss**, 1860, foram alguns nomes que influenciaram significativamente a época vitoriana.

No romance de Brontë **O morro dos ventos uivantes** era a fazenda do sr. Earnshaw. Earnshaw trouxe para morar com sua família Heathcliff, um menino encontrado abandonado. De origem misteriosa, Heathcliff despertou a inveja do filho e o amor da filha de Earnshaw. O romance, como vemos, aborda a questão do amor de uma inglesa por um estrangeiro, um estranho aos olhos do inglês, fato este que destaca a questão do preconceito que os estrangeiros sofriam por parte do imperialismo da Inglaterra e como a mesma tratava suas colônias. O filho do sr. Earnshaw comportava-se como um verdadeiro aristocrata inglês ao desprezar, escravizar e humilhar Heathcliff. Cathy, por sua vez, apaixonou-se pelo estrangeiro, porém, como mulher, especialmente do período vitoriano, viu-se submissa aos valores da moral burguesa e, por conveniência de valores, casou-se com um nobre inglês devido ao mesmo ter título de nobreza, dinheiro e *status*.

A partir desse momento, a escritora Emily Brontë denota a censura a que a mulher era vítima e ao mesmo tempo a condenação à inferioridade com que o estrangeiro ou o imigrante eram tratados pela nação inglesa. No enredo, Heathcliff inicia seu tempo de vingança contra Hindley, irmão de Cathy, que o humilhou e o escravizou depois que o sr. Earnshaw faleceu, e contra as convenções sociais do período vitoriano: de desvalorizar, explorar e tratar com indiferença o estrangeiro, o diferente do inglês. Mesmo que para isso Heathcliff acabe reproduzindo a mesma ordem social da qual ele fora vítima, já que repetiu as relações de interesse e poder que a sociedade burguesa da era vitoriana mantinha contra as classes mais pobres ao tratar com total desprezo e vingar-se da família inglesa que o acolhera.

Sendo assim, Heathcliff reflete os abusos que a burguesia capitalista inglesa mantinha com os demais estrangeiros ou colonizados por seu vasto império. Cathy, ao abrir mão de seu

verdadeiro amor por interesse, acaba também reproduzindo a cultura patriarcal e imperial inglesa, e a escritora Emily Brontë sinaliza como saída ou fuga desse sistema rígido contra as vontades e desejos femininos a morte da personagem. Do mesmo modo, George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans em seu romance **The Mill on The Floss**, retratou sua protagonista, Maggie Tulliver. Maggie, por ter um relacionamento conturbado com o irmão, Tom Tulliver, também se apaixonou por um inimigo da família Tulliver e o desfecho dessa trama foi a morte de Maggie e do irmão Tom. Então, ao rever as duas personagens, Maggie Tulliver e Cathy, compreendemos os conflitos de raça, de gênero e de classe social que os estrangeiros sofriam por parte dos britânicos. Conforme evidencia Langland (2002), o olhar e as páginas da crítica feminina a respeito da sociedade vitoriana concomitante aos recentes desenvolvimentos nos estudos culturais foram além, sem mostrar sinais de fraqueza:

Apesar de Marian Evans sentir que sua reputação como uma mulher ‘caída’ na Inglaterra Vitoriana poderia comprometer o público leitor e a reputação por sua ficção, ela cresceu rapidamente em sua vida para se tornar uma das mais referenciadas figuras do fim da Inglaterra Vitoriana (LANGLAND, 2002, p. 396-397, grifos do autor, tradução nossa).⁵

Percebemos assim que George Eliot, Emily Brontë, Jane Austen e outras escritoras desse período, além de marcarem a presença feminina na literatura, desafiaram o patriarcalismo marcante dessa época. Romantismo e inspiração que trouxeram à tona sentimentos e valores das mulheres tão tolhidas pelo sistema, abrindo caminho para futuras escritoras retratarem a realidade não só do ambiente feminino, mas de toda a atmosfera que oprimia os pobres e a maioria das mulheres desse período.

Como visto, a Inglaterra, especialmente Londres, somada à engenharia, à tecnologia e aos maquinários voltados ao próprio desenvolvimento, à mão de obra barata e excedente, pioneira na propagação de ferrovias, ao crescimento e à exploração da população urbana conheceu também o choque cultural: crenças, religiões, costumes, e tradições populares estranhas e insólitas aos ingleses foram repassadas às páginas de livros. As classes mais exploradas, a metrópole londrina, as disparidades da sociedade vitoriana, a ostentação da burguesia de um lado oprimindo e explorando e a miséria de muitos de outro, todas essas contradições, a imposição de uma moralidade, o casamento, a formação da família e da mulher, enfim, todo o compromisso vitoriano, toda revolução das máquinas, das ciências e do

⁵Although Marian Evans early felt that her reputation as a “fallen” woman in Victorian England might compromise the readership for and reputation of her fiction, she rose quickly in her lifetime to become one of the most revered figures in late Victorian England (LANGLAND, 2002, p. 396-397).

humano tornaram-se foco das lentes de olhares de críticos, estudiosos, artistas, escritores e escritoras.

A virada do século XVIII para o XIX na Inglaterra apresentou um espetáculo social e político que chamou a atenção do universo literário, e, assim, escritores e escritoras, posicionaram-se criticamente a respeito dessa desenvoltura social, e, então, possibilitaram o desenvolvimento de uma literatura com vertentes Góticas e de Ficção Científica que contribuiria para a formação de uma nova era literária no mundo ocidental.

Esta literatura abordou com primazia o choque cultural entre o colonizador europeu e o colonizado, os preconceitos racistas marcantes do colonialismo com a pretensa superioridade dos europeus em relação aos demais povos, as divisões de classes sociais, as ansiedades que a Inglaterra vitoriana sofria neste momento de revoluções científicas, industriais e sociais frente ao temor de sofrer a colonização das classes consideradas inferiores, como a mesma fazia aos estrangeiros, colonos e demais raças não europeias.

Nesse aspecto, essa nova fase literária reascendeu o fenômeno de uma vasta série de obras, como as de nosso *corpus*, **Drácula** e **A Guerra dos Mundos**, em que vertentes do Gótico e da Ficção Científica imbricaram-se a essa nova reorganização social advinda das transformações políticas e sociais do ambiente imperialista, desse modo, estas vertentes interligaram-se em resposta às inquietudes, à contestação e à decaída de alguns preceitos dessa agitada sociedade vitoriana, o que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: DAS TREVAS ÀS LUZES - DO GÓTICO À FICÇÃO CIENTÍFICA

2.1 O Gótico e a questão social

A classe burguesa europeia, durante o período colonialista e expansionista, assistiu ao sólido império inglês próspero e de expectativa crescente sofrer com as questões humanitárias. Se Londres abrigava a maior população, é evidente que sofreria as consequências de um crescimento desordenado e sem planejamento. A força das indústrias que geravam capital por meio da mão de obra operária barata e abundante viu a miséria, as doenças, o desemprego e os crimes assolarem a grande Londres.

Reflexo dos avanços científicos deste período, a Inglaterra vitoriana começa a assistir à perda de qualidades, valores e a um esvaziamento religioso que entra em uma conjuntura decadente marcada pelo racionalismo científico. Aquela convicção de “superioridade inglesa divina” (FUSER, 2006, p. 3) perante os demais povos e países começa a ruir. É neste ambiente, impactado pelos efeitos e consequências da Revolução Industrial, das ideias Darwinistas, do avanço das ciências, dos fantasmas do império, que se observa tanto a ascensão do gótico literário, herdeiro do romance gótico do século XVIII e do gótico romântico de início do século XIX, quanto do Romance Científico, precursor da Ficção Científica. Obras como **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886), de Robert Louis Stevenson, e **O retrato de Dorian Gray** (1891), de Oscar Wilde, e de críticos sociais como Charles Dickens, entre outras, expunham o desânimo e a decadência de valores ordenados pelo sistema moral opressor vitoriano, ao mesmo tempo em que **A máquina do tempo** (1895), de H. G. Wells, celebrava o fascínio do homem vitoriano pelas possibilidades que as ciências ofereciam.

A este ambiente decadente de alguns valores e de contestação de outros, decorrente do impacto das ideias darwinistas, do início de pesquisas científicas e do enfraquecimento do sentimento religioso, conectamos nosso *corpus* **Drácula**, de Bram Stoker, e **A Guerra dos Mundos**, de H. G. Wells, que, igualmente exemplificaram o renascimento do Gótico e da Ficção científica de final de século, com personagens que criticavam a hipocrisia das relações humanas da Era Vitoriana, e que hesitavam entre a moral vitoriana e a realidade inglesa (BOTTING, 1997, p. 142).

No campo do gótico, o personagem Dorian Gray, da obra de Oscar Wilde, por exemplo, era a contestação viva dos valores morais vitorianos, já que era um jovem de vida

desregrada e promíscua, igualando a burguesia ao mesmo patamar considerado inadequado pela moral vitoriana: imoralidade, vícios inerentes à sobrevivência da pobreza. Nessa direção, muitos artistas e escritores perceberam essa nuvem escura que atingia a moral inglesa e encontraram no gótico a base para a questão do Outro, do diferente da supremacia inglesa. Ser diferente, estranho aos olhos do inglês passou a ser tema característico em muitas obras góticas. Como expressa Snodgrass (2005), aliada às novas tendências sociais, “a postura decadentista marcou esta sociedade de forma significativa, tomando forma dentro desse desenvolvimento de consciência própria e descrença dos padrões, onde a artificialidade se arrasta modificando os gêneros de modo diferentes a que se serviam” (SNODGRASS, 2005, p.71, tradução nossa). Nesta mesma linha, Barbara Spackman (2007) explica que:

Em outras palavras, a arte e a literatura produziram como parte do movimento Decadente uma recusa em permitir que a sociedade finja que possa saber de uma realidade objetiva ou que o progresso de alguma ideia sustentável é manejável. Do Latim “decadere”, significa cair, decair foi primeiro comumente usado para descrever uma sociedade que apodreceu, caindo do estado saudável para um estado ético e físico falido (SPACKMAN, 2007 apud RUDDICK, 2007, p.33, grifo do autor, tradução nossa)⁶.

Esse elemento de uma “sociedade que apodreceu” também se vincula ao gótico no sentido de estar ligado a um passado que se manifesta no presente. Considerando essa ligação, o gótico, segundo descreve Botting, surge na obscuridade do final do século XVIII para assombrar o desespero e o pessimismo do idealismo romântico e do individualismo em que a burguesia se encontrava, além da dualidade do período vitoriano e sua decadência (BOTTING, 1996, p.1). Assim, a literatura gótica caminhou quase que de mãos dadas com a realidade social, política e cultural da época. Ansiedades, medos, decadência de valores, transgressões, confusão, o encontro com o diferente, dentre outras variantes sociais fortaleceram as raízes góticas na Inglaterra,

As escritas góticas permanecem fascinadas por objetos e práticas tidas como negativas, irracional, imoral e fantástica. Em um mundo que, desde o século dezoito, tornou-se mais que secular, a falta de uma estrutura religiosa fixa assim como as mudanças sociais políticas significou que a escrita Gótica, e sua recepção, passou por transformações significantes. Os excessos do Gótico, nada menos, a fascinação com a transgressão e a ansiedade sobre os

⁶ In other words, art and literature produced as part of the Decadent movement refuse to allow society to pretend that it can know one objective reality or that progress to any sustainable ideal is even manageable. From the Latin ‘de cadere’, meaning ‘to fall away’, ‘decadence’ was first commonly used to describe a society as it decayed, falling from a state of health and prosperity to one of physical and ethical ruin (SPACKMAN, 2007 apud RUDDICK, 2007, p.33).

limites e fronteiras culturais continua a produzir emoções ambivalentes e significados em seus contos sombrios, desejo e poder (BOTTING, 1996, p.1, tradução nossa)⁷.

Observamos, então, que a Inglaterra setecentista, ao abrir as portas para o ceticismo dos pensadores iluministas, teve como hóspede a literatura gótica em resposta a esse racionalismo e à racionalização do homem gerados pela revolução das máquinas, desenvolvimento das ciências e crescimento das cidades.

Mas, afinal, por que Gótico? Em verdade, o próprio rumo que a sociedade vitoriana tomou em meio à expansão colonialista, ao conjunto de criações, de descobertas científicas e avanço social acabou por referenciar esta passagem tão marcante do gótico na questão da reorganização dessa sociedade de fim de século XVIII.

Botting (1996) alega que, as escritas e as personagens do gótico ressurgem para não só questionarem o sistema vigente, como também para responderem a ele. Assim, o gótico traz consigo os excessos, as transgressões sociais e a crítica desse período. Em meio à obscuridade do final do século XVIII, assombrada pelos discursos racionais, a atmosfera gótica de mistério evocava simultaneamente emoções, terror e prazer, assombrava e escurecia o progresso da modernidade com narrativas que mostravam o aspecto negativo das transformações sociais e dos valores humanos, valores estes ameaçados pelo sobrenatural, pelos excessos, pelas decepções, pelas transgressões, pela desintegração mental e espiritual (BOTTING, 1996, p. 1-3). Assim, monstros, demônios, esqueletos, aristocratas, como nosso conde Drácula, heroínas desfalecidas, pais, maridos, cientistas, entre outros, foram sugestões de personagens da imaginação gótica.

Além disso, o gótico já invocava um passado de práticas de barbárie agregado à selvageria, ao atraso, à não civilidade, visto que o povo godo foi considerado responsável, ao lado de outros povos e tribos, por atacar o Império Romano, que na época de sua queda já era cristão e guardião da cultura ocidental (BOTTING, 1996, p.15), e, concorde o *Dicionário de Termos Literários*:

[...] a palavra gótico tem origem numa tribo germânica, os Godos, que por volta do século II a.C. tinha se instalado nas margens do Báltico. Esta palavra entra no vocabulário significando germânico e mais tarde, com o Renascimento e o Iluminismo, medieval. Gótico seria tudo o que dissesse

⁷ Gothic writing remains fascinated by objects and practices that are constructed as negative, irrational, immoral and fantastic. In a world which, since the eighteenth century, has become increasingly secular, the absence of a fixed religious framework as well as changing social and political conditions has meant that Gothic writing, and its reception, has undergone significant transformations. Gothic excesses, none the less, the fascination with transgression and the anxiety over cultural limits and boundaries, continue to produce ambivalent emotions and meanings in their tales of darkness, desire and power (BOTTING, 1996, p.1).

respeito à Idade Média, vista como a Idade das Trevas e associada à brutalidade, às superstições e ao feudalismo (CEIA, p. 268).

Esse legado um tanto pejorativo da Idade Média que conecta o gótico a ideais de barbárie e de práticas supersticiosas, em tempos remotos, trouxe partes do passado para o discurso dos escritos góticos do século XVIII, porém, de modo mais expansivo, associando outras características, mais extravagantes, supersticiosas, fantasmagóricas e transgressoras, e, com o decorrer dos anos, adornadas com certo grau de sofisticação, tornando o gótico uma grande corrente estética desse fim de século.

Todas essas combinações de social e não social, puro, impuro, racional e irracional, primitivismo e paganismo ligadas ao gótico, ajudaram a fomentar, séculos depois, muitas histórias concentradas na esfera gótica, e o final do século XVIII assistiu ao ressurgimento dessa ficção de forma expressiva. O romance **O Castelo de Otranto**, de Horace Walpole (1764), concebido dentro do contexto iluminista do Século das Luzes e em oposição ao discurso racionalista da época é considerado uma clássica e distinta obra gótica. Publicado inicialmente de forma anônima, este romance trouxe para a literatura a fantasia, o terror e o sobrenatural relacionados com o poder, assim, monstros, castelos assombrados, masmorras, aristocratas malignos e excessos imagéticos e literários compuseram o romance.

Nesse sentido, com o horror e o espaço sinistro dessa obra, Horace Walpole foi um dos nomes a impulsionar a continuidade desse tipo de romance e de “uma forma definitiva se tornar o verdadeiro fundador da história de horror literária como forma permanente” (LOVECRAFT, 2008, p.26).

O resultado foi o surgimento de uma nova vertente romanesca que se disseminou no fim do século XVIII, alcançando novas formas durante a primeira metade do século XIX, dentro do discurso romântico, e que alcançou as últimas décadas da Era Vitoriana em perfeita sintonia com a realidade vivida pelos segmentos da sociedade inglesa, e se tornou uma espécie de veículo tradutor das ansiedades e das inquietações sociais, principalmente, da elite inglesa.

Outro fator determinante nessa crescente gótica foi o rápido desenvolvimento e crescimento das cidades inglesas, o que estimulou uma prosa de ficção atrelada a essa nova roupagem das cidades e seus mais variados habitantes. Esse espaço urbano e seus moradores foram então transformados em personagens dos enredos dessa vertente. Não foi por acaso que as temáticas góticas rapidamente alcançaram o público inglês. Apesar da classe operária das indústrias ser formada principalmente por analfabetos ou semianalfabetos, este quadro foi mudando com o passar do tempo devido à melhoria das condições sociais e ao fácil acesso à

leitura de jornais, revistas e folhetins. Ao mesmo tempo, bibliotecas públicas foram timidamente sendo abertas na Inglaterra vitoriana, mesmo que para a classe pobre a leitura fosse feita no escasso tempo livre. Como reforça Brantlinger (2002, p. 33-35), essas leituras passavam pela crítica de alguns e pela defesa de outros. Nessa proporção, a literatura foi se alastrando por meio dos chamados *penny dreadfuls*, por serem leituras baratas e atingiram em cheio o gosto das classes baixas, ao mesmo tempo em que muitos os acusaram de serem responsáveis por incentivar o aumento da criminalidade nas cidades. E, então, a literatura passa a saciar o gosto pelas leituras e a representar a própria sociedade inglesa em suas diferenças sociais. Não obstante um entretenimento, a literatura aliada ao gótico consegue representar com excelência a podridão e a lama em que a sociedade inglesa com sua expansão imperialista estava mergulhada.

Se a industrialização trouxe o enriquecimento de uns por meio da exploração da maioria, as cidades cresceram, e junto a esse desenvolvimento cresceram também as desigualdades, a sujeira nas ruas e a alma do explorador. Em contraste com a vida da burguesia aristocrata, cuja riqueza proporcionava lazer, bailes de gala e esportes, ou seja, o desenvolvimento de uma vida urbana ostentada pela preocupação com o jogo da aparência da moral vitoriana, esta mesma elite defrontava-se com a incômoda realidade da pobreza da grande classe operária (ZACARIAS, 2006, p. 55).

Neste ambiente agitado, a cidade de Londres, com seus labirintos de vielas sujas, escuras, povoada de gente pobre, doentes, criminosos, estrangeiros, escondia muitas atrocidades, e este “império gótico” passou então a descrever o perigoso encontro entre colonizador e colonizado. Tudo isso, influenciado pelos avanços científicos e pelo Darwinismo e sua revolução causada pelas teorias de que o homem como outro animal sofre metamorfoses para adequar-se melhor ao meio, ajudou a enfraquecer a fé na religião e outros valores sociais da época. Desse modo, muitos escritores se alimentaram dessas disparidades e produziram obras com traços góticos em resposta ao prepotente *status quo* do imperialismo britânico.

Como expressa Hurley (2002, p. 194-195), o período vitoriano, além de presenciar essas transformações políticas, sociais e morais, passava por discussões, como, por exemplo, sobre a antropologia do crime. Teoria esta que argumentava sobre como nasciam os criminosos, como estes marginais carregavam características de seus ancestrais e as apresentavam em seus corpos. Características como queixo pontiagudo ou saliente, cabeça achatada e membros grandes que lembravam primatas traçariam a fisionomia de possíveis criminosos degenerados, estes seriam acusados de retrocesso e selvageria. Ou, ainda, certas

desordens físicas ou nervosas geradas pelo mundo industrial e pela vida urbana poderiam contaminar ou até mesmo se espalhar pelo simples contato.

Por assim dizer, essas degenerações sociais eram mais um problema na vida urbana inglesa, num contexto social em que o sexo era reprimido e os desejos libidinosos contidos, principalmente para as mulheres. Além do mais, a civilização inglesa era formada por uma variedade étnica grande o que tornava fácil aceitar considerações científicas para responder a problemas de estruturas sociais, já que o diferente do inglês poderia ser encaixado ou diferenciado em classes. As pessoas eram divididas por classes: classes primitivas, outras criminosas, outras mais bestiais, doentes, seguiam na linha do preconceito com o Outro, ou seja, com o estrangeiro, com o estranho, que não correspondia à nação britânica. Estas teorias ajudaram a identificar e a justificar categorias como desviantes do *status quo* inglês.

Diante dessa lógica, as obras **Drácula**, **O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde** e **A Guerra dos Mundos** compartilharam deste cenário: a primeira por trazer um ser sobrenatural, vampiro, originado do folclore do leste europeu. É importante aqui relembrar que a este ambiente foi atribuída uma fama anticristã e criminosa, como já denotamos, visto que, para a Inglaterra, variantes de desvio da norma difundida pela rainha Vitória eram consideradas perversões abomináveis. Então, não seria de estranhar que o vampiro escolhesse Londres para contaminar os ingleses com sua libertinagem e devassidão, um fantasma para subverter valores e a hipocrisia vitoriana. Já a obra **Dr. Jekyll e Mr. Hyde** retratou, dentre suas leituras, a divisão da consciência humana em pecado e moral, trazendo à tona os desejos, os fantasmas, os vícios, a transgressão de valores com os quais o ser humano está envolvido, e **A Guerra dos Mundos** por trazer a discussão da dominação imperialista inglesa.

Ao refletir sobre esse processo social e de produção literária da Inglaterra neste fim de século XIX, percebemos um tom de preconceito social por meio da divisão da sociedade em ricos e pobres, temperado com um toque de pavor ou medo do colonizador ver-se refletido no colonizado. Desta maneira, a existência de um gênero literário que serviu para representar a sociedade urbana inglesa e seus paradoxos foi marcada tanto pela exploração e escravidão dos colonos quanto pela fobia do colonizador em tornar-se colonizado, pois essa massa explorada também incomodava o império inglês ao transgredir padrões e ultrapassar as fronteiras da realidade. Nesse panorama, o gótico serviu como um condutor, como um alerta social para a aceitação ou rejeição das transformações que a virada do século XVIII para o XIX particularmente proporcionou, sob a luz de pensadores, no palco da industrialização, da formação de classes diferentes, “assombradas” pelos problemas gerados pelo início da modernização e do desenvolvimento urbano. Nesse contexto, o gótico, de forma direta ou

indireta, foi entendido como um gênero que surge em tempos de estresse e inquietudes a fim de negociar as ansiedades que a própria modernidade gerou no homem.

Nessa condição, notamos que o gótico acompanhou as mudanças e as contradições históricas que a sociedade sofria, e esse processo ajudou na consolidação de uma literatura que respondia e correspondia às transformações da humanidade. O avanço tecnológico e científico impulsionado pela Revolução Industrial, aos poucos, atingiu campos de uma distinta produção literária que persiste até hoje, capaz de entender e exteriorizar os mistérios e a complexidade da alma humana que o período vitoriano tentava tolher. Embora a elite do período vitoriano tentasse ignorar a decadência de seus valores, o gótico já se alicerçava como representante dessa decadência e transgressão de valores, anseios, desejos reprimidos, sugerindo que os homens eram um tanto mais complexos que os padrões exigidos da época.

2.2 - A Ficção Científica e a questão social

Como evidenciamos, as grandes mudanças socioculturais na Inglaterra vitoriana somadas ao desenvolvimento científico, às ideias Darwinistas, às novas descobertas tecnológicas, enfim, ao século das descobertas, também foram palco de produções literárias que acompanharam estas descobertas e suas implicações sociais. Ao mesmo tempo em que tantas produções góticas acompanharam a evolução social inglesa, a ficção científica igualmente foi gerada em meio a essa turbulência de inovações técnicas e das ciências que mudariam para sempre a humanidade. Nesse contexto, o Gótico e a Ficção Científica seriam: “A conjunção de dois gêneros híbridos compostos de uma literatura diversa e precursores míticos que cria monstruosidades: seres estranhos e perturbadores – e as emboscadas do submundo no limite do conhecimento moderno” (BOTTING apud SEED, 2005, p.111, tradução nossa).⁸

Desse modo, ambos, gótico e ficção científica, interpretariam as ansiedades e desejos desse mundo em formação no século XIX, monstros como metáforas para mostrar ou advertir para o que está/irá acontecer.

A definição do conceito “ficção científica” é um tanto arriscada, pois acompanha as crenças, as atitudes, os avanços tecnológicos, científicos pré e pós-Revolução Industrial, as

⁸ The conjunction of two hybrid genres composed from diverse literary and mythical precursors breeds monstrosities: strange beings and disturbing other – and underworlds lurk at the limits of modern knowledge (BOTTING apud SEED, 2005).

transformações do mundo e seus efeitos colaterais na sociedade. Assim, algumas tentativas de definição nunca contemplam a totalidade, muitas vezes, são contrariadas por outras ou mesmo acrescidas de informações inerentes a esta vertente. Apesar da busca por uma explicação da expressão ficção científica ser grande, a que nos cabe neste trabalho como mais útil é, como relata Kinsley Amis, em seu livro **New Maps of Hell** (1961), em defende ficção científica como um tipo de narrativa derivada de “alguma inovação na ciência ou tecnologia, ou pseudociência ou pseudo tecnologia” (AMIS, 1961, p.14).

Para Kerslake (2007, p.1), a ficção científica vai além, e é percebida como um gênero fabuloso, fora dos padrões, um gênero que lida com os extremos da imaginação humana, não sendo apenas um gênero reduzido às criaturas exóticas ou de outros mundos, mas, sim, que se abre para uma vasta gama cultural de discursos. Nesta variedade de discursos culturais é que descobrimos o poder deste gênero e sua contribuição para a formação de uma autoconsciência humana.

Como não podemos ignorar que o desenvolvimento tecnológico também impulsionou o desenvolvimento urbano e popularizou a leitura para a grande massa operária, a visão da ascensão das ciências e suas consequências, neste período, também inquietou pensadores, escritores, críticos e demais estudiosos do momento. Edgar Allan Poe, um dos mais importantes autores americanos do gótico, foi um dos pioneiros a indagar em seus escritos sobre os avanços científicos e a vida humana. Em **Sonnet – to Science** (1820), Poe estabelece sua indagação a respeito do progresso das ciências e do racionalismo em detrimento dos sonhos e fantasias humanas. Já em o **Estranho caso do sr. Valdemar** (1845), Poe critica de modo grotesco as teorias de caráter científico da época até então estudadas e creditadas, como o mesmerismo.

Essa conexão entre as novidades científicas e o homem foram sendo especuladas por outros escritores e escritoras, como Mary Shelley, em **Frankenstein** (1818), a criatura secular, fruto de experimentos e originada em laboratório, que representou as contrariedades das descobertas científicas ao mostrar aos leitores uma mistura de ciência aliada ao gótico, além da ameaça ao casamento, à família, em outras palavras, à estabilidade inglesa imposta.

O francês Julio Verne, do mesmo modo, explorou as novidades científicas mesclando ciência à preocupação com o verossímil, “Verne fez a mais convincente tentativa do século dezenove para importar a medida da verossimilhança”⁹ (STABLEFORD apud

⁹ Verne made the most convincing nineteenth-century attempt to import a measure of verisimilitude into an extraterrestrial voyage in *De la terre à la lune* (*From the Earth to the Moon*, 1865), (STABLEFORD apud JAMES; MENDLESOHN, 2003, p. 20).

JAMES; MENDLESOHN, 2003, p. 20, tradução nossa), em sua obra sobre uma viagem extraterrestre denominada **Da Terra a Lua** (1865).

Aos poucos, este gênero foi se expandindo e outros escritores surgiram explorando a temática não apenas do presente como também do futuro. Desse modo, face a essa conjuntura de transformação histórica da Inglaterra, do apogeu da construção do Império Britânico sem dar chance ou escolhas aos colonizados, encontram-se ambos, colonizador e colonizado, refletidos nas narrativas e na literatura deste cenário, até mesmo porque não poderiam ser deixados de lado neste processo.

Diante desse desenvolvimento, os escritores miravam a sociedade para suas produções literárias a fim de expressarem a nova vida moderna e as contradições que esta modernidade gerava na humanidade, como Botting, que retrata a ligação entre ficção científica e sociedade, “Gótico e Ficção Científica são feitos complexos e contraditórios da modernidade, amarrados nas metáforas e práticas com as quais transformam o mundo” (BOTTING apud SEED, 2005, p.114, tradução nossa).¹⁰

Se a ficção científica ganhou amplo espaço como mais um resultado natural da Revolução Industrial, a qual estabeleceu novos parâmetros políticos, econômicos e sociais refletidos até hoje, é claro que toda a sociedade desta época, cada cidadão, seria mais um personagem a ser observado, servindo como ponte entre a realidade e a ficção, uma vez que esta literatura soube consolidar o imaginário do homem e sua relação com o espaço e com outros possíveis mundos.

Esta preocupação com o pensamento científico e seus efeitos na sociedade marcou o fim do século XVIII e chegou ao XIX no ocidente. De fato, esses acontecimentos narrados em histórias que misturavam ciência, viagens extraterrestres, personagens de outros mundos fizeram bastante sucesso junto ao grande público vitoriano, em especial a classe média, que se via herdeira deste futuro promissor. Nesta nova tendência de produções, em que os escritores produziam olhando para o futuro, além de viagens futuristas, as guerras futuristas entraram nesse cenário e vários escritores popularizaram essas histórias, dentre eles, o londrino Herbert George Wells, conhecido como H. G. Wells. Mesmo que essa nova modalidade de produção voltada às descobertas científicas tenha se iniciado antes de H. G. Wells, o mesmo contribuiu grandemente na exploração desse novo questionamento sobre como seriam outros mundos, influenciado fortemente pela emergente ciência, pela questão expansionista e colonizadora inglesa e seus efeitos na sociedade.

¹⁰ Gothic and science fiction are complex and contradictory effects of modernity, bound up in the metaphors and practices with which it transforms the world (BOTTING apud SEED, 2005, p.114).

Essas especulações sociais baseadas no desenvolvimento humano já existiam antes mesmo da Revolução Industrial, porém, fortaleceram-se na sociedade europeia durante os séculos XVIII e XIX. Como cita Silva (2008, p.23), o livro **As Viagens de Gulliver** (1726), do irlandês Jonathan Swift, é um desses casos, ao mostrar uma ilha voadora habitada por matemáticos alienados perdidos em suas teorias, constituindo-se como uma crítica aos pensamentos abstratos, sem aplicabilidade social.

Diante de todas essas incertezas, das transformações que o pensamento científico provocavam, a crítica ao papel que as ciências desempenhariam na sociedade enraizou-se de vez nos escritores. Além de Mary Shelley, que enxergou nas ciências poder e perigo, também Herbert George Wells trouxe reflexões acerca das ciências e da sociedade. De acordo com Assis (2005, p.4), “se existe um nome ao qual cabe dizer que foi um explorador do futuro, este é sem dúvida, Herbert George Wells”, pois soube explorar a ciência usando a imaginação, não tinha prioridade em examinar a ciência de seu tempo com rigor, a usava para o discurso, um discurso envolvido em fantasias relatando as implicações das reviravoltas científicas numa sociedade que superlotava as cidades de forma catastrófica durante o período pós Revolução Industrial. O crescimento das produções sobre ficção científica como uma forma de divertimento das massas, além de fomentar o desenvolvimento comercial das indústrias de impressão, trouxe mais publicações sobre a ficção científica como gênero emergente (ASSIS, 2005, p. 5-8).

O crescimento acelerado e desordenado das cidades que gerou imensos bairros miseráveis ou bairros de trabalhadores vivendo no limite da pobreza, a insegurança social devido às grandes aglomerações de pessoas pobres, a perda da força do trabalho humano para as máquinas cada vez mais complexas, as imagens sombrias das guerras, do homem *versus* máquina, todo esse frenesi dos avanços técnicos e científicos viraram temas dos escritos de Wells. Desse modo, a literatura de massa avançou, pois, um crescente número de trabalhadores já lia e passava grande parte do tempo livre comprando essa literatura de papel mais barato, o que propagou ainda mais a indústria de papel e impressão.

Porém, o círculo de Wells, conforme Suvin (1979, p. 208), era baseado numa visão terrível da novidade, a da perspectiva de evolução sócio biológica da humanidade. Para Wells, esta novidade de uma população aumentando e aglomerando-se de forma desordenada nas cidades ameaçava a tranquilidade do ambiente Vitoriano.

O desconforto e a ansiedade perante as massas fez com que Wells criasse em muitas de suas obras criaturas imaginárias, que exterminavam a superpopulação urbana, como exemplo, a obra **A Guerra dos Mundos**, em que praticamente toda a população londrina fora

dizimada por alienígenas. De certo modo, Wells defendia a hegemonia da classe média vitoriana e percebia nas massas operárias e na grande pobreza de Londres um crescimento prejudicial que ameaçava a supremacia britânica. A partir desta perspectiva, Suvin (1979, p. 220, grifos do autor, tradução nossa) sustenta que:

Ele inventou uma coisa nova sob o sol na história sobre viagem no tempo tornada plausível ou verosímil pela física. Ele codificou, para o melhor ou pior, as noções de invasões do espaço, [...] a degeneração biológica ou social, a quarta dimensão, o futuro das metrópoles, a plasticidade biológica. Junto com os romances científicos de Verne, os “romances científicos” de Wells e as curtas histórias tornaram-se uma forma privilegiada na qual a ficção científica admitiu-se uma cultura oficial [...]”¹¹

Contudo, a ficção científica também serviu para “orientar” o futuro da humanidade, muitos romances de Wells questionavam “a invasão” de outros povos na Europa e traziam em seu teor uma crítica tanto à questão desta invasão estrangeira quanto à questão do estrangeiro contaminando o europeu. Deste modo, a invasão e o choque cultural vistos por ambos os lados, do colonizador e do colonizado, foram questionados e explorados por Wells. Até mesmo porque a expansão do Império Britânico sobre os demais continentes se deu de forma violenta, e, no entanto, este império também foi palco, em especial após a Revolução Industrial, da influência do estrangeiro e dos colonizados.

Mas foi principalmente a “invasão” e o crescimento acelerado das massas que deixaram o imaginário de Wells agitado. Nesta leitura, Carey (1993) aponta que a superpopulação mundial foi um dos pontos analisados e criticados por Wells: “Em suas obras de não ficção, Wells comprometeu-se com a formulação de maneiras de evitar esse terrível futuro e controlar a população mundial. [...] O problema principal era a massa da humanidade de baixa categoria” (CAREY, 1993, p. 119).

Impulsionado pelas teorias de Darwin sobre a seleção natural e a evolução das espécies, Wells desacreditava que essa massa de gente inferior progredisse. Em sua obra, **Nova República**, ele defende uma sociedade evoluída por meio da procriação de pessoas refinadas e da dificuldade de procriar tipos baixos e servis, pois, de acordo com as teorias de sobrevivência do mais capaz de Darwin, a natureza já os eliminaria de algum modo de forma

¹¹ He invented a new thing under the sun in the time travel story made plausible or verisimilar by physics. He codified, for better or worse, the notions of invasion from space and cosmic catastrophe (as in his story “The Star,” 1899), of social and biological degeneration, of fourth dimension, of future megalopolis, of biological plasticity. Together with Verne’s roman scientyique, Wells’s “scientific romances” and short stories became the privileged form in which SF was admitted into an official culture... (SUVIN, 1979, p.220).

a acabar com as fraquezas e a tolice dessa geração, fato este que seria moral e justo (CAREY, 1993).

Do mesmo modo que o poderio inglês espalhou e colonizou grande parte do mundo impulsionado pela Revolução Industrial seguida por descobertas tecnológicas e científicas, tal colonização, além de transformar o cenário da Inglaterra, também experimentou o contato com o diferente e suas diferenças culturais, porém, os ingleses, apoderados pelas teorias Darwinistas, em que os mais fortes sobreviveriam, defenderam a visão de que estas diferenças eram compreendidas como inferiores, atrasadas e servis. Nessa percepção, alguns temas da ficção científica contribuíram como um gênero distinto que refletia a ideia de que o ocidente é superior e está acima dos demais. Assim, o encontro com as diferenças, com os outros, com outras tradições, outras culturas, outras línguas haveria de ser erradicado, como uma forma de defesa contra a contaminação e a ameaça de outros povos à soberania britânica.

A ficção científica, neste aspecto, conforme manifesta Roberts (2006), denota o subconsciente desta ideologia em que o Império Britânico se auto afirma como modelo de comportamento civilizado (ROBERTS, 2006, p.49). Igualmente ao modelo vitoriano que deveria ser seguido por toda Grã Bretanha como exemplo de civilidade, decência e padrão de vida, muitas produções de ficção científica também serviram ora como críticas à mentalidade elitista da época, ora como reflexões acerca das novas descobertas, das máquinas e do humano.

De um modo geral, a ficção científica soube espelhar uma variedade de temas como viagens futuristas, mutações biológicas, cidades futuristas, guerras, invasões alienígenas, máquinas de viajar no tempo, enfim, uma combinação de ciência, tecnologia, sociedade e muita criatividade. Deste modo, a modernidade e o império científico e tecnológico ganharam espaço para demonstrar a insegurança que o próprio conhecimento do início da modernidade causou.

Assim, muitos pensadores e escritores do gótico e da ficção científica, como Bram Stoker e H. G. Wells, que serão brevemente destacados a seguir, incitaram reflexões na sociedade ao lançarem obras que repercutiam a convivência social. A realidade, as mudanças ocorridas na virada do século XVIII para o XIX e o acelerado ritmo das cidades traziam a urgência de se pensar no futuro, na política, na decência, nos valores morais, no confronto entre classes e culturas diferentes, dentre outros aspectos.

Desse modo, indivíduos da vida real inglesa passaram a ser mostrados de forma metafórica em personagens deste ou de outros mundos, como o vampiro vindo do leste Europeu, ou os marcianos, a fim de refletir as mudanças que a vida vitoriana experimentava.

No capítulo a seguir apresentaremos as obras **Drácula** e **A Guerra dos Mundos**, seus protagonistas e sua influência na sociedade, personagens que, ao mesmo tempo, aterrorizaram e revelaram algumas inconstâncias políticas e sociais da Inglaterra vitoriana dentro das nuances das vertentes do Gótico e da Ficção Científica, respectivamente.

CAPÍTULO 3: NAS SOMBRAS DO IMPÉRIO

3.1 Bram Stoker

O cenário de personagens híbridos com formas simultaneamente humanas e sobrenaturais foi um marco na literatura *fin de siècle*. Novas ideologias, mudanças sociais, avanços nos conhecimentos técnicos e científicos transformaram de vez a sociedade, resultando numa literatura que soube abranger todas essas mudanças e as expectativas por elas geradas no ambiente vitoriano. Muitos escritores, dentre eles, Bram Stoker, representaram de forma singular a ficção gótica britânica fundindo representações sociais e políticas em personagens, ora monstruosos, ora exóticos.

Abraham Stoker foi um escritor irlandês, nascido em Dublin, em 8 de novembro de 1847 e falecido em 1912. Alguns críticos acreditam que Stoker fora contaminado por sífilis quando ainda escrevia seu mais famoso romance, **Drácula**. Apesar de ter se formado em Matemática, Stoker escreveu vários romances e ficou conhecido mundialmente pela obra de terror gótica, **Drácula** (1897), o conde da Transilvânia (HOGLE, 2006, p. 385).

De acordo Silva (2008), dentre outras leituras, Bram Stoker se inspirou bastante na leitura da novela *Carmilla* (1872), do escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, para compor sua obra mestra, além de pesquisas para conhecer mais sobre o folclore do leste europeu, sem esquecer que a vampira de Le Fanu ainda pode ter sido a sugestão para que Stoker escrevesse “O hóspede de Drácula” – capítulo este que inicia propriamente o romance. Até o término de **Drácula**, o escritor levou sete anos (1890-1897). Além disso, Bram Stoker obteve conhecimentos sobre o mundo dos vampiros, como as armas que os matariam, os animais que os acompanhavam, as metamorfoses do monstro, os objetos e símbolos sagrados na novela *Carmilla* e em outras pesquisas sobre vampirismo (SILVA, 2010, p. 13-18).

O livro **Drácula** foi uma das maiores obras de ficção gótica do período vitoriano. O romance epistolar que narra a trajetória de um vampiro que invade a Inglaterra conseguiu repassar aos leitores as reflexões e as indagações de seu escritor acerca das conturbadas transformações políticas, sociais, morais e étnicas da Era Vitoriana.

A expansão e a colonização do Império Britânico durante e após a Revolução Industrial causaram o embate entre nações, culturas e pessoas que não correspondiam às expectativas ou não se encaixavam nos padrões ingleses. Todo esse conjunto de transformações motivou sentimentos de insegurança, de ansiedade e, porque não, de uma

certa desordem nos pensamentos de muitos estudiosos e escritores. Não foi em vão que Bram Stoker fez sobressair um personagem oriundo do folclore do leste europeu, região considerada pelos britânicos como composta de pessoas primitivas, pagãs, responsáveis por alastrar doenças e impedir todo progresso intelectual e racial do império. Sendo assim, o romance abre-se para ser interpretado em diversos pontos de vista, e, neste estudo, focamo-nos nas questões sociais, políticas e raciais.

Todo o discurso das descobertas e dos avanços nas ciências, a agitação causada pelas teorias da evolução de Charles Darwin, a decadência de alguns valores sociais e morais, dogmas, e toda a perturbação que a Europa vivia com a persistente presença do Outro, do estrangeiro, considerado como contaminação maléfica, foi refinadamente utilizado por Stoker no romance, de forma a trazer a atmosfera dos enredos góticos e associá-la à realidade vitoriana. Como salienta Hurley (2002), a respeito dessa associação que o inglês fazia com os imigrantes ou estrangeiros, em que estes últimos eram compreendidos como anormais ou criminosos, no romance **Drácula** essa aversão fora também favorecida pelos estudos do comportamento e das características degenerativas, que colaboraram de forma positiva para a construção de um romance gótico também ligado às ciências, trazendo ao leitor a singularidade de um gênero minimamente híbrido.

Drácula (1897) de Bram Stoker, cujos personagens incluem médico/psicólogos, descrevem o vampiro de forma explícita emprestando da antropologia do crime, da teoria da degeneração, do alienismo, os aprendizados sócio médico do final do período Vitoriano trabalharam para classificar e compreender o tema da anormalidade humana [...] E mais, a repulsiva natureza dos corpos anormais descritos nesses textos, bem como outras características totalmente repugnantes responde a eles, indicaria que nós estamos a registrar o Gótico em vez da ficção científica, ou no mínimo trabalhando de forma peculiar em um gênero híbrido (HURLEY, 2002, p. 192, grifo do autor, tradução nossa).¹²

Hogle (2005, p. 396) aponta Bram Stoker como um dos maiores colaboradores do romance gótico, em especial, com o romance **Drácula**, o qual nos oferece o horror gótico e nos apresenta as ansiedades das classes médias e altas europeias de final do século XVIII, seus dilemas e conflitos de classes sobre as mudanças econômicas, as transgressões de fronteiras comportamentais e os desarranjos que as versões do estranho, do estrangeiro

¹² Bram Stoker's *Dracula* (1897), whose characters include doctor/psychologists, describes its vampire in explicitly terms borrowed from criminal anthropology, degeneration theory, and alienism, late-Victorian socio medical disciplines worked to classify and comprehend the abnormal human subject. [...] Moreover, the loathsome nature of the abhuman bodies described in these texts, as well as other characters thoroughly disgusted responses to them, would indicate that we are in the register of Gothic rather than science fiction, or at least working within some peculiarly modern hybrid genre (HURLEY, 2002, p. 192).

estabeleceram ao ameaçar, em forma de monstro ou fantasmas, a raça, a cultura e a economia britânica do período. Para Hogle, o conde de Stoker atua como o mais duradouro monstro gótico, agregando diferentes homens e mulheres, raças, tipos de classes e comportamentos observados como pervertidos pela classe ascendente europeia.

Como denotado, durante a expansão do Império Britânico e a exploração dos habitantes das colônias inglesas, o choque de culturas era uma constante, fato que fez os britânicos enfrentarem face a face o diferente, e esse encontro com o diferente gerou nos colonizadores certo temor. Consequentemente, os colonizadores passaram a ser assombrados pelo fantasma do perigo de um possível crescimento e domínio daqueles considerados inferiores, degenerados ou pervertidos. Nessa lógica, Bram Stoker representou o medo das elites inglesas de serem invadidas e colonizadas pelos estrangeiros, e é a partir desse instante que o povo inglês tenta resistir às ações de conduta do vampiro para que este estrangeiro não influencie e corrompa a ordem social. E como afirma Hogle (2005, p. 397), quanto mais o vampiro conhece a Inglaterra, mais incorpora os significados mecânicos e linguísticos do mesmo modo que o Império Britânico se impôs sobre as outras culturas, sugando simbolicamente o sangue vital das vítimas.

3.2 Drácula e a ameaça das classes populares

No final do século XVIII e início do XIX, a instabilidade política e social ocasionada pelas transformações geradas pelo processo de expansão imperialista da Inglaterra e as profundas mudanças sociais causadas pela Revolução Industrial, como já citado neste trabalho, originaram incertezas em toda sociedade vitoriana. Como as classes mais altas e a burguesia eram as detentoras da organização política e social e regularizavam as condutas morais e culturais, aquelas pessoas que não seguiam tais condutas ou desviavam das normas sociais vitorianas tornavam-se objetos de investigação e observação, tanto por parte da política quanto da ciência. Assim, conforme Botting (2006, p.8), os desviantes da norma social, em sua maioria, ou seguiam na marginalidade ou eram categorizados com comportamentos ou traços de criminosos pelas ciências, esta, acrescida pelas teorias de Charles Darwin e suas concepções de evolução humana em que o mais capaz, o mais adaptável se sobrepõe aos mais fracos.

Em resumo, podemos perceber que o pensamento vitoriano a respeito do diferente, do estrangeiro, tendia à segregação da sociedade em classes sociais baseadas nas diferenças

étnicas, assim, os ingleses se entendiam como superiores e mais civilizados, por conseguinte, levariam progresso e prosperidade ao restante dos povos que ainda se encontravam em atraso.

Mas, neste contexto, é relevante salientar que a Inglaterra, em sua expansão imperialista, fora surpreendida por um divergente cultural de seus colonizados, e este confronto cultural foi um cenário refletido por muitos escritores, o que os tornou clássicos representantes de obras góticas ligadas ou não aos efeitos da nova sociedade que compunha a Inglaterra e aos discursos científicos que acompanhavam esta sociedade. Obras como **Drácula** e **A Guerra dos Mundos** incorporaram extravagância, transgressão, decadência de valores, ansiedades, conflitos e desespero perante às incertezas desse período. Como afirma Botting (2006, p.80), escritos góticos, histórias de fantasmas, castelos, escuridão, criminosos, lugares com atmosfera lúgubre tornaram-se fontes de horror e terror. Todo o contexto urbano industrial foi o local exato para mistério e terror. O assombramento eram os fantasmas daqueles que transgrediam valores, os lugares sujos, os becos escuros das cidades tornariam as florestas sombrias, aqueles considerados criminosos, rebeldes ou injustiçados transformaram-se em vilões ou figuras ameaçadoras da sociedade.

Nesse aspecto, no romance **Drácula**, o vampiro criado por Stoker responde ao contexto vitoriano porque é um ser não inglês, um estrangeiro que invade Londres, além de sua origem, Leste Europeu, região então considerada pelos ingleses como atrasada, selvagem e povoada por primitivos, como já mencionado no Capítulo 2. Nessa linha, é importante destacar as possíveis origens do vampiro, uma delas do povo eslavo, como confirmam as palavras de Silva:

Ainda que, na cultura de vários povos da Antiguidade a figura do sugador de sangue fosse recorrente, o primeiro registro escrito do termo que daria origem a palavra moderna “vampiro” surgiu no ano de 1047 da nossa era na forma de *Upir*. Essa palavra de origem eslava antiga surgiu em uma obra russa chamada *O livro da profecia*, escrita por Vladimir Jaroslov, príncipe de Novgorod, noroeste da Rússia. Nela um padre era chamado de *Upir Lichy*, ou seja, um “vampiro hediondo” dado o seu desvio de comportamento (SILVA, 2010, p.1, grifos do autor).

Desse modo, podemos imaginar o comportamento do inglês e sua visão preconceituosa sobre os demais povos: a imagem insólita, primitiva, selvagem ou desviante dos habitantes das colônias inglesas ou mesmo dos estrangeiros configuraria também uma ameaça à superioridade, ao progresso e à integridade da Inglaterra. Nesta ótica, a obra gótica **Drácula** se alinha com a imagem singular do estrangeiro que invade Londres para fazer parte dessa civilização e torna-se alvo de perseguição. O romance de Stoker adverte para essa

questão logo no início, quando o contador Jonathan Harker viaja de Londres para as montanhas dos Cárpatos, na fronteira entre Transilvânia, Bucóvina e Moldávia, para orientar a transação imobiliária de partes da Inglaterra para o então conde, que demonstra interesse em comprá-las. O romance, que usa a estrutura epistolar, narra o estranhamento de Jonathan ao afastar-se da Inglaterra: “Li que toda superstição conhecida no mundo é originada nas regiões tortuosas dos Cárpatos” (STOKER, 2014, p.19). Durante sua viagem até o castelo do conde, o inglês revela a estranheza e o preconceito com lugares e pessoas por onde passa, reforçando a visão de superioridade e civilidade em relação aos demais povos.

Notadamente, no início do romance há a menção aos dialetos das pessoas, dialetos ou línguas também estranhas para Harker, “Pude ouvir muitas das palavras que eram frequentemente repetidas, palavras estranhas, pois haviam muitas nacionalidades misturadas [...] Sendo assim, calmamente tirei da minha maleta meu dicionário poliglota e passei a procurá-las” (STOKER, 2014, p. 22).

Aqui podemos estabelecer mais um ponto determinante da soberania inglesa, o idioma inglês, uma singularidade para os britânicos. E esta condição fora bem diligenciada pelo vampiro quando Harker, em sua estadia no castelo de Drácula, depara-se com a enorme quantidade de livros sobre a Inglaterra, revistas, jornais ingleses sobre quase todos os temas, e, ao conversar com o conde, comenta: “Sua fluência é excelente” (STOKER, 2014, p. 32). Um dos pontos essenciais para conhecer a vítima Inglaterra, segundo o vampiro, é não se passar por estrangeiro, assim, não deseja ficar apenas nos livros, quer participar da vida inglesa, [...] “estar no meio do turbilhão e da pressa da humanidade, compartilhar sua vida, sua mudança, sua morte, e tudo o que a torna o que é” (STOKER, 2014, p. 32). Este desejo de não ser distinto dos britânicos para não se passar por estrangeiro, ou um colonizado qualquer, corresponde à percepção que os britânicos tinham de si mesmos perante os demais povos. De acordo com David (2002, p. 85), após 1815, os britânicos desenvolveram a noção de que o progresso da humanidade acontece mediante o conflito de forças sociais, e que os europeus foram nacionalmente e racialmente distintos dos demais, sendo modelados, formados por forças históricas. Nesse âmbito, sentir-se supremo como um europeu era o desejo do conde, movimentar-se e falar em Londres sem ser marginalizado como um forasteiro, comprar propriedades e se infiltrar na vida dos ingleses como um nobre era uma de suas ambições:

Fico contente em ser como os demais, de modo que nenhum homem interrompa seu caminho quando me vir, ou interrompa seu discurso ao ouvir minhas palavras, “Há há! Um estrangeiro”. [...] “Aqui sou um nobre. Um

boiardo” disse o conde, ou seja, membro de classe privilegiada de grandes proprietários rurais [...] (STOKER, 2014, p. 32, grifos do autor).

Mesmo originado da aristocracia, Drácula pretende interagir com os ingleses de modo a não ser enxergado como um estranho, sendo assim, a questão de aprender a falar bem para o inglês é importante. Ciente da sociedade em que pretende se infiltrar sem ser marginalizado pelo comportamento e pela linguagem, ou enxergado como estrangeiro e, consequentemente, visto pelos britânicos como desprivilegiado, o vampiro estuda o idioma e pede a Harker para corrigi-lo em possíveis erros, agradece a Harker por ajudá-lo na compra das propriedades e por ensiná-lo a dominar bem o uso da gramática e das palavras:

Você veio a mim não apenas como um representante do meu amigo Peter Hawkins, [...], para me contar tudo a respeito da minha nova propriedade em Londres. Creio que deverá ficar aqui algum tempo comigo, de modo que com nossas conversas eu possa aprender a entonação do inglês. E eu gostaria que dissesse quando eu cometer um erro, por menor que seja, ao falar (STOKER, 2014, p. 32).

Como afirma Deirdre David, os britânicos se percebiam mais fortes e distintos socialmente e racialmente dos demais povos, então, era importante para o vampiro aprender o idioma inglês, em especial, o da elite, evitando possíveis erros ou falar em dialetos variantes do inglês das classes mais altas. Mais uma vez há no romance a questão social, agora em relação à língua, por isso, torna-se evidente salientar que os ingleses distinguem as pessoas também pelo aspecto linguístico, como percebido por Harker que, ao se deparar com dialetos diferentes de sua língua (inglesa) no início de sua viagem até o castelo do conde, olhou com estranheza e preconceito para essas pessoas que falavam esses dialetos.

Nessa linha de preconceito social e linguístico podemos confrontar esta passagem do livro **Drácula** com a peça **Pigmaleão**, de George Bernard Shaw, pois a mesma narra o encontro de um professor de fonética com uma vendedora de flores nas ruas. Por seu dialeto diferente do então falado pela elite, a vendedora sofre discriminação, e passa a ser objeto de aposta entre o professor e um amigo com a finalidade de o primeiro transformar, moldar a florista em uma dama da sociedade, o que seria possível se a mesma aprendesse a falar e a comportar-se como as mulheres da elite. Por trás desse enredo é possível compreendermos a questão sociolinguística que aparece como formadora de classes distintas: pessoas que falassem de acordo com padrões gramaticais considerados cultos teriam um melhor reconhecimento social. A importância da língua para a ascensão social e moral do indivíduo, assim como o comportamento seguindo os valores burgueses eram formadores de cidadãos mais civilizados, diferenciando-os daqueles que não falam a língua ou não procedem de

acordo com a política social da burguesia. A peça não deixa dúvidas de que falar bem o inglês já seria um grande passo para o reconhecimento da pessoa por membros importantes da sociedade.

Sendo assim, Drácula pretendia não ser reconhecido como um estrangeiro e ser marginalizado, então, discursar e comportar-se como um homem culto, pertencente à elite o tornaria mais originalmente inglês, mesmo porque, como exposto por George Bernard Shaw, a personagem Eliza passa a ser admirada pela alta sociedade a partir do momento que aprende a falar e a se comportar de acordo com os padrões burgueses.

Evidentemente, encontramos nessa comparação a crítica social, a luta de classes por meio da linguagem, pois o estrangeiro, a classe pobre se exprimiria e se comportaria de acordo com o meio social em que estaria inserida e não dominaria o mesmo inglês das classes dominantes. Desse modo, a língua também marcaria as pessoas separando-as em classes: classes mais pobres, que não dominam a língua de forma mais fluente, e classes mais altas, que dominam o idioma de acordo com a política e os costumes impostos pelos mais influentes, ou seja, o preconceito com quem fala ou se porta diferente de um britânico legítimo era mais um reforço do preconceito social que a Inglaterra ordenava. A sociedade vitoriana, mais uma vez, segregaria as pessoas que não seguissem padrões genuinamente ingleses, considerando-as estranhas, atrasadas, um obstáculo ao movimento de progresso e civilização que a Inglaterra executava.

Há também a observação de Harker acerca dos “ciganos”, designação esta destinada aos homens que servem ao conde; “ciganos” povos destemidos, sem religião, acreditam apenas em superstição, nativos daquela região da Transilvânia que falam apenas o dialeto de sua língua e são considerados foras da lei (STOKER, 2014, p. 46). Mais uma vez temos o confronto britânico/estrangeiro e a consequente questão do preconceito com este último e suas crenças, sua cultura e sua língua.

Conforme Schwarzbach (2002), à medida que o Império Britânico cresceu, devido aos imigrantes irlandeses, povos do leste europeu, judeus e outros, cresceu também a preocupação com a pureza da raça, com a moral e até mesmo com a baixa inteligência dos recém-chegados, além do senso de identidade social distinguindo nas ruas aqueles que eram muito claramente “os outros”, e, para este fato, tornou-se comum a prática de tornar os estrangeiros vilões nos romances (SCHWARZBACH, 2002, p. 240). Esta prática de transformar estrangeiros em vilões perseguidos por classes privilegiadas aconteceu claramente no romance **Drácula**, pois, o vampiro vindo do leste europeu foi estrategicamente perseguido e aniquilado por representantes da classe média e da alta sociedade inglesa.

Ainda conforme David (2002, p. 88), o pensamento vitoriano sobre as raças tendia a uma mudança na construção de uma hierarquia das sociedades baseada nas diferenças culturais para uma hierarquia centrada nas diferenças raciais. Tal pensamento foi fortalecido pelas descobertas científicas e pelas ideias revolucionárias de Charles Darwin em suas teorias sobre a evolução das espécies, como expressa Botting (1996, p. 89, tradução nossa):

As teorias Darwinistas, aproximando a humanidade do reino animal, solapou a superioridade e o privilégio que a humanidade havia concebido em si mesma. Ao longo de linhas similares, o trabalho do criminologista Cesare Lombroso [...] tentou diferenciar entre os humanos: alguns mais primitivos e bestiais em sua natureza que outros. Anatomia, psicologia e teorias psicológicas foram trazidas para dar suporte na identificação de tipos criminais, aqueles geneticamente determinados a serem degenerados e anormais. Atavismo e reincidência, a regressão para o arcaico ou características primitivas, construções de perversão e anormalidade. A fisionomia, também, foi importante nesse processo de fazer as tendências de atavismos serem visíveis. A ficção desse período é dominada por descrições de marcas de características faciais como reveladoras dos sinais de caráter.¹³

Esta diferenciação social em classes mais primitivas ou mais atrasadas que outras, ou baseada nos traços da fisionomia que supostamente revelariam comportamento criminoso é retratada no romance de Stoker por meio da descrição da fisionomia do conde feita primeiramente por Harker:

Seu rosto era forte, [...] nariz fino e pontiagudo e narinas arqueadas de modo peculiar, a testa alta e arredondada, cabelos escassos [...] mas que cresciam profusamente em outros lugares. Suas sobrancelhas eram muito grandes quase se unindo sobre o nariz [...]. A boca, [...] sob o espesso bigode era rígida e de aparência um tanto cruel, com dentes afiados singularmente brancos. Estes se projetavam sobre os lábios [...] suas orelhas eram pálidas e extremamente pontiagudas (STOKER, 2014, p. 30).

E enquanto o diálogo continuava com o conde, Harker percebia a estranheza de sua feição, que às vezes mudava de acordo com as perguntas que fazia ao conde sobre a Transilvânia: “O conde sorriu, e enquanto seus lábios se abriam revelando as gengivas, seus longos e afiados dentes caninos apareciam de um modo estranho” (STOKER, 2014, p. 33).

¹³ Darwin's theories, by bringing humanity closer to the animal kingdom, undermined the superiority and privilege humankind had bestowed on itself. Along similar lines, the work of criminologist like Cesare Lombroso [...] attempted to discriminate between humans: some were more primitive and bestial in their nature than others. Anatomical, physiological and psychological theories were brought to bear on identifications of criminal types, those genetically determined to be degenerate and deviant. Atavism, and recidivism, the regression to archaic or primitive characteristics, constructions of deviance, and abnormality. Physiognomy, too, was important in the process of making atavistic tendencies visible. The fiction of the period is dominated by marked descriptions of facial features as telling signs of character. (BOTTING, 1996, p. 89)

Traços esses que, segundo as teorias científicas e criminalistas de Cesare Lombroso, figurariam um ser de origem primitiva e de característica criminoso ou anormal.

Relevante aqui evidenciarmos a importância de Cesare Lombroso, cientista italiano e pesquisador do comportamento e das características humanas. Citado por Bram Stoker, Lombroso foi um pesquisador que se especializou na antropologia do crime. Taylor (2007) evidencia que Cesare Lombroso foi a chave para inaugurar os estudos sobre a antropologia criminal no século XIX, pois este defendia que determinados traços físicos ou mentais condenariam o sujeito a ser um desviante da norma social, um criminoso, um anormal ou um degenerado. A degeneração do homem seria principalmente o retrocesso, o regresso ao primitivo ou ao comportamento bestial. Diante disso, os métodos científicos de análise deste pesquisador revelaram que certas marcas ou qualidades físicas - em especial na face, como exemplo, olhar vesgo, boca ou dentes tortos, queixo pontiagudo, alteração do tamanho do crânio e demais imperfeições - corresponderiam a estigmas, estes estigmas condenariam o indivíduo à condição de assassino ou anormal, além de torná-lo suscetível ao primitivismo, à não evolução. E Lombroso vai além, defende que esses tipos criminosos apresentam atavismo, portanto, poderiam passar aos descendentes caracteres criminosos ou bestiais (TAYLOR, 2007, p. 14).

Compartilha de tal argumento Schwarzbach (2002), ao reafirmar que pensadores e pesquisadores dos modos de atuar de certos grupos carregariam consigo condições sociais degenerativas:

Mais tarde, pensadores Darwinistas sociais (como Cesare Lombroso) pareciam fornecer o mais convincente argumento científico para identificar traços criminosos, os quais eram parecidos ou remanescentes de raças primitivas ou, como sinais de degeneração da raça por proliferar a reprodução de indivíduos defeituosos (SCHWARZBACH, 2002, p. 239-240, tradução nossa).¹⁴

Em **Drácula**, tais sinais de degeneração ou imperfeição eram perceptíveis por Harker enquanto conversava com o conde, os dentes parecidos com dentes caninos, sobrancelhas muito espessas, rosto forte, orelhas pontiagudas entre outras características que aproximavam o conde a feições selvagens e degenerativas. Estes sinais favoreciam os argumentos científicos de Lombroso, já que, para este especialista em comportamento criminoso, algumas marcas, sinais no corpo ou o próprio comportamento implicariam em raças selvagens,

¹⁴ Later, social Darwinist thinkers (such as the Italian criminologist Cesare Lombroso) seemed to provide a more convincing scientific rationale for identifying criminal traits, which were seen either as holdovers from primitive races or, in the as signs of the degeneration of the race through prolific overbreeding by defective types (SCHWARZBACH, 2002, p. 239-240).

primitivas ou anormais que poderiam proliferar mais indivíduos imperfeitos. Estas teorias da psicologia, da anatomia e dos estudos comportamentais, na verdade, fortificaram ainda mais a separação de classes na Inglaterra, pois, para muitos estudiosos, pensadores e mesmo escritores, aquelas pessoas identificadas como tipos criminais, seja por traços físicos ou comportamentais, seriam mais uma ameaça à uniformidade da nação inglesa, e deveriam ser separadas ou mesmo extintas da sociedade para não causarem retrocesso, alastrarem doenças ou disseminarem degenerações e anormalidades no contato com o povo britânico.

Assim, o Império Britânico tornou-se também o Império Gótico, ao confrontar o inglês com o estrangeiro ou com o colonizado. E esse estrangeiro, aos olhos dos britânicos, deveria ser identificado para que a hegemonia, a pureza inglesa não fosse ameaçada, pois, de acordo com Hurley (2002, p.197), o objetivo dos ingleses seria realizar uma purificação na identidade, desse modo, o diferente, o percebido como anormal deveria ser identificado e controlado para que se assegurasse uma saúde nacional, uma vez que as metamorfoses exemplificadas pela degeneração são imprevisíveis e esse fato poderia causar uma desconcertante variedade de corpos. Como já defendido por Cesare Lombroso, essas degenerações bestiais com traços animalescos deveriam ser mantidas sobre controle, neste caso, o conde apresenta características de animais, o que gera na consciência inglesa um sinal de atraso, uma não evolução, um regresso ao animalesco.

Outro momento de denúncia de preconceito com o estrangeiro no romance está na passagem quando Harker percebe que é um prisioneiro do vampiro. Inicia-se a partir de então sua atenção para que, num momento de falha do conde, possa escapar. Nessa mistura de medo, apreensão e pesadelos vividos por Harker, o mesmo consegue desvendar alguns segredos do vampiro ao explorar o castelo, assim como o explorador inglês vasculharia a terra de seus colonos para demarcar e conhecer melhor o território explorado. Nessas investigações de Harker, o mesmo presencia o conde escapando pela janela e descendo o imenso paredão rumo ao abismo como um réptil: “vi os dedos das mãos e dos pés se agarrarem aos cantos das pedras [...] e usando assim cada protuberância e saliência, moveu-se para baixo, [...] do mesmo modo que um lagarto se move ao longo de uma parede” (STOKER, 2014, p. 41). Nesta passagem, a degeneração, ou a metamorfose pela qual o conde passa, aos olhos do prisioneiro inglês vai ao encontro das teorias de Charles Darwin e Lombroso. De Darwin porque em seu território o conde consegue metamorfosear e sobreviver melhor no ambiente enquanto Harker continua aprisionado, e, de Lombroso, devido à transformação em animal, caracterizando-o como primitivo e de caráter criminoso e, como sinalizado, esses processos

abalam a estrutura imperialista e devem ser combatidos antes que contaminem a civilização ocidental.

Neste contexto colonial, o escritor Bram Stoker reproduz o preconceito racial e de classes, os traços animais do conde Drácula denotados no romance revigoram as teorias de que esta diferenciação social e a discriminação dos britânicos perante os demais justificariam a questão da divisão social em avançados e atrasados, e esse feito permitiu discussões variadas entre os escritores vitorianos para reproduzir elementos sociais de uma Inglaterra vivendo à sombra de ansiedades e medos denunciados pela própria realidade.

Mas o vampiro consegue subverter, enfrentar a ordem estabelecida pelos ingleses e adentra a Inglaterra enquanto seu convidado continua preso no castelo. E, assim, torna-se o centro das atenções ao desestabilizar as convenções vitorianas com suas transgressões de fronteiras políticas, morais, sociais e sexuais ao iniciar seu reinado de sangue.

Bellei (2000, p. 11) remete o monstro aos limites de fronteira, “[...] já que os monstros e fronteiras aparecem, via de regra, em íntima associação: o monstro é aquela criatura que se encontra na ou além da fronteira, [...] e tem por função delimitar e legitimar”.

Em **Drácula**, temos a metamorfose do vampiro ora em animal, ora em fumaça, ora em humano, ora em fenômeno psíquico, e tais fenômenos acontecem para tentar delimitar ou legitimar necessidades que o homem vitoriano por vezes não conseguia enxergar. Mesmo porque monstro, na origem etimológica da palavra, quer dizer ser mostrado ou demonstrado – *mostrare* (BELLEI, 2000, p. 15). Mostrar o domínio patriarcal, a opressão moral, os questionamentos dos valores vitorianos, a revolução que as descobertas tecnológicas e científicas causaram na sociedade, o preconceito com o estrangeiro e com as classes baixas, além de o próprio povo inglês, que já via seu domínio perante as classes pobres começar a ruir. Por isso, o surgimento de várias obras góticas que demonstravam tantas ansiedades e inquietudes por meio de monstros foi corrente nesse período, para mostrar a desarmonia oriunda da numerosa transformação social. Cohen (2000, p. 26-27) confirma esta ideia ao dizer que: “O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de certo momento cultural, de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora de modo bastante literal medo, desejo, ansiedade e fantasia”. Dessa forma, o monstro surge entre nós para ser interpretado, analisado, já que é revelador de que há uma grande agitação social, política e moral.

Nessa sequência, ativamente, o vampiro entra em Londres e faz a personagem Lucy uma de suas primeiras vítimas ao contaminá-la e transformá-la em vampira. Tal transformação acaba por desenvolver um comportamento lascivo e transgressor em Lucy,

comportamento este condenado pela moral vitoriana, censurado para a mulher, em especial, para a mulher inglesa, que deveria se comportar como uma dama, um anjo do lar. Como já imaginado, o preconceito social que a classe feminina sofria nessa conjuntura também é denotado no romance **Drácula**, pois, por meio da denotação de figuras femininas, mesmo que na forma de monstros, aqui, vampiras, Stoker mostrou um comportamento da mulher que já existia, porém deveria ser combatido pelo patriarcado representante das classes dominantes. Assim como no castelo de Drácula onde moravam três vampiras que seduzem Harker de maneira vulgar, Lucy torna-se semelhante, pois em sua agonia de transformação em vampira tenta seduzir o então noivo Arthur para contaminá-lo:

E naquele momento, quase que se nem percebesse, surgiu a estranha mudança [...]. Sua respiração tornou-se estertorosa, a boca abriu-se e as gengivas pálidas, recuadas, faziam seus dentes mais longos e afiados do que nunca. Numa espécie de letargia, de modo vago e inconsciente, Lucy abriu os olhos, que agora estavam duros e sombrios, e disse numa voz suave, voluptuosa, como eu nunca tinha ouvido dos seus lábios, “Arthur, oh meu amor, estou tão feliz que tenha vindo! Beije-me!” (STOKER, 2014, p. 129, grifos do autor).

Não obstante os estrangeiros ou as classes mais pobres, Lucy também passa pelo preconceito quando comparado seu comportamento ao comportamento pagão e lascivo de uma vampira, que denotaria a promiscuidade, enxergada como desvio de comportamento das classes baixas, além de ser equiparada à degeneração, teoria do criminalista Lombroso, ou seja, apresenta traços físicos ou psíquicos que denotariam marcas de criminalidades, doenças, comportamentos animais ou outros desvios de personalidade, já que a mesma possui aparência animal, como na citação acima, mostrando seus dentes longos e afiados, aspecto este advindo de características primitivas e criminosas.

Temos, então, mais um exemplo de distinção de classes, o comportamento libidinoso não seria aceito para uma mulher burguesa porque este se confrontaria com os padrões sociais ordenados e, conseqüentemente, causariam distinção social, uma vez que Lucy desce de categoria, assemelha-se ao comportamento vulgar das três vampiras, habitantes do castelo de Drácula, ao atraso, à vida pagã, primitiva e promíscua, em igualdade ao comportamento que os estrangeiros eram acusados de trazer para a Inglaterra.

A personagem Lucy, ao iniciar sua transformação em vampira, recebe o sangue de homens, e, de acordo com Van Helsing, teria que haver uma transfusão de sangue de um homem jovem e forte para salvá-la do mal (STOKER, 2014, p. 103). Então, várias tentativas de transfusão de sangue de homens fortes, representantes da ascendente burguesia, foram

feitas para que Lucy fosse purificada e voltasse a pertencer ao domínio patriarcal deixando o comportamento leviano, e, com isso, retornasse ao mundo das elites, deixando o mundo cuja contaminação do vampiro a teria desviado.

As várias tentativas de transfusão de sangue podem ser compreendidas como uma forma de manutenção dos valores morais vitorianos, porque aquele comportamento que subvertia a moral, neste caso, de Lucy, que se tornara mais sensual e sedutora, deveria ser revertido e a mesma poderia ser curada. Como afirma Cohen (2000, p. 35), o monstro surge em diferentes enfrentamentos sociais a fim de mostrar à sociedade as transformações pelas quais a mesma passava e por vezes não aceitava, para mostrar a fragilidade e a decadência de valores até então soberanos. Neste caso, a contaminação de Lucy, em que a mesma tornou-se mais atraente e com comportamento sexual mais aflorado, enquanto vampira, implica na transgressão dos limites e do papel da mulher vitoriana. Isso devido seu contato com o de fora, com o estranho, acontecimento que a torna um monstro devido ao seu comportamento desviante.

Neste momento, o ataque do vampiro não é apenas contra Lucy, mas contra a ordem, a moral, os costumes que as classes mais altas mantinham sobre a sexualidade, até mesmo porque a moral vitoriana era determinada veementemente pela monarquia, e tais valores eram reproduzidos e observados pelas classes dominantes a fim de que o papel da mulher, a construção e manutenção da família não sofressem influências de estranhos e se fragilisassem. Nessas circunstâncias, a obsessão com a sexualidade fixava o papel da mulher, que deveria ser boa esposa, mãe, protetora do marido, e não poderia ser corrompido por costumes oriundos de outras nacionalidades, ou por influências das classes baixas, pois, para os britânicos, conforme Zacarias (2006, p. 54-56), a contaminação do estrangeiro com seus costumes e crenças diferentes também era vista como a impureza que as classes baixas traziam para as ruas londrinas: como os vícios, a ameaça às normas sociais, as doenças geradas pela falta de salubridade e pela promiscuidade.

Ao contaminar Lucy, Drácula começa a destruir o patriarcado, subverter o comportamento submisso de protetora e anjo do lar imposto à mulher pela moral vitoriana, fato este que poderia igualar o comportamento da mulher das classes mais altas ao das classes mais baixas, estas últimas, consideradas de costumes pagãos e promíscuos. Além desta percepção preconceituosa em relação aos pobres e às mulheres pobres, estas últimas também se encaixavam na degeneração humana, fato este que liga a pessoa ao atraso, por serem consideradas imperfeitas perante os homens. Essas representações monstruosas ameaçadoras

da ordem social eram configuradas na ciência vitoriana como imperfeições, e, no caso da mulher, segundo Hurley,

A ciência Vitoriana retrata a mulher como imperfeitamente humana: mais presa em seu corpo que o homem, mais animal, mais instável, e assim suas repugnantes metamorfoses são de alguma forma inesperadas. O homem deveria, ao contrário, aparecer como um sujeito completamente humano, poderoso e auto suficiente [...] (HURLEY, 2002, p.202, tradução nossa).¹⁵

Nessa concepção, o preconceito com o não europeu, com os que se desviavam das normas vitorianas, com o estrangeiro, com os pobres, enfim, com aqueles que ameaçavam o *status quo* era o alvo de escritos góticos por meio de personagens com comportamento desviante ou monstruoso. Lucy, ao tornar-se mais atraente e sedutora como vampira, um comportamento desafiador da moral imposta, deveria ser curada para que voltasse a ser a mulher ideal vitoriana. Aqui, consoante com Hurley, em sua referência acima, o homem vitoriano poderia ultrapassar os limites e degenerações que o corpo feminino estaria preso e ser capaz de transcender essas imperfeições para restaurar a ordem social.

No contexto do livro, Van Helsing tenta inúmeras transfusões de sangue para salvar Lucy, sangue este que sempre teria de ser de homens fortes (segundo Van Helsing). Desse modo, Lorde Arthur (noivo de Lucy), o viajante Quincey Morris e o médico John Seward revezavam-se a doar sangue à Lucy (STOKER, 2014, p. 103-107), fato que denota a questão social, pois os homens escolhidos para purificar Lucy eram representantes das classes mais altas, assim, podemos fazer a analogia de que as classes ascendentes e a burguesia eram o remédio contra a contaminação do estrangeiro (vampiro) que trazia as pragas, o paganismo, o comportamento lascivo e promíscuo da pobreza, na ótica do inglês.

Assim como confirma Botting (2006), o legado de Drácula, originado do leste Europeu, estende-se no passado gótico devido a relatos da história de sua família: afamada por ser composta de guerreiros caracterizados por valores de honra e sangue. Desde então, relatos de viajantes do século XVIII associaram os vampiros não apenas aos romances, mas, ao folclore, à superstição e aos seus costumes selvagens de pessoas oriundas do leste da Europa. Logo, a origem do vampiro foi explicada como medo de pragas e doenças (BOTTING, 2006, p. 95). Para os britânicos, ao contaminar Lucy, Drácula deveria ser encontrado e destruído para que não alastrasse a destruição e corrompesse os valores do

¹⁵ Victorian science figured the woman as imperfectly human: more entrapped within the body than the man, and thus less intellectual, more animal, more unstable, so that her disgusting metamorphoses are in some senses not unexpected. The man should, by contrast, appear as a fully human subject, powerful and self-sufficient, [...] (HURLEY, 2002, p. 202).

império inglês. A partir desse momento, o professor e cientista Van Helsing já imagina qual mal haveria de ser combatido e refere-se ao leste europeu como mundo pagão que disseminava a praga (STOKER, 2014, p. 111).

Neste ponto, percebemos novamente a intolerância e o preconceito no espaço da obra em dois pontos, o primeiro, na questão da sexualidade exagerada que Lucy desenvolveu após o contato com o vampiro. Além de ter se tornado mais sedutora, tornou-se mais atraente e, muitas vezes, parecia ansiosa sem motivo aparente. Após a morte de Lucy, todos se espantam com a mudança da mesma no caixão, pois ficara muito mais atraente, “Todo o encanto de Lucy voltara para ela após sua morte”, o rubor na face, e a bonita aparência de Lucy fez Van Helsing desacreditar que estava a olhar um cadáver (STOKER, 2014, p. 131). Como sabemos, a “Era Vitoriana” era conservadora, o caráter moralista e a opressão sobre a sexualidade para que a moral vitoriana fosse mantida eram consistentes.

Nessa lógica, segue a perseguição ao estrangeiro que, neste caso, mesmo sendo um conde, de origem aristocrata, Drácula não era inglês, mas, uma fonte de destruição e disseminação de pragas. A xenofobia do inglês perante o Outro, no romance, perante Drácula, serviria também para purificar a raça e livrar Londres da impureza, dos males, da devassidão, das pragas e do atraso que o estrangeiro ou a pobreza traziam. Para Schmitt (2002, p. 309), além da exploração e do preconceito contra as classes mais pobres, do século XVIII para o XIX, a tradição de escritos góticos em graus de xenofobia foi grande, talvez porque os estrangeiros eram comumente pessoas vistas como vilões.

Em comum com as invasões e a colonização inglesa, muitos escritores, como destaca Forman (2007, p. 105), enxergaram a Inglaterra, em especial Londres, como uma espécie de fronteira imperial em que pessoas e lugares eram determinados. A grande separação física entre ricos e pobres traçou o mapa geográfico e as características da cidade de Londres, e o resultado foi uma Londres em que a selvageria, o barbarismo e o atraso se desenvolviam fora da cidade, e, ainda neste contexto colonial, a promiscuidade e o sexo desordenado das classes baixas reforçaram esta questão de classes primitivas, assim como o crescimento rápido da população e da pobreza. Nessa perspectiva, muitos enredos traziam a metáfora dos monstros, criminosos ou vilões vindos de fora de Londres, como é o caso do vampiro, daí a estratégia para caçar o monstro e destruí-lo para que não corrompesse a estrutura física, política e social inglesa com seu comportamento vil.

Como já dito, muitos escritores desse período abrangeram toda a convulsão da mistura de classes sociais, das descobertas científicas, da queda de valores, dos medos e da apreensão que a Inglaterra presenciava. A chama de obras góticas reacendeu incorporando a

atualidade e mostrando aos seus leitores todos esses novos elementos políticos e sociais, e sua relação com a estrutura britânica como dominante durante sua expansão colonialista. Indo além, nas palavras de Hurley (2002, p. 13, tradução nossa),

Muitos críticos, contudo, encontraram uma forma útil de manter o entendimento do Gótico como um gênero que ultrapassa a história. Seus elementos de enredo e seu cenário podem mudar, mas seu enredo permanece excessivo, empilhando incidente sobre incidente para o seu próprio fim, e suas tramas ainda cobram caro com a apavorante e ameaçadora atmosfera. A natureza da transgressão social pode diferir uma da outra, e entendimentos clínicos de desordem mental mudam também, mas o Gótico ainda mostra uma fascinação com os comportamentos extremos¹⁶ (HURLEY, 2002, p. 193).

Nessa ótica, a fascinação que muitas obras góticas exerceram no quadro colonial de expansão e domínio inglês configurou, de maneira perspicaz, o espaço de encontro entre colonizador e colonizado. As cidades habitadas por variadas etnias e classes sociais diferentes foram vistas por muitos críticos como um cenário de comportamentos, costumes e culturas diferentes, enxergados pelos ingleses como extremos, transgressores da ordem social. Nesta linha, o protagonista do romance de Stoker, *Drácula*, configura-se de forma perfeita como uma transgressão de valores por seu comportamento desviante e degenerativo que viola e infringe as convenções sociais impostas.

Ao atacar Mina Harker, sua segunda vítima, o vampiro contamina outra mulher vitoriana. No quarto de Mina, Van Helsing se depara com o conde de pé, enquanto Mina, ajoelhada perto da cama, sucumbe ao vampiro,

Ao lado dela havia um homem de pé, alto, magro, trajado de preto. [...] no momento em que vimos todos reconhecemos o conde, [...] com a mão esquerda ele segurava as duas mãos da Sr.^a Harker, mantendo os braços dela afastados sob violenta tensão. Com a mão direita agarrava-a pela parte detrás do pescoço, forçando seu rosto para baixo na direção de seu peito. A camisola branca que ela vestia estava coberta de sangue, e um fino filete gotejava no peito nu do homem, que estava a vista pelo rasgo da camisa. [...] Quando irrompemos o quarto, o conde virou o rosto, seus olhos vermelhos ardiam com paixão diabólica [...]. Seus dentes branco e afiados [...] na boca ensopada de sangue cerraram-se como os de uma besta selvagem (STOKER, 2014, p. 209).

¹⁶ Most critics, nonetheless, have found it useful to retain an understanding of Gothic as a transhistorical genre. Its plot elements and setting may change, but its plots still remain exorbitant, piling incident upon incident for its own sake, and its settings are still overcharged with a fearsome and brooding atmosphere. The nature of social transgression may differ from one era to another, and clinical understandings of mental disorder shift as well, but the Gothic still shows a fascination with extreme behaviors (HURLEY, 2002, p. 193).

Bastante elogiada por Van Helsing, Mina era um grande exemplo de mulher: doce, angelical, inteligente: “Oh senhora Mina, [...] como posso expressar o quanto lhe devo? [...] sou muitíssimo grato a senhora, é uma mulher tão inteligente” (STOKER, 2014, p. 145). Durante a elaboração do plano e das estratégias para destruir o monstro a ajuda que Mina oferecia aos homens de Van Helsing era reconhecida pelo mesmo: “Ah, aquela maravilhosa senhora Mina! Ela tem o cérebro de um homem, o cérebro que um homem deveria ter se fosse muito bem dotado pela natureza, e o coração de uma mulher” (STOKER, 2014, p. 179). Na obra, Mina Harker era um exemplo de esposa que trabalhou incansavelmente e ajudou o marido, Harker, a melhorar do trauma de prisioneiro do conde, e, mesmo contaminada por Drácula, consegue controlar a transformação em vampira para ajudar na caçada ao vampiro.

Conforme Hurley (2002, p. 200), o exemplo de mulher, amiga e esposa que era Mina Harker deveria ser protegido pelos homens vitorianos, os quais eram trabalhadores fortes, corajosos e talentosos protetores dessas mulheres reconhecidamente frágeis. Estas palavras vão ao encontro das de Van Helsing sobre Mina, mas, mesmo com tanto respeito e admiração para com a esposa de Harker, esta, após toda ajuda, é retirada do grupo de homens que irão atrás do monstro: “Não é bom que ela corra risco tão grande. Nós homens estamos determinados, [...] Mas não é coisa para uma mulher. [...] seu coração pode fraquejar vendo tantos horrores, e no futuro ela pode vir a sofrer [...]” (STOKER, 2014, p. 178).

Como sustenta Botting (1996, p. 94), o significado do vampiro no folclore e na superstição do povo ocidental foi registrado e analisado como uma não evolução, como atraso, até mesmo porque essas origens foram também explicadas como medos de pragas vindas do leste europeu, pois os animais em que o vampiro se transformava ou que o acompanhavam, como lobo, rato ou morcego, eram também associados às doenças, à superstição e à bestialidade.

Se Drácula era oriundo de uma região carregada de superstição, afamada pelos britânicos como pagã, primitiva e habitada por bárbaros que disseminariam pragas e doenças, então, podemos compreendê-lo como a metáfora dos males, do comportamento desviante e condenado da pobreza, da proliferação da corrupção de valores morais, sociais, sexuais e religiosos que o estrangeiro trazia para a Inglaterra. Tal degradação de valores e comportamentos que os estrangeiros poderiam trazer à Inglaterra é enfatizada mais uma vez por Stoker quando Mina relata como fora atacada pelo estrangeiro e forçada a beber seu sangue. Nesse momento, ela sente-se impura, não merecedora do respeito e do amor de seu marido, “Impura, impura, nunca mais devo tocá-lo ou beijá-lo. Oh, por que eu que agora, sou seu pior inimigo” (STOKER, 2014, p. 211). Relevante aqui salientarmos a mistura do sangue

do estrangeiro ao do britânico numa passagem em que Stoker sugere o ato sexual entre Mina e o Vampiro:

Com um sorriso de escárnio, colocou uma das mãos em meu ombro e, apertando-me com força descobriu a minha garganta com a outra [...] Eu estava confusa, e por incrível que pareça, não quis impedi-lo. [...] Ele colocou os lábios malcheirosos em minha garganta. [...] Então ele me disse com escárnio [...] E você, a sua coisa mais preciosa, está agora em meu poder, carne de minha carne, sangue do meu sangue, linhagem da minha linhagem [...] e que mais tarde será minha companheira e ajudante. [...] E puxando a camisa, abriu uma veia em seu peito usando as unhas afiadas. Quando o sangue começou a jorrar, ele agarrou minhas mãos com uma das suas, [...] e com a outra agarrou meu pescoço, apertando minha boca contra a ferida, de modo que eu, ou sufocava ou engolia aquele seu... Oh meu Deus! Meu Deus! O que eu fiz? (2014, p. 213).

A obra mais uma vez abre espaço para a questão da ameaça e da contaminação que os estrangeiros, ou os outros, não ingleses, representavam para a Inglaterra. Em especial, sendo este estrangeiro dos povos eslavos, região então considerada antiga, um retrocesso ao avanço que o ocidente vivenciava. Assim, mesclar o sangue do inglês ao de pessoas ou de classes sociais julgadas inferiores poderia causar, além de uma desordem política e social, também uma equiparação do britânico aos pobres e atrasados. A troca de fluídos entre Mina e Drácula para a sociedade vitoriana pode ter um significado de invasão, agressão, subversão ao *status quo* do domínio social e da preservação da pureza da raça britânica, como expressam Barbosa e Silva (2012, p. 1-2):

A história da humanidade vem sendo escrita com sangue. Ele é um fluído de significado multidiscursivo, pois abarca noções de família, raça, religião e gênero. Por ele, animais e pessoas foram sacrificados aos deuses em troca de favores e bênçãos. O sangue derramado de reis e divindades garantia a prosperidade da terra, e beber do sangue dos inimigos permitia ao guerreiro adquirir a força do adversário [...]. Mas, indubitavelmente a principal expressão folclórica dos povos eslavos tendo o componente sangue-alma como elemento central se encontra na figura do vampiro. A intrínseca ligação do vampiro folclórico com o sangue se origina nesta visão divina do fluido humano, algo que esta criatura anseia avidamente em possuir por ser ela um ser desprovido de alma, um morto-vivo. Sua atividade se constitui uma agressão não apenas a pessoa diretamente atacada, mas também as crenças estabelecidas e a rigidez das tradições.

Esta invasão social que subverte os valores vitorianos, neste caso, o vampiro que desafia e ameaça os ideais dominantes, por exemplo: liberta as mulheres do domínio masculino (como o fez com Lucy e Mina) e promove a mistura de raças e consequentemente de classes sociais. A transgressão moral, política e social contesta toda a organização e

soberania inglesa e deve ser perseguida e banida. Então, Stoker nos apresenta a organização da ascendente classe burguesa vitoriana para destruir o vampiro, pois os homens representantes da classe média vitoriana revigoram a cultura e a masculinidade então ameaçadas.

Como salienta Botting (2006, p. 97, tradução nossa)¹⁷, “Drácula é a escuridão dupla da coragem e do desinteresse dos homens cuja identidade é forjada em suas lutas, ele é regresso da diversidade desumana elevado do reino da psicopatologia individual para o campo cultural como sua absoluta antítese.”

A antítese que o vampiro apresenta na obra, conforme salienta Botting, pode ser vista na transgressão de fronteiras, pois o monstro é estrangeiro e traz para a Inglaterra as diferenças culturais entre o oriente e o ocidente, ou seja, as linhas entre a barbaridade, o atraso cruzam-se com as da civilização e do progresso, assim, o monstro consegue trazer seus valores para o centro da civilização (a Inglaterra). Como ele se metamorfoseia para atingir seus objetivos e conduz à antítese, permeia entre a coragem e o desinteresse humano, a metáfora do monstro nos escritos góticos de final do século XVIII vem para mostrar que alguns padrões, comportamentos e valores estão em crise e próximos de serem modificados. Além disso, como alerta Cohen (2000), os monstros são híbridos, e, por serem assim, por se modificarem, sofrerem metamorfoses, entram na cultura em épocas de tensões e ansiedades sociais como uma espécie de terceira opção, problematizando o choque entre as culturas e os extremos da sociedade em questão:

Essa recusa a fazer parte da “ordem classificatória das coisas” vale para os monstros em geral: eles são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática. E, assim, o monstro é perigoso, uma forma — suspensa entre formas — que ameaça explodir toda e qualquer distinção. Por sua limiaridade ontológica, o monstro aparece, de forma notável, em épocas de crise, como uma espécie de terceiro termo que problematiza o choque entre extremos (COHEN, 2000, p.30-31).

Desse modo, o vampiro invade a Inglaterra do mesmo modo que a decadência de alguns preceitos e mudanças sociais também invadiram. As grandes transformações sociais que o avanço tecnológico e científico abordaram, as reviravoltas nos pensamentos e a contestação de valores tradicionais, todo o confronto de culturas e classes sociais distintas dos britânicos foram aprovados e desaprovados por muitos críticos e escritores da época, portanto,

¹⁷ Dracula is the dark double of the brave and unselfish men whose identity is forged in their struggle; he is the regressive in-human otherness lifted from the realm of individual psychopathology into a cultural field as its absolute antithesis (BOTTING, 2006, p. 97).

a organização social, o conhecimento e os ideais tornaram-se o território preferido dos monstros nos escritos góticos para serem lidos, relidos, contestados ou não.

Na obra, Van Helsing, em seu plano para encontrar o vampiro e destruí-lo, tenta explicar à sua equipe como é o monstro, tentando defini-lo nas versões em que o mesmo aparece, baseado nos relatos e em seus estudos a respeito:

Esse vampiro que está entre nós por si só é forte quanto vinte homens [...] e ele tem a ajuda da necromancia, [...] e todos os mortos que ele se aproxima acabam se submetendo ao seu comando. Ele é brutal, [...] é um demônio insensível, [...] ele pode, dentro do seu alcance dirigir os elementos, a tempestade, a névoa, o trovão, pode comandar todas as coisas inferiores, o rato, a coruja, o morcego, a traça, a raposa, o lobo, pode crescer ou tornar-se minúsculo e às vezes pode desaparecer e ficar incógnito (STOKER, 2014, p. 179).

Como percebido nas palavras de Van Helsing, a equiparação do vampiro com o atraso, com a característica criminal, diabólica e vil é clara quando este afirma que o vampiro comanda os mortos e as coisas inferiores, como rato, morcego e outros animais. Todas essas características do vampiro manifestam a indiferença e o preconceito com estrangeiros ou com povos de outras culturas presentes na Inglaterra, além de reforçarem as teorias de Cesare Lombroso, as quais regridem o vampiro ao comportamento inferior, animalesco, fato este que determinaria desvios de conduta e anormalidades e que também reforçaria a intolerância para com as demais classes: imigrantes, estrangeiros, colonizados e todos os outros que de um modo ou de outro eram vítimas da pobreza, do processo de Revolução Industrial.

Nesse contexto, os estudos científicos, as ideias de Darwin sobre a evolução das espécies e o avanço da expansão do Império Britânico ajudaram a promover essa crença de superioridade racial, social, comercial e política inglesa. Bram Stoker, na obra, fomenta a confiança da nação inglesa, por meio da metáfora de que o que não pertence ou não é inglês é maléfico, deve ser diagnosticado e combatido. A obra esbarra também na crítica social, pois, nas sombras do vampiro, o gótico adverte para a questão da invasão inglesa em sua conquista territorial e para o inverso, a invasão que a mesma sofre. Schimitt (2002) destaca essa tensão causada pelo encontro com o estranho no final do século:

Rumo ao final do século, com o Gótico imperial, o gênero vai para o exterior novamente. Mas o movimento não é cíclico nem dialético: o espaço do estrangeiro 'regresso' é de fato um espaço diferente daquele do império e da Europa. Unindo representantes estereótipos e etnográficos nos modos não Europeus com um senso puramente fantasmagórico dos costumes real dos 'outro' outros, o 'Gótico imperial' *fin de siècle* envolve os perigos e as

dificuldades do império no momento de maior compromisso com a aquisição de território dos Britânicos (SCHMITT, 2002, p. 311, grifos do autor, tradução nossa).¹⁸

Como mencionado anteriormente, no final do século XVIII, em muitos escritos góticos, os estrangeiros com seus padrões de vida, língua e costumes divergentes do Europeu tornavam-se personagens fantasmagóricos nas histórias. Isso acontecia, muitas vezes, por não pertencerem à nação inglesa, ou seja, pelo fato de serem não europeus sofriam marginalização tanto social quanto nas obras, pois eram entendidos pelos britânicos como obstáculos aos avanços, às conquistas de território que a Inglaterra estava desenvolvendo. Até mesmo porque o britânico, em confronto com a diversidade das outras culturas, poderia perder a legitimidade, e esse receio gerava no colonizador um medo de perder o controle social, político, moral e principalmente comercial. Nesse sentido, o que não era genuinamente britânico era aproximado ao atraso, ao primitivo, ao estranho.

Na obra, Van Helsing se refere ao vampiro como um ser de outro mundo, de origem quase desconhecida, diabólico, sobrenatural, com poderes e, principalmente, com limites e fraquezas:

[...] ele só pode atravessar a correnteza durante a maré baixa ou a maré alta. [...] há coisas que o afligem tanto que o deixa de mãos atadas, como o alho que nós já conhecemos, ou as coisas sagradas como este símbolo cristão, o crucifixo, que está sempre entre nós. Ele não tem poder perante essas coisas, e em sua presença ele se afasta. Há outras coisas também que eu lhes direi, pois em nossa busca podemos precisar delas (STOKER, 2014, p. 182).

Assim, podemos salientar a possibilidade de aproximar o não europeu do atraso. Neste cenário vitoriano, estas pessoas eram marginalizadas, ignoradas ou mesmo exterminadas da sociedade assim como o vampiro o seria. O estrangeiro Drácula, mesmo sendo um conde, aristocrata, na percepção do europeu não era pertencente àquela sociedade, e seguramente não seria permitido a esse homem chegar às mulheres ou à sociedade inglesa. Na leitura do livro, o conde, ao invadir Londres, é tratado como criatura, monstro, ou por meio de outras denominações pejorativas, mas não como conde, de família tradicional da Transilvânia. Nas palavras de Schmitt (2002), “Drácula figura não apenas na persistência do passado, mas

¹⁸ Toward the end of the century, with “imperial Gothic,” the genre goes abroad again. But the movement is not cyclical so much as dialectical: the foreign space “returned to” is in fact a different space, that of empire rather than Europe. Conflating stereotypical and ethnographic accounts of the ways of non-Europeans with a purely fantasmatic sense of the customs costumes of very “other” others, *fin de siècle* “imperial Gothics” engage with the dangers and difficulties of empire at the moment of Britain’s greatest commitment to the acquisition of territory (SCHMITT, 2002, p. 311, grifos do autor).

também na insistência da diversidade no Inglês, permanentemente ameaçando irromper” (SCHMITT, 2002, p. 315, tradução nossa).¹⁹

Tanto na obra como na realidade vitoriana, como evidenciou Schmitt, essa ameaça de irromper, de entrar na vida dos ingleses por meio da diversidade de pessoas e classes sociais em pleno desenvolvimento e domínio britânico era entendido por muitos setores da sociedade inglesa não apenas como uma afronta, pois o inglês também sentia o temor de ser colonizado pelo estrangeiro, pelo de fora, pelos costumes estranhos, pelas classes consideradas inferiores. O vampiro de Stoker personifica o que é estranho, diferente da sociedade vitoriana, já que o monstro incorpora o que é de fora, o diferente,

[...] o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, [...]. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual (COHEN, 2000, p.32, grifo do autor).

Como observamos, o preconceito com o diferente estava impregnado na cultura europeia, esta cultura que sensibilizou críticos, estudiosos e escritores na virada do século XVIII para o XIX. O estrangeiro, que era também o responsável pelo aumento das classes pobres nas cidades, fazia de Londres uma cidade assombrada, contaminada pelo atraso e refém da subversão da ordem vigente. As questões políticas, sociais e morais encontravam-se interligadas à pobreza e à raça. A xenofobia do europeu e o preconceito contra a pobreza ou contra os julgados desviantes configuraram personagens de uma vasta literatura do período vitoriano.

Percebemos, desse modo, que a história e seus personagens foram marcados também pelo preconceito, por guerras e demais atrocidades entre os que dominavam ou exploravam e os que resistiam ao domínio, para não citar outros exemplos, elencamos a dizimação dos judeus pelos nazistas com a finalidade destes últimos de purificar, aprimorar e tornar a Alemanha uma nação mais pura, limpa do contato e da contaminação de outras nações.

De volta ao vampiro, metáfora da presença do diferente, do retrógrado, este poderia impossibilitar o avanço europeu. E, no desfecho da obra de Stoker, os homens representando classes emergentes da grande Londres encontram o monstro para abatê-lo, e, novamente, características degenerativas e bestiais são destacadas no vampiro:

¹⁹ Dracula figures not simply the persistence of the past but also the insistence of an otherness in Englishness, permanently threatening to erupt (SCHMITT, 2002, p. 315).

De repente, [...] ele saltou para dentro da sala. [...] Havia algo tão felino no movimento, tão inumano, [...] O primeiro a agir foi Harker, [...] Quando o Conde nos viu rosnou de um modo horrível, mostrando seus dentes longos e afiados. [...] O conde só se salvou pela rapidez diabólica com que saltou para trás. [...] A expressão do Conde era tão satânica que por um momento temi por Harker, [...] dei um passo à frente com o intuito protetor segurando o Crucifixo e a Hóstia na mão esquerda. [...] Seria impossível descrever a expressão de ódio e maligna frustração, de raiva e ira satânica que assomou à face do Conde. [...] no momento seguinte, num mergulho sinuoso o Conde escapou [...] (STOKER, 2014, p. 224-225).

A descrição, na citação acima, acerca do estrangeiro mediante o julgo do inglês está na denotação do comportamento animal e sobrenatural do vampiro perante seus algozes. Os instintos bestiais e satânicos do monstro sustentam as teorias de degeneração de Cesare Lombroso: “Havia algo tão felino no movimento, tão inumano”, [...] Quando o Conde nos viu rosnou de um modo horrível, mostrando seus dentes longos e afiados. [...] O conde só se salvou pela rapidez diabólica com que saltou para trás” (STOKER, 2014, p. 224-225). Percebemos os sinais de um criminoso degenerado, segundo Lombroso, pelas características físicas e comportamentais do conde. Esses sinais de regressão, de bestialidade e barbárie que o estrangeiro apresenta vão de encontro ao contexto europeu, símbolo de evolução, de progresso, e, ao mesmo tempo, de dúvidas sobre a própria conjuntura social que a modernização e o desenvolvimento urbano causaram, como exemplo, citamos o declínio de alguns valores morais, as incertezas geradas pelas teorias científicas e filosóficas que tumultuavam a percepção da realidade que se instaurava, uma realidade agora sombria devido aos avanços, ao progresso e à mistura de classes sociais e de etnias.

Aliada a essa grande convulsão social ainda havia a ansiedade e o medo que os britânicos enfrentavam em meio a esse turbilhão de acontecimentos que a Revolução Industrial, a modernização que incidia sobre a vida do Europeu e suas consequências ocasionaram na Inglaterra.

Por outro lado, a criação de monstros tendo como tentativa a reestruturação social, política e moral vitoriana, tendo como catalizador a questão social, como em nosso *corpus*, **Drácula**, não é nova. Segundo Cohen (2002), outros registros na história desde a época clássica envolvendo habitantes da Etiópia e a questão da cor de suas peles passaram a ser tema de discussões entre muitos pensadores, que veicularam afirmações a respeito da cor da pele desses habitantes ser escura por terem sido queimados devido à exposição ou passagem muito próxima ao sol, ou, ainda, que o forte calor da África era o responsável por queimar e degenerar os corpos de seus habitantes, sendo tais afirmações rapidamente atribuídas a características de desvios de conduta, ou seja, a cor da pele dos etíopes por essa ou aquela

explicação os condenaria a seres estranhos, deformados e desviantes. Paulino de Nola divulgou que os negros habitantes da África eram considerados pecadores, ou de proveniência demoníaca, por terem sido queimados pelo fogo do inferno. Assim, narrativas para a exclusão social de negros da Europa foram fortemente apregoadas e apoiadas pela política europeia para evitar que esta raça considerada demoníaca, pecadora e desviante não atrasasse o progresso e a expansão da nação europeia (NOLA apud COHEN, 2002, p. 36-37).

Assim como os negros da Etiópia eram sentenciados como desviantes, como abominações humanas e retratados como obstáculo ao pretenso movimento de civilização que os ingleses levariam às demais nações, por meio de seu domínio e processo de expansão territorial, temos o vampiro, ou seja, a personificação do estrangeiro que pretende viver na Inglaterra, comprar imóveis, fazer parte da vida de Londres, ter contato com as mulheres inglesas desafiando a ordem vigente e ameaçando o *status quo* britânico. E quando perseguido pela equipe representante da elite inglesa, o monstro blasfema:

Vocês pensam que vão me frustrar, vocês, com sua fila de rostos pálidos, [...] Irão se arrepender, cada um de vocês! [...] Minha vingança mal começou! [...] Suas moças, a quem tanto amam, já são minhas. E através delas, vocês e outros também serão meus, minhas criaturas, para atenderem ao meu comando, e agirem como meus chacais, quando eu quiser me alimentar. Ah! (STOKER, 2014, p. 225).

Na citação acima, o estrangeiro insiste em se misturar ao inglês, para isso, seduz, contamina as mulheres para assim poder chegar a toda sociedade. A troca de fluídos, de sangue entre Drácula e Mina insinua o ato sexual, o grau máximo de contato e incorporação dessa mistura do inglês com o estrangeiro. Nesse momento, podemos perceber o temor dos britânicos em relação ao de fora, ao estrangeiro e sua tentativa de conquista do território inglês. Estrangeiro este que supostamente deveria ser mantido à margem, sob o controle colonial.

Além das características bestiais descritas por Van Helsing, o mesmo relata sobre a incapacidade de inteligência do conde. É neste momento que a ameaça, ou aquele que ameaça influenciar e dominar a Inglaterra, é recriminado novamente; na obra de Stoker, o ser não inglês, além de ser retratado como selvagem, de costumes pagãos e supersticiosos, que traria retrocesso social, cultural, racial e moral, é considerado dono de uma mente infantil, “[...] é perseverante e resistente. Com seu cérebro infantil, ele há muito tempo concebeu a ideia de vir para uma grande cidade. Então prepara-se especialmente para a tarefa” (STOKER, 2014, p. 235).

Van Helsing esclarece ao grupo que está em perseguição ao monstro e que o mesmo se preparou para invadir e colonizar Londres. Aqui está presente a questão das classes entendidas como inferiores representarem perigo à nação inglesa:

Pacientemente, mede a força e seus poderes. Estuda novas línguas. Aprende sobre a nova vida social, o novo ambiente em que estão inseridos os velhos costumes, a política, a lei, as finanças, as ciências, os hábitos de uma nova terra, e de pessoas novas que hoje são o que ele já foi. [...] O que mais ele não fará quando o mundo do pensamento estiver aberto diante dele? (STOKER, 2014, p. 235).

Nessa passagem, novamente, podemos perceber o medo do estrangeiro com relação à ascensão das classes controladas, da mistura das outras raças e suas influências na supremacia inglesa. O medo de perder o controle social e das colônias que a Inglaterra conquistou antes e durante o extenso reinado da rainha Vitória torna-se iminente, igualmente, o desmoronar da autoridade suprema britânica. A aterrorizante conquista que o vampiro inicia no território inglês deve ser exterminada para o bem e a segurança dos ingleses, o mundo deve ser livre desses seres, “[...] a nós, seus inimigos, estamos dispostos a por em risco até mesmo nossas próprias almas para garantir a segurança daqueles a quem amamos. Para o bem do gênero humano, e para honra e glória de Deus” (STOKER, 2014, p. 235).

Conforme nos referimos anteriormente, a mente retrógrada e infantil do vampiro na ótica do britânico une-se às teorias da degeneração propostas por Cesare Lombroso mencionadas anteriormente, e darwinistas, pois, para os britânicos, além de traços de degeneração, o declínio moral e social das classes mais pobres da Inglaterra determinava a força e o desenvolvimento do mais capaz, neste caso, da nação inglesa. A personagem Mina cita Lombroso ao comentar sobre as possíveis fraquezas do vampiro e sobre como facilitar o extermínio do mesmo: “O conde é um criminoso, e criminoso típico. Nordau e Lombroso o classificariam assim, e como criminoso possui uma mente imperfeita” (STOKER, 2014, p. 248).

De acordo com Taylor (2007), o médico francês Max Nordau compactuava com as teorias de atavismo e da degeneração de Lombroso, e via a degeneração da humanidade como resultado do progresso, da modernidade, da civilização, devido a pressões, ao estresse que os avanços trouxeram para o homem, em especial, para o homem urbano, com todas as divisões que a vida nas cidades gerou (TAYLOR, 2007, p. 14-15). Além disso, todas essas transformações tomavam forma de atavismo, ou mesmo de regresso para estágios mais primitivos ou infantis. Lombroso, em seus estudos sobre fisionomia, cita como exemplo sinais

no corpo ou na face que revelariam marcas ou estigmas os quais manifestariam características de atavismo, este que revelaria também insanidade ou caráter criminal em que o indivíduo regressaria ao primitivo. Esses discursos de Nordau e Lombroso acerca dos comportamentos humanos, da degeneração indubitavelmente não só penetraram nas teorias biológicas, psicológicas e sociais durante o século XIX, como também ultrapassaram as fronteiras europeias.

Baseados nesses conceitos a respeito do comportamento, como indícios de retrocesso humano, é possível interpretar o vampiro como responsável pela não evolução, por ter o caráter primitivo, retrógrado e a mente infantil, e como o mesmo é percebido pelos ingleses: estranho, um estrangeiro que traz em si os males de sua região que não evoluiu de acordo com as convenções britânicas.

Diante dessa situação, podemos inferir também que, além dos costumes, da cultura e da língua serem divergentes daqueles do povo inglês, o monstro carrega consigo a luta de classes, uma vez que desafia a ordem social britânica e procura mesclar-se à nação inglesa fazendo parte dela. Nesse confronto entre colonizador e estrangeiro, o primeiro defende-se dividindo e marginalizando a sociedade em classes sociais diferentes, de forma que a integridade e a supremacia inglesa não viessem a sofrer ataques ou mesmo permitir o avanço de culturas consideradas estranhas, atrasadas, nocivas, não civilizadas.

Em conformidade com Hurley (2002, p. 196-197, tradução nossa)²⁰, “Max Nordau acreditava que a depravação [...] foi sobretudo repulsiva e perigosa causa de degeneração, instigando e exacerbando desordens nervosas, todas altamente contagiosas dentro da moderna vida urbana”. No romance de Stoker, o vampiro sinaliza um comportamento depravador porque perverte, subverte a ordem e as convenções políticas, sociais e morais britânicas por meio de seu comportamento lascivo, primitivo, bestial, enfim, não civilizado para aquela sociedade. Bram Stoker, fundamentado nas teorias científicas e nas discussões acerca da formação das cidades e suas consequências para a Europa de fim de século XVIII para o século XIX, notavelmente conseguiu passar para os leitores as mudanças e as transformações sociais desse processo de conquista, civilização, crescimento urbano e exploração que a Inglaterra determinava.

Dessa forma, o horror do gótico ressurge em obras como **Drácula**, para mostrar ao mundo, por meio de seus personagens monstruosos, a visão do colonizador europeu sobre

²⁰ Max Nordau believed that moral turpitude [...] was an especially repulsive and dangerous cause of degeneration, instigating and exacerbating nervous disorders, all highly contagious within modern city life (HURLEY, 2002, p. 196-197).

seus dominados, visão que a elite e as classes ascendentes insistiam em defender para continuarem a assegurar o controle e a soberania social, política, moral e comercial perante as nações. E, para manter tal supremacia, aqueles que eram vistos como impedimento a esse domínio e progresso inglês, ou seja, os desviantes do *status quo*, tornariam objeto de investigação social e científica para serem contidos, dominados, marginalizados ou então exterminados desse contexto, assim como o vampiro o seria.

Nesse espaço colonial de embate entre colonizador e colonizado, as obras ligadas ao gótico, neste caso, ao gótico colonial, como **Drácula**, tiveram um papel crucial para mostrar as atrocidades que o sistema de expansão e colonização britânica impunha. Na realidade, o choque dos britânicos diante das consequências de se sentirem expostos às influências de seus colonos ou dos imigrantes que também colonizaram a Inglaterra se tornou mais um desafio da expansão imperialista. O medo do contato, da miscigenação de raças e de cultura, sujeitou o colonizador ao pavor da ansiedade de perder o controle, o domínio social e político inglês.

A essa maneira, o estrangeiro responsável pela fantasiosa história de povoar e contaminar com suas origens maléficas a pureza e a soberania da nação inglesa é aniquilado tanto pela literatura, como pelo discurso político e científico dessa história, que traduziu o sentimento de inquietação que a população europeia sentia devido às transformações políticas e sociais de seu processo de conquista e expansão de território concomitante à Revolução Industrial. Neste cenário de sombrias transformações vitorianas, Bram Stoker, em sua obra gótica **Drácula**, colocou ao dispor dos leitores a reflexão acerca do parasitismo social que algumas pessoas ou classes traziam à Inglaterra, em especial, à cidade de Londres, uma das maiores e mais importantes do cenário vitoriano.

3.3 Herbert George Wells

Nascido em Bromley, em 1866, H. G. Wells veio de uma família de classe baixa. Seus pais eram comerciantes, mas o negócio não prosperou e sua mãe foi trabalhar como empregada doméstica. Um acidente com o pai de Wells levou a família a entregar os filhos para outrem cuidar. Assim, Wells foi obrigado a trabalhar desde cedo como vendedor de tecido, porém, apesar da vida difícil sempre aspirava subir de posição social. Como estudante conseguiu ministrar aulas, e a partir de 1883 sua vida começa a mudar: consegue uma bolsa no *Imperial College*, em Londres, graças a suas habilidades para pesquisas científicas e para a escrita. Neste período, conhece Henry Huxley, um dos maiores defensores das teorias de

evolução de Darwin. Wells aproveita esse meio e se aproxima ainda mais das ciências, em especial, da biologia. Com o passar dos dias as aulas e as monitorias acabam e Wells se dedica por inteiro à escrita. Mesmo que a ficção científica já existisse antes de H. G. Wells, estava dentro dele a vontade de explorá-la e junto dela imaginar e explorar o futuro da humanidade (ASSIS, 2005, p. 42-43).

Como visto, os avanços tecnológicos e científicos do final do século XVIII e sua continuidade desenfreada no século XIX, o acelerado crescimento e desenvolvimento urbano e consequentemente o alastramento da pobreza na Inglaterra foram o ponto chave para H. G. Wells registrar seus escritos a respeito dessa nova organização política e social e como fazer para lidar com essa nova engrenagem social.

Em verdade, H. G. Wells examinava, analisava o presente e imaginava como seria o futuro diante das grandes mudanças da humanidade, para ele, o acelerado desenvolvimento das cidades, das fábricas, a poluição, a destruição dos campos para dar lugar aos aglomerados de construções infundáveis e de má qualidade, a perda da mão de obra especializada para as máquinas e como o homem conseguiria sobreviver neste meio serviram de base para muitas de suas ficções, como em **A Guerra dos Mundos**.

Podemos consolidar que H. G. Wells e sua mente fértil em imaginação para a crítica dessa sociedade que estava em inconstância marcou a história da ficção científica. Em **A máquina do tempo** (1895), por exemplo, o autor separa a humanidade em duas classes: “Elóis”, classe mais refinada, e “Morlocks”, classe mais baixa composta de trabalhadores, uma bifurcação social que pode ser lida como o próprio reflexo da divisão social entre trabalhadores e senhores da realidade vitoriana. E, como assegura Assis (2005), as classes mais baixas para Wells são como máquinas que estão ali para desempenharem seu papel e funcionarem para servir, sujeitas ao método, à sobrevivência, e não ao conhecimento ou ao desenvolvimento, assim como era a formação social da época vitoriana, dividida em duas classes basicamente, uma que não trabalhava e era a responsável por produzir a intelectualidade, e outra servil, constituída pelos operários de fábricas. “Essa divisão entre classes mostra novamente o caráter paradoxal de H. G. Wells. Era um socialista que detestava o trabalhador, pois achava que deixado a si próprio, redundaria em um bruto” (ASSIS, 2005, p. 28-29).

O panorama das visões de H. G. Wells na criação de seus enredos, em parte, repercute a sociedade em que ele vivia, além de sua própria infância e juventude difícil, marcadas pela pobreza, pela exploração, e isso acabou revelando personagens e situações de constante exploração e subjugação de uma classe social por outra, como citado na obra **A**

máquina do tempo, e em nosso *corpus*, **A Guerra dos Mundos**, que também apresenta o tema da diferença entre classes sociais e que será exposto a seguir.

Desse modo, a importância de seus escritos para a crítica social, por não se acostumar de pronto com as transformações sociais, deu-se em especial por meio das ciências, tornando-se, extraordinariamente, um dos grandes divulgadores das contradições da sociedade vitoriana por meio da ficção científica. E, de modo único, H. G. Wells coloca no papel o contexto sociocultural da Era Vitoriana, os avanços técnico-científicos, as profundas mudanças da Revolução Industrial, as transgressões de valores sociais e morais, as ansiedades que as rápidas alterações da humanidade causaram.

Toda a Inglaterra sofreu o grande alastramento populacional alarmando muitos pensadores e escritores na virada do século XVIII para o XIX, e H. G. Wells, como descreve Carey (1993), também sofreu a inquietação diante dessa superpopulação que surgia nas cidades que se espalhavam e tomavam as calmas regiões da Inglaterra, como aconteceu com o lugar em que Wells nasceu, Bromley. Como resultado, H. G. Wells viu seu cenário mudar de tranquilo para um espaço de agitação de pessoas, lojas, fábricas e subúrbios. Sendo que, para o escritor, um dos grandes desastres do século XIX foi a desordenada proliferação de gente, bairros, fábricas e bens, por isso, um controle de natalidade seria primordial para melhorar o mundo e não a produtividade e a geração de prole por toda parte, ocasionando o rápido crescimento de uma população, vista por Wells, como de baixa categoria, incapaz física e mentalmente de contribuir para melhorar a sociedade e o mundo (CAREY, 1993, p. 116.).

Com essa ideologia, H. G. Wells defendia um maior controle da proliferação de gente, ou isso seria um dano ambiental irreparável e irresponsável, os subúrbios londrinos seriam como um tumor com ramificações cancerosas de fábricas, lojas, indústrias, loteamentos e gente de segunda categoria. Como viu seu lugar, Bromley, ser destruído por esse tumor crescente, e acrescentando sua origem determinada pela situação financeira difícil, que o mesmo almejava deixar para trás, Wells dedicou-se a formular maneiras para controlar essa multiplicação irregular e descontrolada de classes inferiores, enxergada por ele como um problema social que deveria ser combatido. E este tema foi um dos princípios essenciais de suas criações literárias.

A revolução social após a Revolução Industrial que mudou para sempre o cenário britânico, as invenções, as descobertas, a organização das máquinas e fábricas seguidas pelo desenvolvimento urbano, este seguido pela miséria, não deixaram escolhas à massa trabalhadora: ou era conseguir emprego ou ficar na miséria e nas doenças das ruas inglesas. Todo esse turbilhão, misturado aos estudos e pesquisas científicas, além da grande influência

Darwinista baseada na seleção natural em que o mais forte sobreviveria somaram, para H. G. Wells, motivos fortes para idealizar a possibilidade de uma sociedade mais organizada e mais evoluída, então, destruir o que já se formara para reconstruir uma nova sociedade era necessário.

Dentro dessa visão, Roberts (2006, p. 45) destaca que H. G. Wells notadamente soube combinar personagens, mundos futuristas, viagens no tempo, invasão alienígena e cidades completamente modificadas da realidade, além de elucidar o encontro com as diferenças. Teoria esta também pactuada por Crossley (2005, p. 356-357), o qual referencia H. G. Wells como um grande pensador capaz de visualizar e experimentar mundos ainda inimagináveis, deixando um legado de concepções e uma grande contribuição para o romance científico como: viagens no tempo, invasão extraterrestre, experimentações com animais, exploração planetária, guerras, como **A Guerra dos Mundos**, cujo escritor soube surpreender os leitores, fazendo-os pensar sobre a experiência de sofrerem uma invasão.

Esta invasão que a Inglaterra sofrera pelos marcianos, em **A Guerra dos Mundos**, ressoa na questão de os vitorianos se sentirem sob o domínio e a colonização do estrangeiro, assim como o fizeram com boa parte do globo, questão esta que será explorada agora.

3.4 A Guerra dos Mundos (e de classes)

O início do século XIX observou a marcha da inovação técnica e científica aliada às transformações geradas pelas mudanças sociais decorridas da Revolução Industrial. Se o avanço das ciências, da tecnologia, das máquinas, das fábricas, das lojas, do comércio, enfim, do desenvolvimento das cidades foi veloz, seguia-se nessa proporção a constância da insegurança social e política dos britânicos e de muitos escritores em relação a este desenvolvimento populacional e científico. Carey (1993, p. 115), por exemplo, afirma que Herbert George Wells destacou-se entre os escritores e pensadores que refletiram sobre o presente e o futuro dessa humanidade que transformou e foi transformada por esta conjuntura social que ocorrera na época.

Por observar o crescimento populacional das cidades de Londres, a vida agitada dos trabalhadores das fábricas e todo o aglomerado de pessoas nas cidades inglesas, H. G. Wells registrou em seus escritos as nuances de tantas transformações que esse aumento desordenado das cidades causou na Inglaterra. Segundo Carey (1993), Herbert George Wells, como observador desse aumento da população, sem melhorias sociais, tendia a retratar tal realidade

como nociva à sociedade londrina. Para Wells, a falta de controle da natalidade e o aumento de uma população subdesenvolvida retardaria o desenvolvimento da civilização. A esse modo, Wells tendia a focar seus temas sobre este novo vigor social que a cultura das massas conferia concomitante ao desenvolvimento técnico e científico da nação inglesa (CAREY, 1993, p. 116-117).

A essa perspectiva social, conforme aponta Assis (2005), aliou-se também a propagação da leitura na sociedade. A série de avanços técnicos nas cidades industriais combinada à alfabetização levou a “literatura às massas, criou o escritor-jornalista, aquele indivíduo voltado à produção de entretenimento e que teve como consequência importante o lançamento da ficção científica” (ASSIS, 2005, p. 9). A literatura passa então a disseminar-se com a ajuda do papel celulose, que era bem mais barato, com o crescimento das prensas e das técnicas de impressão. Nessa visão de um mundo superpovoado em que as massas cresciam desordenadamente como um tumor social, interessadas em leituras de ficção, H. G. Wells dedicou-se a escrever sobre toda a ansiedade referente a essa realidade e ainda sobre temas relacionados ao futuro, tornando-se um dos maiores nomes a divulgar o romance científico que criticava o desenvolvimento da sociedade vitoriana, o vai e vem das teorias científicas, da tecnologia e seus reflexos no desenvolvimento das massas trabalhadoras.

Concordamos com Silva (2008), quando este afirma que se a inglesa Mary Shelley foi aceita com tranquilidade como a “mãe” da ficção científica após o romance **Frankenstein**, o papel de representante masculino, ou de “pai”, veio com o britânico H. G. Wells (SILVA, 2008, p. 28, grifos do autor).

O que Wells pretendia com o “Romance Científico”, o nome usado por ele para se referir a histórias que se baseavam no pensamento científico, como informa John Clute em *Science Fiction: The Illustrated Encyclopedia*, era tentar representar e dar sentido às complexas e rápidas mudanças do seu tempo que estavam alterando a sociedade britânica em várias esferas, tendo como pano de fundo a hegemonia da *Pax Britannica*, a Revolução Industrial e teorias científicas polêmicas como as de Charles Darwin sobre a evolução humana. Ele vislumbrou no turbilhão promovido pela circulação dessas ideias uma oportunidade de escalar os degraus da rígida hierarquia social da sociedade vitoriana, escapando, assim, da sua condição como filho de uma empregada doméstica e de um jardineiro.

Assim, Wells refletiu em suas obras inquietudes diante das grandes mudanças sociais, culturais, políticas e científicas e suas implicações nas classes sociais. Algumas de suas obras como **A máquina do tempo** (1895), **A Ilha do Dr. Moreau** (1896) e **O homem invisível** (1897), a título de alguns exemplos, apontam para a questão científica e suas

consequências sociais. Em **A máquina do tempo** o escritor revela como estará a sociedade num tempo futuro, e, por intermédio de uma máquina que viaja no tempo, o viajante encontra a sociedade dividida entre uma classe superior, “Elois”, e outra inferior, “Morlocks”. Em reforço às palavras de Alexander Meireles da Silva, a polêmica da sociedade dividida em classes diferentes é também influenciada pelas ciências e pelas teorias evolutivas, pois os Elois descendem de classes privilegiadas e os Morlocks são a prole dos operários industriais. Na ótica de Wells, segundo Assis (2005, p. 28), o futuro teria como consequência dos avanços tecnológicos e científicos a desumanização, não apenas a exploração de uma classe por outra, e, sim, a sujeição ao método científico e não ao conhecimento, o homem seria vazio, incapaz intelectual e moralmente, como os Morlocks.

Em **A Ilha do Dr. Moreau** há um cientista que faz experiências em animais transformando-os em uma mescla de bestas humanas. O personagem que presencia essas experiências consegue escapar da Ilha após a morte do cientista e, ao chegar à Inglaterra, confere aos cidadãos características animais e atávicas como presenciou na Ilha. Novamente, está presente a visão de que a sociedade é diferenciada em classes, umas mais avançadas, outras consideradas mais primitivas e bestiais. Em **O homem invisível** recai incisivamente a questão do ser humano ainda ser incapaz de controlar as ciências. O protagonista, ao conseguir se tornar invisível, além de se aproveitar inescrupulosamente dessa situação, não consegue reverter a experiência, tornando-se a principal vítima, deixando à mostra que a humanidade ainda é incapaz de lidar com o conhecimento. Como reforça Assis (2005, p.51), “o homem é moralmente inferior às suas capacidades intelectuais, os cientistas são poucos melhores, quanto ao povo, nem pensar”.

Este seria o desafio da lógica científica para Wells, o paradoxo das ciências: tão necessária ao desenvolvimento e ao conforto humano, mas, ao mesmo tempo, mecaniza e desumaniza o homem. Indo além, por detrás dessa separação social em avançados e atrasados incide a questão darwinista da teoria evolutiva humana, com a qual Wells concordava, pois os romances mencionados se ligam pela característica de que sobrevive aquele que melhor se adapta ao meio social, tornando-se a classe dominante.

Dentre suas várias produções que repercutiram acerca da população que tomava conta das cidades, e de seu fértil imaginário futurístico, está aquela que constitui nosso *corpus*, **A Guerra dos Mundos**, cujo enredo envolve a invasão do planeta Terra por alienígenas oriundos de Marte. Obra esta que proporcionou aos leitores da época uma visão do fim do mundo por intermédio de alienígenas. Estas criaturas matam e sugam o sangue dos humanos a fim de dizimarem praticamente toda a população da Londres vitoriana,

exteriorizando, na leitura deste trabalho, um sentimento de que seria necessária a destruição de um mundo que cresceu desordenado e superpovoado por gente de diversas etnias.

O romance científico, **A Guerra dos Mundos**, além de trazer uma realidade pautada na presença de seres de outros mundos na Terra, por outro lado, também reflete o gótico colonial, por se conectar de igual modo à expansão imperialista inglesa, além do consequente choque de cultura: inglês *versus* estrangeiro, este último também considerado como raça inferior.

Mas a estranheza do enredo de **A Guerra dos Mundos** está na criatividade de Wells, até mesmo porque nesse cenário de invasão dos alienígenas ao território londrino encontra-se a inter-relação colonizador/colonizado, pois há a oposição de mundos diferentes, de seres diferentes. H. G. Wells aborda o choque que a diversidade étnica causava nos ingleses durante a expansão imperialista, ou seja, o diferente do inglês era tratado como inferior, ou como seres de outros mundos, assim, simbolicamente, a obra aborda a questão imperialista inglesa,

Seus Marcianos que usam a tecnologia superior para invadir uma nação, a Inglaterra, a qual tem acumulado seu próprio império em parte devido sua superior sofisticação tecnológica. Ou seja, em outras palavras, a chegada dos Marcianos e sua brutalidade mecanizada são formas simbólicas que Wells escolheu para explorar um profundo conjunto de preocupações: preocupações acerca dos Britânicos, [...] o Império e a violência da construção desse império, sobre as ansiedades da diversidade e o encontro com o diverso, com o diferente que o império impôs nas pessoas (ROBERT, 2006, p. 47-48, tradução nossa).²¹.

No enredo, a exploração do território acontece com os marcianos invadindo o planeta Terra, os humanos sendo observados em suas atividades habituais como criaturas inferiores e que:

[...] este mundo era atenta e minuciosamente observado por inteligências superiores à do homem e, no entanto igualmente mortais; que enquanto os homens se ocupavam de seus vários interesses, eram examinados e estudados talvez com o mesmo zelo com que alguém munido de um microscópio examina as efêmeras criaturas que fervilham numa gota d'água (WELLS, 2007, p. 31).

²¹ His Martians are imperialists who use their superior technology to invade a nation, England, which had been accumulating its own empire in part because of a superior technological sophistication. In other words, the arrival of the Martians and their mechanised brutalities are the symbolic forms Wells chose to explore a deeper set of concerns: concerns about the British, [...] Empire, about the violence of empire-building, and about the anxieties of otherness and the encounter with otherness that empire imposes on the imperial peoples (ROBERT, 2006, p. 47-48).

Inicia-se, a partir desse momento, a linha de confronto entre humanos e seres de outros mundos. O livro, logo no início, sinaliza a invasão por seres extraterrestres, e que estes eram mais evoluídos que o homem:

No máximo, os terráqueos fantasiavam que poderia haver outros homens em Marte, talvez inferiores a si próprios e dispostos a acolher uma expedição missionária. No entanto, através do golfo do espaço, mentes que em relação à nossa são como à nossa em relação à dos animais que perecem, intelectos vastos, frios e insensíveis, lançavam sobre este planeta olhos invejosos e, lenta e inexoravelmente, traçavam planos contra nós (WELLS, 2007, p.31).

Na narração acima podemos notar que a humanidade é compreendida como um todo sem importância, animais próximos a se findarem, e que a vida dos seres de outros planetas está bem além da evolução humana da Terra: de inteligência superior, porém, indiferente, impassível, sem sentimento algum para com a humanidade. Assim, planejavam aqui chegar, povoar e exercer domínio completo, acontecimento este que pode estar associado à ideia de soberania absoluta dos ingleses durante a expansão colonialista sobre os demais povos, subjugando-os inferiores, “perecíveis” e atrasados.

Durante esse planejamento de invadir a Terra, Wells explica os possíveis motivos de os marcianos observarem os seres humanos para a invasão:

[...] sendo Marte mais velho que a Terra, com cerca de um quarto de sua superfície e mais distante do Sol, a consequência necessária era que não somente estava mais distante do começo da vida como mais próximo de seu final. [...] O resfriamento secular que um dia há de se abater em nosso planeta já está bastante adiantado em nosso vizinho. [...] Esse último estágio de exaustão, que para nós ainda é extremamente remoto, tornou-se um problema urgente para os habitantes de Marte. A pressão imediata da necessidade aguçou o intelecto, alargou os poderes e endureceu o coração dessas criaturas. E examinando o espaço com instrumentos e inteligência que sequer imaginávamos, eles viram, [...] uma estrela de esperança, nosso cáldo planeta com suas matas verdes e mares cinzentos, uma atmosfera densa transbordante de fertilidade [...] (WELLS, 2007, p. 32).

Como descrito acima, além do preparo, da observação dos marcianos em relação à Terra, a expectativa de encontrar aqui seres inferiores era evidente, conforme o narrador, para os marcianos, nós, seres humanos, “[...] os habitantes da Terra devemos ser para eles no mínimo tão exóticos e inferiores como macacos e lêmures o são para nós” (WELLS, 2007, p. 33).

Como já mencionado neste trabalho, as teorias da evolução das espécies de Charles Darwin pregam que sobrevive e evolui o ser que melhor se adapta ao meio em que vive, e tais

teorias foram utilizadas pelos imperialistas de forma distorcida para procederem com a exploração autoritária e violenta sobre os demais povos na construção e manutenção do Império Britânico. Conforme sustenta David (2002, p. 88-89, grifos do autor, tradução nossa),

[...] historiadores do imperialismo do século dezenove exploraram o significado da teoria de evolução e a precoce cultura da antropologia nas atitudes sobre a raça no período Vitoriano. [...] após 1859 a crença na superioridade cultural e social começou a originar sua autoridade dúbia das teorias da diferença biológica, popularmente apropriadas (e usualmente vulgarizadas) da *Origem das Espécies* de Darwin.²²

Nessa ótica, Wells explorou as diferenças biológicas e de superioridade de uma raça sobre a outra, já que os marcianos, além de analisarem o planeta Terra, também subjugarão os habitantes comparando os mesmos a animais inferiores, igualmente ao que faziam os imperialistas em contato com seus colonizados.

Ainda segundo David (2002), historiadores e escritores da época, como H. G. Wells, aproximaram-se das discussões científicas para expressarem, de forma ficcional, a ideologia imperialista e sua pretensa superioridade racial, porque, imbuídos por esses discursos científicos, os ingleses se percebiam superiores, até mesmo por sua posição de privilégio tecnológico, social e comercial, fazendo fundamentar a crença de que, como nação mais avançada, levaria civilidade e desenvolvimento por meio da colonização, e, ainda mais, que a superioridade inglesa no comércio, nos negócios bancários, na engenharia naval e na segurança conduziria uma visão de predomínio racial sobre as demais civilizações, uma espécie de pirâmide racial onde os ingleses estariam no topo (DAVID, 2002, p. 88). Nesse processo, a ideologia de qualidades superiores sobre os outros tendia a um movimento circular de construção de uma hierarquia social baseada nas diferenças étnicas.

De volta à obra, logo após a observação do nosso planeta pelos marcianos, os mesmos chegaram e se aproximaram do território desejado de maneira impetuosa, imperialista. Nesse cenário de invasão silenciosa, objetos em forma de mísseis pousavam na Terra um após o outro, em intervalos curtos, porém, sem a devida atenção dos moradores, da mídia ou de especialistas no assunto. Até o momento em que alguns moradores notaram o clarão de uma espécie de estrela cadente ou meteorito que atingira os campos de *Horsell*, *Ottershaw* e *Woking*. E, diante do enorme buraco formado pela aterrissagem do estranho objeto, o narrador, e mais um amigo, Ogilvy, perceberam que a “Coisa” enterrada na areia era

²² [...] historians of nineteenth-century imperialism have explored the significance of evolutionary theory and early cultural anthropology in Victorian attitudes to race. [...] that after 1859 belief in cultural and social superiority began to derive its dubious authority from theories of biological difference, popularly appropriated (and usually vulgarized) from Darwin's *Origin of Species*. (DAVID, 2002, p. 88-89).

grande, em média trinta metros de diâmetro, com uma tampa em formato de cilindro, ainda muito quente, e o calor emitido pelo objeto evitava a aproximação, porém, a coisa estava se mexendo, soltando pedaços, e, observando mais atentamente, perceberam que a tampa do grande cilindro girava lentamente, assustado, Ogilvy grita: “Santo Deus! [...] Tem um homem aí dentro! Ou mais de um! Queimados vivos, tentando escapar!” (WELLS, 2007, p. 40-41).

Na sequência, temos a narração da descrição do marciano denunciando o choque causado pelo encontro com o diferente, de forma a mesclar horror e ficção científica:

[...] vi algo se mexer entre as sombras: movimentos ondulares e acinzentados um acima do outro, semelhante a uma cobra cinzenta [...] desenrolou-se da massa retorcida e estendeu-se em minha direção. [...] Senti-me gelar subitamente. Uma mulher atrás de mim soltou um grito agudo. Virei-me um pouco para trás ainda mantendo os olhos fixos no cilindro, de onde tentáculos agora se projetavam, e comecei a abrir caminho para trás [...] Vi a surpresa dando lugar ao horror nos rostos das pessoas ao meu redor. [...] A multidão recuou em peso. [...] Petrificado continuei a olhar. Uma grande massa cinzenta e arredondada, talvez do tamanho de um urso, emergia lenta e penosamente do cilindro. [...] dois grandes olhos escuros fitavam-me. [...] a cabeça da coisa era redonda e tinha, digamos, um rosto. Havia uma boca sob os olhos, uma fenda sem lábios que fremia e arquejava pingando saliva. A criatura inteira arfava e pulsava convulsivamente. [...] Quem nunca viu um marciano vivo não podia imaginar a estranheza e o horror de sua aparência. [...] ausência de sobrancelha, falta de queixo [...] o monstruoso grupo de tentáculos [...] a extraordinária intensidade dos olhos imensos, inumanos, desfigurados e monstruosos (WELLS, 2007, p. 50-51).

Na descrição acima, o espanto a cada passo do marciano causa nojo e suspense nos humanos, metaforizando a reação do confronto entre colonizador e colonizado. Porém, nesse momento, a reação do marciano é passiva, de observação, já que a criatura apenas olha o ambiente, de modo a supor o comportamento dos colonizadores ingleses chegando às demais regiões para explorarem e dominarem os nativos. A cena do confronto com o estrangeiro e o estranhamento entre as raças é enriquecida com traços semelhantes às narrativas góticas, pois, como cita Botting (2006, p. 9), a difusão dos traços góticos aparece em diferentes gêneros como a ficção científica, o romance de aventura, o popular horror e outros, geralmente ressoados por motivos transformados ou substituídos pelas ansiedades das diferenças culturais. E essa difusão se apresenta por meio de figuras ameaçadoras como cientistas malucos, psicopatas, extraterrestres, ou as monstruosas mutações sobrenaturais.

O narrador, imóvel de medo ao olhar para o marciano, aquela estranha criatura, não imagina o que pode acontecer daí em diante. Aqui, é possível uma leitura de que H. G. Wells especula o que pode acontecer, qual seria o futuro da humanidade a partir de uma suposta dominação tecnológica. Assim, como se ocupava de ideias sobre o envolvimento das ciências

com a sociedade, da mesma forma, Wells também se inquietava com a questão do futuro, e essa tensão em relação ao futuro foi observada por ele nesse momento por meio da ficção científica, refletindo as ansiedades de uma sociedade em pleno desenvolvimento em face às transformações sociais.

Como coloca Assis (2005, p. 1), H. G. Wells foi um explorador do futuro, um fundador do gênero ficção científica, um divulgador das ciências em suas obras, além de um grande crítico da sociedade vitoriana. Para Botting, de igual modo, explorar o futuro pela vertente da ficção científica conecta-se ao gótico, porém, esta conectividade das ciências com o gótico se dá por meio de estratégias de enredo diferentes, já que reflete as controvérsias da organização social e da dominação tecnológica sobre a sociedade:

A ficção científica, conectada com o Gótico desde *Frankenstein*, apresenta novos objetos de terror, horror nas formas de vida estranhamente mudadas e invasores alienígenas de outros e futuros mundos. Com a ficção científica, contudo, existe um significado diferente nas estratégias do Gótico: as ansiedades culturais no presente estão não apenas projetadas no passado, mas, são transferidas para o futuro. A prevalência de técnicas e experimentos científicos como causas de contos de horror e terror é parte de uma mudança nos objetivos e efeitos das emoções medonhas. Diferente das antecedentes encarnações Góticas, os temas científicos não são opostos aos modos espirituais e religiosos de entender ou organizar o mundo. [...] Localizado em um mundo profano, a ciência significa a dominação opressiva da produção tecnológica, da organização burocrática e da regulação social (BOTTING, 2006, p. 102, grifo do autor, tradução nossa).²³

Conforme supracitado, os romances científicos abrangiam a ligação entre a dominação das ciências sobre a organização social no presente e com olhares para o futuro.

Já os cidadãos ingleses de **A Guerra dos Mundos**, ao contrário, não estão muito preocupados com o futuro, pois a chegada dos marcianos em Londres acontece mediante o dia a dia automatizado e repetitivo dos ingleses: “Com infinito comodismo, os homens iam de um lado para outro no globo, cuidando de seus pequenos afazeres, na serena segurança de seu império sobre a matéria.” (WELLS, 2007, p. 31). Nessa passagem já é possível percebermos que o autor de **A Guerra dos Mundos** tem o cuidado de pensar no hoje e imaginar um futuro

²³ Science fiction, connected with the Gothic since *Frankenstein*, presents new objects of terror and horror in strangely mutated life forms and alien invaders from other and future worlds. With science fiction, however, there is significant divergence from Gothic strategies: cultural anxieties in the present are no longer projected on to the past but are relocated in the future. The prevalence of scientific devices and experiments as causes of tales of terror and horror is part of a shift in the objects and effects of awful emotion. Unlike previous Gothic incarnations, scientific themes are not opposed to spiritual or religious modes of understanding or organizing the world. [...] Located in a thoroughly secular world, science signifies the oppressive domination of technological production, bureaucratic organization and social regulation. (BOTTING, 2006, p.102, grifo do autor).

em que esse homem que vai e vem de um lado ao outro na Terra não estaria sozinho e nem mesmo seguro em seu mundo.

Diante da realidade dos ingleses, os marcianos vieram para dominar de forma violenta os arredores de Londres até chegarem a Londres, e, como verdadeiros colonizadores, fulminaram um grupo de pessoas que estava se aproximando do fosso onde as criaturas se encontravam. O grupo exterminado por uma espécie de “Raio de calor” tentava uma comunicação. Todavia, os marcianos atacaram, iniciando uma verdadeira guerra contra os habitantes do território invadido:

De repente, viu-se um clarão, e uma fumaça esverdeada e luminosa saiu do fosso em três lufadas nítidas que se elevaram no ar uma após a outra. [...] Diante desse fenômeno, o pequeno grupo circular que portava a bandeira branca estacou a alguns passos do fosso, um punhado de pequenos vultos verticais sobre a terra escura. Quando a fumaça verde se elevou, seus rostos se iluminaram de verde pálido, e voltaram a escurecer quando se extinguiu. [...] Como se cada homem, súbita e momentaneamente, tivesse sido convertido em fogo. [...] Permaneci onde estava, ainda não compreendendo que era a morte saltando de um homem para outro naquele distante grupo (WELLS, 2007, p. 55).

A partir desse momento, os marcianos imperam no território, munidos com armas bem mais avançadas que as dos humanos, seguem o caminho para Londres, e no trajeto pisoteiam, esmagam o que está à frente, lançam os raios de calor que aniquilam instantaneamente as pessoas, a vegetação, o meio ambiente, enfim, vão desbravando, explorando o lugar desconhecido de modo a limpar o caminho por onde passam: “o chumbo se derrama como água, o ferro amolece, o vidro quebra e derrete, e ao cair sobre a água imediatamente causa uma explosão de vapor” (WELLS, 2007, p. 59). Como descrito, os marcianos de Wells vieram para colonizar o novo território, como os britânicos entravam para dominar suas colônias e expandir o império.

H. G. Wells combina vários temas e personagens para representar com maestria a sociedade, como: viagens no tempo, invasão alienígena, mutações, a vida no futuro, tendo como pano de fundo a fascinação do encontro com o diferente, com as diferenças (ROBERTS, 2006, p. 45). A obra **A Guerra dos Mundos** mostra de forma clara esse encontro com o diferente por meio da ficção científica: os marcianos adentram de repente as proximidades de Londres onde pessoas trabalham e vivem o dia a dia normalmente sem imaginarem o futuro que se acercara logo após a queda dos primeiros cilindros na região. E vai além, a questão imperialista inglesa e sua ideologia de superioridade perante as demais nações é retratada quando se equipara o controle do território em que os marcianos aniquilam

tudo a sua volta com o poderoso raio de calor, ignorando qualquer tentativa de comunicação ou aproximação dos humanos, precisamente, e a supremacia e a violência que os ingleses mantinham com os habitantes de suas colônias.

Desse modo, o romance científico de Wells se prestou a debater, a expor o cenário de exploração dos colonos durante a Era Vitoriana Imperialista, e também desempenhou a crítica social da ideologia que se formou nessa época: de que a elite inglesa levaria desenvolvimento e civilidade às regiões conquistadas, ao mesmo tempo, o que fosse diferente, estranho e caracterizasse ameaça à legitimidade britânica deveria ser erradicado a fim de que se assegurasse a pureza e a hegemonia dessa nação.

Nesse quadro de invasão e repressão, os marcianos seguem avançando, do outro lado, soldados começam a se preparar para o confronto, e o narrador descreve a ação dos alienígenas e o poderoso armamento de que os mesmos dispõem. “Descrevi-lhes o Raio de Calor, e eles começaram a debater-se entre si” (WELLS, 2007, p.74). Enquanto os monstros estavam ocupados trabalhando nas valas em seus cilindros os soldados iniciam o ataque, porém, sem chance alguma de competirem com o poderio dos marcianos, e, em meio ao cenário de guerra, o narrador ouve grandes estrondos: “[...] vi as copas das árvores perto do Oriental College explodirem em chamas vermelhas e fumaça, e a torre da igreja desmoronar em ruínas, [...] o telhado do próprio colégio parecia ter sido pulverizado por um canhão de 100 toneladas” (WELLS, 2007, p. 76). Em desespero devido à destruição que os marcianos estavam espalhando, incendiando tudo com o raio de calor, o narrador e os moradores empreendem fuga.

Durante a leitura é perceptível a comparação que H. G. Wells faz dos marcianos com a elite imperialista britânica exercendo total autoridade tecnológica, bélica e racial sobre os ingleses, que aqui seriam, metaforicamente, os colonizados. Racial porque os marcianos são criaturas enormes, vistas pelos colonizados como máquinas frias, insensíveis, que humilham e reduzem ao nada o território conquistado. Sob o terror da conquista imperialista, o narrador horrorizado relata a criatura: “E a Coisa que então vi. Como descrevê-la. Um tripode monstruoso, mais alto do que muitas casas, [...] uma máquina ambulante de metal reluzente [...]” (WELLS, 2007, p. 83). Na passagem anterior, podemos inferir que H. G. Wells em sua visão crítica, de forma fantasiosa, os fatos da realidade inglesa imperialista e sua ideologia de superioridade, porque os marcianos são gigantes, indiferentes, possuem uma tecnologia muito acima daquela dos humanos, são considerados de intelecto mais desenvolvido, daí a conquista de territórios acontecer quase de forma natural por não encontrarem resistência para

a dominação da Terra. Esta passagem supostamente reflete como se dava a conquista das colônias inglesas.

Em outro momento do livro, há a observação das criaturas pelo narrador, que avançam devastando os arredores de Londres:

Vi agora que eram criaturas mais extraterrenas que se podia conceber. Tinham enormes corpos arredondados – ou o melhor, cabeças – com cerca de um metro de diâmetro e um rosto na frente. O rosto não tinha narinas, olfato -, mas um par de olhos muito grandes e escuros, e logo abaixo uma espécie de bico carnudo. Atrás dessa cabeça ou corpo [...] ficava a única e estreita superfície timpânica, anatomicamente um ouvido. [...] Ao redor da boca brotavam 16 tentáculos finos quase como chicotes, divididos em dois grupos de oito de cada lado (WELLS, 2007, p. 172).

Os planos de H. G. Wells para o controle da população mundial puderam ser realizados em suas ficções, como nosso *corpus*, **A Guerra dos Mundos**, em que os marcianos iniciaram a matança dos moradores dos arredores de Londres. Na ficção de Wells, criaturas parecidas com polvos, gigantes, caranguejos, sempre foram recorrentes, criaturas que adquirem inteligência, matam, esmagam seres humanos e conseguem dizimar grande parte da superpopulação indesejada, criaturas que “Tem normalmente longos tentáculos flexíveis em torno da boca, e olhos incrivelmente inteligentes” (CAREY, 1993, p. 124). Esta descrição vem ao encontro da aparência dos marcianos da citação anterior, ou seja, monstros gigantes com tentáculos e aparentemente mais inteligentes que os homens, já que a cabeça e o cérebro ocupam lugar de destaque na fisionomia, sendo grandes, o que denota desenvolvimento intelectual.

Esse contexto de criaturas vistas como superiores aos humanos tendo como propósito o extermínio dos mesmos, como mencionado por John Carey, concentra outra aspiração de H. G. Wells: a tentativa de dar cabo à classe de pessoas consideradas incapazes de evoluir, pois Wells pactuava das teorias evolutivas darwinistas e acreditava na possibilidade da evolução da sociedade, na medida em que a prevalência de uma classe sobre a outra aconteceria pelo fato de que uma seria biologicamente mais adaptável e mais forte para a sobrevivência que a outra.

O apego de H. G. Wells à questão do controle da natalidade e à extinção de grupos de gente considerados inferiores era primordial. Este procedimento, para Wells, seria um caminho para uma higiene social, já que uma das suas maiores ansiedades era o crescimento da população nos subúrbios, transformando os campos verdes em construções aglomeradas e

suas, com gente física e mentalmente atrasada. Para as teorias wellsonianas, o conforto e a felicidade humana são inversamente proporcionais ao crescimento populacional desordenado:

Na Índia, na África Setentrional, na China e no Extremo Oriente Wells relata com pesar, ‘está em curso um rápido crescimento da população de baixa categoria, subdesenvolvida física e mentalmente, retardando o desenvolvimento mecânico da civilização’ [...]. Nessas comunidades decadentes, [...] quase não se achariam inteligências capazes de compreender seus planos de melhoria mundial (CAREY, 1993, p.116).

Com base nas palavras de Carey, torna-se mais claro compreender as ficções de H. G. Wells, como **A Guerra dos Mundos**, pois o extermínio de praticamente todas as regiões em volta de Londres a caminho da mesma já retrataria uma aspiração do escritor em fazer uma espécie de limpeza humana, mas, aqui, a limpeza seria realizada pelos marcianos, os imperialistas, mais civilizados, de inteligência tecnológica superior, em outras palavras, o território invadido, cenário dos subúrbios, deveria então ser destruído para que se começasse uma outra realidade, mais evoluída, e, claro, representada pela elite britânica. Nessa visão, o alastramento dos subúrbios londrinos e da própria cidade de Londres, que se desenvolveu rapidamente com a Revolução Industrial e a expansão do Império Britânico na Era Vitoriana, que tomou as ruas e os campos de casas e construções indiscriminadas, sem planejamento, sem higiene, sem saneamento, sem limpeza, sem saúde, sem educação, enfim, distante de uma realidade considerada adequada para H. G. Wells, deveria ser erradicado.

Assim, segue o cenário de extermínio de forma violenta que o narrador expõe aos leitores, de modo a representar metaforicamente a violência com que os britânicos conquistavam suas colônias, com superioridade e abusos. Oportunamente, H. G. Wells faz da obra uma espécie de crítica a esse colonialismo, pois os ingleses são praticamente erradicados como se fosse para uma reconstrução da Inglaterra, despovoada de classes inferiores. Os marcianos, por meio de suas tecnologias, destroem inteiramente as regiões e as pessoas, um retrato de pós-guerra que é narrado de forma pavorosa por um soldado que se encontra com o narrador:

Fomos exterminados. E o cheiro ... santo Deus! Era de carne queimada! [...] Então o monstro se pôs de pé e começou a andar sem pressa de um lado para outro do campo entre os poucos fugitivos, [...] O gigante poupou a estação de Woking e seu amontoado de casas até o último minuto, mas então desfechou o Raio de Calor num instante, e a cidade se converteu em um amontoado de ruínas em chamas. [...] O lugar estava intransitável. Ainda restavam algumas pessoas vivas, desesperadas, muitas queimadas e escaldadas. [...] enquanto um dos gigantes marcianos retornava. Viu-o

perseguir um homem, agarrá-lo com um de seus tentáculos de aço e bater sua cabeça contra o tronco de um pinheiro (WELLS, 2007, p. 92-93).

Na narrativa de toda a obra, percebemos que o escritor denota aos marcianos o caráter de monstruosidade, o que nos faz refletir acerca da perversidade desmedida e do terror com que os ingleses eram vistos por suas vítimas durante o processo de conquista colonial. O que justifica a alusão, na obra, aos lugares conquistados pelos britânicos quando, ao encontrarem alguma resistência, esta era praticamente extinta juntamente com seus habitantes, assim como na passagem anterior. Assim, durante a leitura, conseguimos visualizar a ideologia imperialista de domínio comercial, político e racial dos povos e regiões por meio de um processo de conservação da própria raça inglesa, e, para isso, a erradicação dos indesejados, das classes consideradas inferiores se fazia necessária. Portanto, a disputa não era apenas comercial, pois a expansão imperialista britânica visava não só expandir um império, mas, também, aniquilar de seu território aqueles indesejados numa forma de purificação de sua própria nação para o surgimento de uma nova Inglaterra.

A partir desse quadro social, Kerslake (2007) argumenta que o colonialismo britânico, na visão de Wells, não fora apenas um ataque ou domínio territorial e humano por meio dos invasores alienígenas, mas fora, também, um modo importante de controle das formas de vida na Terra:

A narrativa de Wells fala sobre o colonialismo e o ataque imperial do ponto de vista mais violento e distópico. A Terra é atacada por Marcianos intencionados na erradicação das espécies competitivas. À primeira vista, *A Guerra dos Mundos*, [...], reconta apenas o mais selvagem aspecto do império, e isso descreve a tentativa de assimilação através de um padrão de destruição. Os invasores de Wells incorporaram inteiramente os aspectos negativos do poder da colonização, com o objetivo de ser uma total e rápida subjugação de toda forma de vida na Terra (KERSLAKE, 2007, p. 85, grifos do autor, tradução nossa).²⁴

Nessa ótica, uma das leituras da colonização britânica para Wells foi observada e imaginada de forma que os alienígenas, na obra, destruiriam tudo na Terra para que a sociedade pudesse ser reorganizada, isto é, a eliminação das formas de vida na Terra daria lugar à reconstrução de uma nova realidade, controlada, mais avançada, livre de pessoas que representariam atraso ou obstáculo ao progresso da elite inglesa (representada pelos

²⁴ The Wells narrative speaks of colonialism and the imperial drive from the most violent and dystopian of viewpoints. The Earth is attacked by Martians intent upon the eradication of a competing species. At first glance, *The War of the Worlds*, [...], recounts only the more savage aspects of empire, in that it describes (attempted) assimilation through a template of destruction. Wells's invaders embody entirely negative aspects of a colonising power, their objective being a total and rapid subjugation, of all life on Earth. (KERSLAKE, 2007, p. 85, grifos do autor).

marcianos). Pois, como já mencionado anteriormente, H. G. Wells desconsiderava como benéficos para a população genuinamente inglesa o crescimento, a superlotação das cidades e dos campos com construções irregulares, com a diversidade de etnias consideradas mentalmente atrasadas, em suma, com a pobreza e suas consequências: miséria, doenças, sujeira, tudo que pudesse impedir o avanço da progressiva marcha de desenvolvimento, superioridade e hegemonia britânica. Nesse caso, potencialmente, os marcianos foram exterminando gente e regiões em volta de Londres, numa ação comparada a uma varredura da pobreza das redondezas da metrópole londrina, dos bairros pobres e das construções aglomeradas rumo a Londres, trazendo-nos a noção de uma limpeza social iniciada nas cercanias até chegar ao coração da grande Londres: “Eu já percebera que a região em torno de Londres inevitavelmente se tornaria um cenário de uma batalha desastrosa antes que aquelas criaturas fossem destruídas” (WELLS, 2007, p. 95).

As regiões em volta de Londres, agora, transformaram-se em um campo de guerra, de um lado os marcianos avançando de maneira impiedosa, e, de outro, os soldados, o desespero e o medo dos cidadãos fugindo do fogo cruzado. Neste momento, enquanto o narrador observa toda a agitação e tenta fugir pelo rio encontra um padre. Interessante essa passagem na obra porque o padre, aterrorizado pelos acontecimentos, não consegue em momento algum manter o controle e se desespera de pânico. Aqui, é possível estabelecermos algumas reflexões acerca do aparecimento de um membro religioso que se desmorona de medo e falta-lhe toda e qualquer esperança de uma solução. De acordo com Aldiss (2007, p. 12-13), no mundo da ficção é comum a presença de vigários e representantes da religião comportarem-se de modo covarde perante os grandes problemas sociais, e, especificamente na obra de Wells, o pároco representa mais uma visão do despreparo e da fragilidade da religião diante da real circunstância dos fatos.

Opinião que vem ao encontro do que afirma John Carey ao comentar sobre Wells e a religião, uma vez que Wells opunha-se ao crescimento irregular e acelerado da população com “[...] infindáveis ruas de casas indiscriminadas, famílias miseráveis e lojas de segunda categoria, sendo assim, H. G. Wells também se opunha à religião católica ao perceber que a mesma era contrária ao controle da natalidade” (CAREY, 1993, p. 116-117). Afirmações estas que seguramente condiziam ainda com a situação da religião no período vitoriano que já era de decadência de valores devido às grandes transformações na cultura, nas ciências e na sociedade em decorrência dos avanços e estudos da filosofia, da física e da matemática, além, do grande avanço das ciências e das teorias revolucionárias Darwinistas, as quais ajudaram a enfraquecer alguns dogmas.

Finalmente, agora em Londres, o narrador nos oferece a continuidade dos acontecimentos, após ter mandado a esposa para *Leatherhead*, segue à procura de seu irmão, um estudante de medicina. Porém, em Londres, não há alarme nem mesmo muito crédito sobre as notícias dos marcianos invasores e todo extermínio ocorrido. Notamos que H. G. Wells, mais uma vez, retrata a crença de superioridade da elite inglesa que não acreditava ser confrontada, nem mesmo ameaçada por nenhum tipo de inimigo ou outro perigo, desse modo, a rotina dos cidadãos londrinos segue praticamente normal:

Muitos londrinos não ouviram falar dos marcianos [...] Aqueles que ouviram, demoraram para entender todo o significado dos telegramas escritos às pressas e publicados nos jornais [...] A certeza da segurança estava tão embrenhada na mente dos londrinos, e informações espantosas eram tão corriqueiras nos jornais que leram sem qualquer temor pessoal (WELLS, 2007, p. 114).

Logo, o clima de tranquilidade e segurança dos londrinos é substituído pelo barulho das armas e canhões que enfrentam os marcianos. E Londres é surpreendida pelos gigantes, descritos como grandes máquinas destruidoras de mais de trinta metros de altura. Assim, Wells transmite a noção de que os invasores transpassam da forma humana para a forma meio monstro, meio máquina, mais uma simulação do poderio inglês perante os demais povos, já que a Inglaterra foi agraciada por ser o berço da Revolução Industrial, o que a tornou uma máquina de expansão e conquista comercial, principalmente pelos mares, como já descrito no capítulo 1, por manter a engenharia naval em seu poder.

Agora, além do raio de calor, os marcianos lançam sobre a cidade uma espécie de “Fumaça Negra” de veneno capaz de matar rapidamente o que alcança. “Todos os 6 milhões de habitantes da grande cidade se agitavam, fugiam [...] e em pouco tempo a população se precipitava *em masse* em direção ao norte” (WELLS, 2007, p. 123-124). Londres se encontra como simples colônia sob a opressão e extermínio das grandes máquinas marcianas e passa a ser subjugada como uma população inferior, uma raça inferior: “[...] tão orgulhoso é o homem, tão cego por sua vaidade, que nenhum escritor até o fim do século XIX, expressou qualquer suspeita de que vida inteligente poderia ter-se desenvolvido num espaço distante, [...] Marte” (WELLS, 2007, p. 32). Nessa visão, Marte e seus habitantes estão em um nível de superioridade intelectual e de conhecimento em relação à Terra que os torna praticamente invencíveis. Um paralelo que H. G. Wells faz da preeminência do imperialismo quando os europeus destruíram os tasmanianos numa demonstração de poderio tecnológico e racial:

Mas, antes de os julgamos [os marcianos] com muita severidade, lembremos a destruição cruel e completa que nossa própria espécie impôs não só a animais, [...] mas as suas próprias raças menores. Os tasmanianos, apesar da aparência humana, foram inteiramente dizimados numa guerra de extermínio promovida por imigrantes europeus no espaço de cinquenta anos. Será que somos realmente esses apóstolos da tolerância, para nos queixarmos agora de que os marcianos nos combateram com a mesma mentalidade? (WELLS, 2007, p. 33).

Esta reflexão presente na obra reforça e justifica o comportamento implacável dos marcianos ao dominarem o território inglês, igualmente ao que faz a própria Europa em relação aos demais, aos não europeus, caracterizando-os como formas de vida inferiores, como na citação acima, quando designa os aborígenes tasmanianos como “raças menores”. Nesse contexto, Wells reserva aos dominantes os avanços tecnológicos e científicos até mesmo porque, nesta ficção, os marcianos chegam de cima, dos céus, uma ideia de que estão acima, distintos, numa situação em que são ao mesmo tempo desconhecidos e superiores aos ingleses, também enxergados como uma raça inferior. No entendimento de Suvin (1979), de fato, H. G. Wells trabalha a ameaça dos alienígenas não só na perspectiva da revolução das ciências, mas, também, suas implicações com a humanidade dentro da sociedade vitoriana, cuja elite se mantinha autoritária e cruel perante as classes consideradas inferiores: pobres, estrangeiros ou não inglês legítimo,

O mais significativo e primeiro círculo de Ficção Científica de H. G. Wells (por volta de 1904) é baseado na visão de uma novidade horrível como a evolução da possibilidade sócio biológica da humanidade. Sua situação básica é aquela de uma novidade destrutiva invadindo a tranquilidade do ambiente Vitoriano. Ao contrário, o interior do enredo detalha a observação de uma gradual, hesitante chegada para controlar com a força super individual alienígena que ameaça a vida e suas certezas comportando-se exatamente como o progresso da burguesia o fez na história do mundo como consideravelmente cruel, brutal e com modo de vida tecnologicamente superior (SUVIN, 1979, p. 208, tradução nossa).²⁵

Se a evolução da sociedade era uma das inquietações de Wells, o crescimento de classes populares era percebido como um atraso social, mesclado de gente inapta a progredir, de igual maneira a questão imperialista britânica também chamou sua atenção. **A Guerra dos Mundos** simbolizou, de modo admirável, a atitude de desconsideração de raça e a intolerância

²⁵ H. G. Wells's first and most significant SF cycle (roughly to 1904) is based on the vision of a horrible novum as the evolutionary sociobiological prospect for mankind. His basic situation is that of a destructive newness encroaching upon the tranquility of the Victorian environment. By contrast, the inner interior story details the observation of the gradual, hesitant coming to grips with an alien superindividual force that menaces such life and its certainties by behaving exactly as the bourgeois progress did in world history as quite ruthless, brutal but technologically superior mode of life (SUVIN, 1979, p. 208).

com que a elite inglesa tratava seus dominados, ou aqueles vistos como inferiores, que não iriam evoluir, sendo então natural que passassem por um processo de luta e resistência para sobreviverem. Essa expressão de luta entre colonizador e colonizado, na obra, é reproduzida de forma bastante satisfatória; na primeira parte do livro há a chegada dos marcianos, já imperiosamente cruel, e, na segunda parte, a Terra, ou em nosso caso a Inglaterra, em especial Londres, está sob o domínio dos marcianos com sua grande população reduzida quase ao nada.

Assistindo a toda essa devastação ambiental e social, o narrador e o padre agora escondidos em uma casa fugindo dos alienígenas são surpreendidos com o estrondo de mais um cilindro vindo de Marte que cai exatamente na casa em que estão, e, em meio à fome, à sede, aos ferimentos e à destruição da casa, passam a respirar o espetáculo de horror da movimentação dos marcianos, agora bem próximos. Curiosamente, as partes da casa que sobraram para dar um pouco de proteção aos personagens são a área de serviço e a cozinha, o que denota sinais de inferioridade, pois, geralmente, as partes da casa onde ficam os criados e empregados são os fundos das residências, a área de serviço e a cozinha. Isso nos faz imaginar que H. G. Wells reforça o lugar de desprestígio social, moral e racial ao colocar os sobreviventes aterrorizados e lutando para sobreviverem em ambientes em que a elite manteria seus subordinados.

Neste campo de observação, o pânico e o medo do narrador agora, aos poucos, dão lugar ao fascínio que os marcianos exercem sobre o mesmo. A atenção aos detalhes físicos e psicológicos dos seres extraterrenos causa paradoxalmente repulsa e admiração ao comparar os marcianos aos humanos. Nesse comparativo, a evolução e o desenvolvimento físico e mental das criaturas representam vantagens científicas e biológicas sobre os ingleses. Podemos salientar que seria uma espécie de Teoria Evolutiva de Charles Darwin perante o espectador. Segundo o narrador, os marcianos estariam num processo bem mais adiantado que os humanos, praticamente reduzidos à respiração e ao cérebro, isto é, conseguem sobreviver bem em ambientes diferentes, e, pelo tamanho do cérebro, possivelmente são mais inteligentes uma vez que o desenvolvimento cerebral em relação aos demais membros e órgãos foi essencial para que seguissem no seu gradual e progressivo aperfeiçoamento mental.

Já os demais órgãos iguais aos dos humanos teriam se extinguido devido ao processo de aperfeiçoamento natural pelo qual já passaram há tempos, e que, agora, já não são mais necessários, mesmo que pudessem ter sido, um dia, plausivelmente descendidos dos seres humanos. “[...] no caso dos marcianos não restam dúvidas de que a inteligência superou o

lado animal do organismo. [...] é plausível que os marcianos tenham descendido de seres parecidos com os humanos” (WELLS, 2007, p. 175).

Ao prosseguir na atenção para com as criaturas, o personagem ainda escondido faz mais reflexões e considera outros aspectos que os marcianos apresentam de vantagem: “O organismo deles não dormia, assim como o coração do homem não dorme. [...] Pareciam desconhecer a fadiga. [...] eram totalmente desprovidos de sexo, e portanto das emoções turbulentas suscitadas por essa condição humana.” (WELLS, 2007, p. 174). Aqui, percebemos que as transformações físicas e mentais dos invasores acabaram por deixá-los diferentemente melhores, poderiam trabalhar incansavelmente para articularem a conquista, já que não se cansavam e não precisariam perder tempo dormindo, e mais, não se envolveriam afetivamente, isso provavelmente significaria maior capacidade racional, seriam menos sensíveis, mais objetivos e menos artificiais que a raça humana. Nessa observância, continua a confrontar o atraso da humanidade em relação aos marcianos:

Sua anatomia interna, [...]. A maior parte da estrutura era constituída pelo cérebro, de onde enormes nervos se estendiam para os olhos, ouvido e os tentáculos [...]. Depois vinham os volumosos pulmões, na altura dos quais estava a boca, e o coração e seus vasos sanguíneos. [...] E isso totalizava os órgãos marcianos. Todo o complexo aparato digestivo [...] não existia nos marcianos. Eles eram cabeças - meramente cabeças. Não possuíam entranhas. Não comiam e muito menos digeriam. Em vez disso, extraíam sangue fresco de outras criaturas. [...] As vantagens fisiológicas da injeção são inegáveis, se pensarmos no tremendo desperdício de tempo e energia humanos causado pelo ato de comer e pelo processo digestivo (WELLS, 2007, p. 172).

O olhar atento do narrador diante das criaturas permite-lhe prosseguir a comparação entre marcianos e humanos, os primeiros seriam intelectualmente mais avançados e, por não possuírem o aparelho digestivo e nem sentirem sono, não desperdiçariam tempo alimentando-se e sofrendo o processo de digestão, porque, segundo o narrador, “Os processos digestivos e sua reação sobre o sistema nervoso minam nossa energia e influenciam nossa mente” (WELLS, 2007, p. 173). Nessa lógica, ao contrário dos marcianos, os homens, além de perderem seu tempo descansando ou dormindo, ainda teriam o humor e as emoções alteradas de acordo com a alimentação, já que esta influenciaria o cérebro e consequentemente as emoções e os comportamentos dos mesmos. Esse fato poderia comprometer atitudes e raciocínio além de consumir energia para as atividades diárias, ou seja, o comportamento humano poderia ser comprometido com o processo digestivo, pois o ato de comer seria uma grande perda de tempo e energia dos humanos.

O avanço dos marcianos em confronto com os humanos ultrapassa os limites físicos e os mescla a máquinas: os mesmos não dormem, não se alimentam como os humanos, não sofrem mudanças de humor ou afetivas, não usam roupas, são frios e aparentemente insensíveis, diferem-se dos humanos por sua estrutura, tamanho e agilidade, de modo a parecerem meio robôs, traços bastante peculiares da era da revolução das ciências e da tecnologia, como são descritos: “A primeira impressão que me deu foi a de um tipo de aranha metálica, que tinha ao redor do corpo cinco pernas ágeis e articuladas, barras e tentáculos que se entendiam e agarravam objetos” (WELLS, 2007, p. 170). Mais uma vez, os personagens meio monstros meio máquinas alinham-se com o imaginário e futurístico mundo da ficção científica, pois as mutações dos extraterrestres, seus corpos mecanizados os fazem parecer, aos olhos do observador, propositalmente invencíveis, como possivelmente os ingleses seriam aos olhos das demais nações durante a expansão imperialista.

Enquanto confinados dentro dos escombros da casa, o narrador e o padre viam os marcianos em ação e também presenciavam o aparecimento de uma espécie de erva vermelha que crescia e alastrava-se por toda parte, explicada como um repentino vegetal trazido espontaneamente ou não pelos invasores, mas o fato é que a planta rasteira crescia e fortificava-se rapidamente deixando o ambiente completamente vermelho como sangue vivo. “Aparentemente, o reino vegetal em Marte, em vez de verde, possui um vívido e sanguíneo vermelho como cor dominante” (WELLS, 2007, p. 175-176). Nesse meio, presenciaram o trabalho incansável dos marcianos em suas máquinas de guerra trazidas do espaço e o terror que os mesmos causavam aos olhos atentos dos dois espectadores quando não apenas matavam os humanos, mas, por vezes, alimentavam-se das vítimas:

De repente ouvi um grito e vi um longo tentáculo passando por cima do ombro da máquina e entrando na jaula presa atrás. Então algo – algo que se debatia violentamente – foi erguido contra o céu [...] e quando o objeto desceu de novo, vi sobre o clarão verde que se tratava de um homem. Por um momento, pude vê-lo claramente. Era um homem de meia idade robusto e corado, [...] vi seus olhos arregalados e a luz refletindo em suas abotoaduras e na corrente de seu relógio, ele desapareceu atrás do monte, e fez-se um momento de silêncio. Então vieram os gritos e o som prolongado e satisfeito dos marcianos. [...] Foi a única ocasião em que vi os marcianos se alimentarem (WELLS, 2007, p. 182-183).

A pavorosa cena vista incorpora características góticas e de ficção científica, pois o terror deixa os observadores do espetáculo afônicos e estremecidos de espanto, numa mistura de ânsia e repulsa das criaturas. Mais um momento em que a ficção científica e o gótico do período vitoriano se juntam para transmitir as ansiedades sobre a vida urbana, em especial, na

grande Londres, e ainda o *status* Britânico em sua demonstração de poder imperial. Conforme Hurley (2002, p. 194-195), Londres, com suas ruas em forma de labirinto, sujas, povoadas de pobreza, de subúrbios, habitadas por criminosos, pervertidos e estrangeiros, tornou-se o principal alvo do encontro entre colonizadores e colonizados provocando as consequências catastróficas desse choque de diferenças.

Contudo, a catástrofe na obra segue para além da calamidade instaurada na cidade de Londres, agora em ruínas, carbonizada, sem vida, “[...] Londres era um caixão público [...]” (WELLS, 2007, p. 219). E, ao percorrer as ruas fantasmagóricas londrinas, nosso narrador depara-se com o fim dos marcianos, não derrotados pela humanidade, mas, pela erva vermelha que crescera rapidamente e que resistiu mais que os humanos aos ataques e a toda destruição alienígena, “[...] inertes, silenciosos, enfileirados, jaziam os marcianos – mortos! – mortos pelas bactérias nefastas contra as quais seus organismos não estavam preparados [...]” (WELLS, 2007, p. 222). Junto com os marcianos, a erva, aos poucos, fora enfraquecendo e morrendo.

A humanidade agora começa a acordar do pesadelo estrangeiro e a se questionar sobre as incertezas do futuro. A invasão alienígena em **A Guerra dos Mundos** foi tecnicamente desumana e insensível, cientificamente fria, deixando as indagações sobre o outro e sobre o futuro dos mundos. Mesmo que os alienígenas tenham morrido pela ação de bactérias contra as quais não tinham nenhuma defesa biológica, a ameaça alienígena trouxe o mecanismo de competição biológica entre o invasor e o anfitrião. Neste contexto, em particular, temos também as teorias da evolução darwinistas que eram uma importante ferramenta dos britânicos e demais intelectuais para entender que o progresso social e racial não era aleatório e sim baseado na seleção natural, na adaptação do mais forte.

Nessa luta pela sobrevivência, o sistema de imunidade humana venceu o dos marcianos, não deixando dúvidas de que a erradicação dos indesejados, dos estrangeiros, da pobreza para a sustentação e a ampliação comercial, política, social e racial do Império Britânico, na obra, fora contaminada pelos então considerados atrasados pela elite inglesa. Como se os marcianos, metaforizados na obra pela elite britânica, ao explorarem e conquistarem suas colônias fossem contaminados com o modo de vida e cultura das mesmas, e esse fato colaborou para a sobrevivência do mais adaptável ao meio ambiente, neste caso, os humanos, ou as classes entendidas pela elite inglesa como subversivas ao modelo padrão social, e isso reforça o entendimento do romance na perspectiva do gótico colonial, pois, a ficção aqui abrange mistério e terror numa esfera sombria deixada pelos marcianos ao

colonizarem e conseqüentemente extinguirem quase toda a população londrina, como acontecera com a grande maioria das colônias inglesas.

Quando H. G. Wells relata que “[...] não há bactérias em Marte, e assim que os invasores chegaram, nossos microscópios aliados começaram a preparar sua queda” (WELLS, 2007, p. 223), faz-nos perceber o importante papel das bactérias e dos germes como metáfora dos perigos, das mazelas, da sujeira, das doenças que as classes pobres inglesas poderiam gerar e contaminar a elite dirigente, o que causaria o enfraquecimento da purificação da raça e da supremacia que os ingleses pretendiam.

E, como propõe Roberts (2006, p. 48-49), a habilidade de H. G. Wells o tornou capaz de simultaneamente criticar os abusos de poder do Império Europeu e a ameaça do estrangeiro a este império, nessa constante, podemos dizer que a ficção científica como um gênero distinto chega para a proeminência cultural da Era do Império, mesmo porque, como parte da ideologia desse império, as diferenças precisavam ser extintas. A ficção científica figura então como uma expressão do subconsciente dessa ideologia para conformar um modelo de comportamento civilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade e suas transformações sempre foram alvo de observação, análise, julgamento ou condenação por parte de críticos, pensadores, filósofos e demais representantes da sociedade. Seja no campo do imaginário, ou da realidade, o homem sempre avaliou e avaliará o próprio homem. E, assim, determinando valores que deveriam favorecer a este ou àquele cenário sócio-político, a esta ou àquela classe social, temos os autores de nosso *corpus*, Bram Stoker e H. G. Wells, os quais, como referenciados nessa pesquisa, corresponderam em suas obras **Drácula** e **A Guerra dos Mundos**, respectivamente, à reprodução de uma ideologia elitista inglesa fixada pelo período vitoriano sobre as demais nações.

Como questionado em nossa introdução a respeito da abundância de obras que se serviram do fantástico para abordarem questões sociais, no final do século XVIII para o XIX, nosso conde da Transilvânia e nossos marcianos conseguiram satisfazer, em parte, a esse questionamento, pois colaboraram para trazer o assombro do Gótico incorporado no vampiro, e nos *aliens* dos romances de Ficção Científica para refletirmos acerca das transformações sociais e dos avanços científicos da época. Sendo assim, motivado pelo grande desenvolvimento e avanço do poderoso Império Britânico sobre grande parte do globo, o vampiro de Stoker era mais um imigrante, mais um estrangeiro desejando fazer parte deste desenvolvimento, semelhante aos marcianos de H. G. Wells, metaforizados como o próprio Império Britânico a colonizar as regiões do globo terrestre.

Por que a Inglaterra? Como mencionado no capítulo I, a Inglaterra, região considerada por David Mcdowall como “oficina do mundo” (MCDOWALL 1995, p. 131) e berço da Revolução Industrial, tornou-se o centro das atenções de pessoas de várias partes do mundo, além de deter naquela época o domínio do mercado mundial, portanto seria, por assim dizer, consideravelmente normal que ocorresse o acelerado crescimento populacional das cidades inglesas por diferentes etnias à procura de emprego em resposta à mecanização dos campos, ao desemprego, tornando as cidades inglesas propensas não apenas à explosão demográfica, mas também à explosão da criminalidade, da miséria, da grande segregação social e racial. Importante também salientar a respeito da aceitação das ciências à religião. Todo esse cenário de agitação social adicionado às teorias Darwinistas e às criminalistas de Cesare Lombroso inquietou muitos críticos e escritores favorecendo uma literatura de denúncia e preconceito escrita por alguns, como Bram Stoker e H. G. Wells, os quais, em conformidade com a ideologia da elite vitoriana, basearam seus romances em desfavor de alguns tipos de personalidade, de raças e de classes sociais.

Conforme o percurso histórico social da Era Vitoriana relatado no capítulo I, no capítulo II observamos pontos de contato entre o Gótico e a Ficção Científica e suas implicações sociais, que, como vimos, oscilavam entre a decadência de alguns valores sociais e morais e a ascensão de outros, mesmo porque, como denotado, o romance gótico e de ficção científica caminharam em paralelo com a realidade social, política e cultural da época, construindo uma literatura que cria monstros para demonstrar algumas fraquezas que a própria modernidade gerou, para, nessa linha, analisarmos as obras **Drácula** e **A Guerra dos Mundos** no terceiro capítulo.

Como ressaltamos, a grande questão discutida por críticos e demais autores foi o crescimento rápido e sem planejamento da Inglaterra. Londres tornou-se destaque desse aumento desordenado urbano; com pessoas atraídas pelo desenvolvimento fabril e industrial, a cidade rapidamente encontrou-se povoada de pessoas oriundas de várias regiões, imigrantes que passaram a ser observados e enquadrados como diferentes e estranhos ao povo inglês, e este último começara a sofrer com as perturbações e ansiedades diante de tantas transformações sociais e com a influência de costumes e modos de vida peculiares desses estrangeiros. Tais ansiedades eclodiram na insegurança da autoconfiança do próprio britânico, gerando medo perante a ameaça às regras e tabus ingleses, ou seja, a iminência de enfraquecer o *status quo*, o progresso e a dominação imperialista.

Assim, o final do século XVIII para o XIX foi incontestavelmente marcado por obras que reproduziram a consciência e as aflições da nação europeia vitoriana perante o período de expansão colonial, industrial, científica e social. A divergência de valores morais, sociais e culturais atrelada às grandes mudanças sociais e políticas fora transportada para muitas obras, como as de nosso *corpus*, condensando essa variedade histórica e cultural em personagens góticos, como o vampiro, e de ficção científica, como os marcianos. Nesse contexto, as diferenças repercutiram na sociedade da época transformando-se em mais um elemento do gótico colonial que veio para refletir a respeito do imperialismo inglês, que conseguiu marginalizar, na realidade e na ficção, aqueles que não eram europeus.

Desse modo, o vampiro de Stoker passa a ser retratado como algo maléfico, metaforizando o estrangeiro oriundo de uma região considerada pagã e primitiva, impregnando na consciência dos leitores que o não pertence ou não genuinamente inglês deve ser separado, marginalizado, perseguido ou mesmo eliminado desse meio, como fora Drácula.

Como demonstramos, o romance gótico de Bram Stoker apresentou um dos vampiros mais conhecidos, seja na literatura, no cinema, ou nas demais áreas de expressão, que aterrorizou a sociedade vitoriana ao transgredir fronteiras e regras, subverter dogmas e alguns

preceitos morais deste período. Para entrar na Inglaterra não foi difícil, já que tanta agitação social e transformações na vida dos britânicos chamavam a atenção de olhos de diversas partes do mundo, como os do vampiro, que desejava misturar seu sangue com o sangue britânico. Além disso, as influências das teorias Darwinistas, do desenvolvimento científico e intelectual ao lado da crescente imigração, do crescimento urbano, da criminalidade, das doenças acabaram por convidar o vampiro a entrar na Inglaterra, para que, nessa lógica, metaforizasse também o choque entre a cultura do estrangeiro e a do inglês, pois, assim como a própria teoria de Charles Darwin determinava, travava-se uma luta para ver qual cultura, qual raça iria se sobrepor à outra e seria capaz de sobreviver. Nessa ótica, o romance **Drácula** pode ser interpretado como uma obra gótica que, simultaneamente, temia e não tolerava o estrangeiro, com receio de que a cultura e a ideologia deste pudessem contaminar e se sobrepor ao *status quo* britânico.

Então, o personagem Drácula foi compreendido pelo império inglês como primitivo, ligado à bestialidade, à degeneração, como definia a antropologia do crime defendida por Cesare Lombroso, sugerindo aos leitores que não ser inglês puro significaria retrocesso, marginalidade, e isso enfatizou a separação da sociedade em classes, umas mais civilizadas ou desenvolvidas e outras pobres, doentes, formadas de gente degenerada. Ao mesmo tempo, o vampiro também simbolizou a subversão da regulação social vitoriana ao entrar na vida do inglês e transgredir valores de toda ordem, assim, representando a luta e a resistência do estrangeiro ou do pobre enxergado como uma classe desprestigiada, que causaria obstáculo à exploração e à manutenção do Império Britânico.

Ainda dentro deste cenário paradoxal de intolerância e medo do estrangeiro, de preconceito, de separação social e racial, temos H. G. Wells e seu romance científico **A Guerra dos Mundos**. E, à semelhança de Bram Stoker, seus questionamentos foram fantasiados com personagens imaginários e monstruosos. Percebemos a imaginação e a inquietação de Wells em face ao avanço tecnológico e das ciências refletido no poderio britânico imperialista em detrimento das suas colônias, já que a invasão alienígena, no romance, ocorreu por meio de uma tecnologia superior que não deixou que os humanos tivessem as mínimas chances de sobrevivência. Permanece então a ideia de que Wells tanto questionava a crueldade imperialista para com suas colônias, quanto tinha o desejo de dar fim, de limpar a Terra daquela gente percebida como incapaz de se igualar ao poderio e à soberania inglesa, esta última representada na obra pelos marcianos.

Essa postura de rever o imperialismo europeu que brutalmente dominou e conquistou grande parte do globo, assim como os marcianos em Londres, sugere mais, sugere que, para a

época, Wells também reproduziu aos leitores a ideologia elitista, a mesma que pregava que o distinto do inglês genuíno deveria ser combatido e aniquilado para que a Inglaterra pudesse livrar-se daqueles percebidos como retrocesso e obstáculo ao progresso, que pudesse ser reconstruída, e, nessa lógica, perdurar a pureza de raças consideradas melhores.

Assim, com os olhos voltados para o futuro e os pés no presente, H. G. Wells codificou em seu romance, por meio da ficção científica, as contradições que o período vitoriano apresentava, como o futuro das cidades superpovoadas, acontecimento este que o angustiava, daí a coerência com a destruição em massa de Londres e de seus habitantes pelos marcianos, e a coerência também com as teorias de evolução de Darwin, já que quem conseguiu se adaptar melhor e sobreviver foram os humanos e não os marcianos, porém, este fato não retirou da obra o preconceito contra os considerados mais fracos ou mais pobres, pois, fora dizimada quase toda a população começando pelas partes mais pobres e pelos subúrbios até chegar ao centro de Londres, de modo a explicitar o preconceito e a xenofobia que a elite inglesa (representada pela soberania intelectual e tecnológica dos marcianos) demonstrava contra as classes mais pobres consideradas inferiores e indesejadas. Nesse contexto, seria possível o recomeço de uma nova Inglaterra, mais evoluída e representada pela elite britânica. Não esquecendo que, como o vampiro de Stoker, os marcianos também sugavam e se alimentavam literalmente do sangue dos humanos, da mesma forma cruel com que os imperialistas sugavam as forças e as vidas de seus colonizados.

Ressaltamos, mediante a apresentação deste trabalho, que a história da Era Vitoriana fora marcada principalmente não apenas pelas profundas mudanças sociais e políticas que a Revolução Industrial, científica e as influências imperialistas britânicas deixaram, e, sim, pela prepotência e dominação de uma elite branca e inglesa em relação aos demais povos, estes últimos, viram-se transformados em pobres marginalizados, doentes, primitivos, degenerados e/ou monstros, como o vampiro do leste europeu, que representou o estrangeiro invasor e subversor da *Pax Britânica*, ou a superpopulação de Londres, percebida no romance de Wells como a classe inferior responsável pelo retrocesso da nação inglesa imperialista.

Assim, a obra **A Guerra dos Mundos** pode ser lida como uma das referências de divulgação do romance de ficção científica por expor algumas possibilidades que os avanços científicos permitiam como: guerras futuristas, armas com poder de destruição em massa, tecnologia e estudos científicos sendo usados para a dominação de uma classe por outra, além de permitir a visão de que a evolução da ciência também contribuiria para a purificação e o desenvolvimento humano, como fora a batalha entre a elite (marcianos) e as classes pobres (ingleses), para isso, algumas etnias ou raças haveriam de ser sacrificadas ou banidas, pois,

como demonstrado, H. G. Wells percebia nas altas taxas de natalidade um problema social, já que grande parte destas seria composta por pessoas incapacitadas física ou mentalmente de se desenvolverem.

Esperamos que com esta pesquisa tenhamos chamado a atenção para essa literatura bastante expressiva finissecular, considerando que a reflexão dos escritores sobre todo o processo histórico social vitoriano se desdobrou em obras clássicas deste período. **Drácula** e **A Guerra dos Mundos** descreveram as ansiedades e as perturbações que o início da modernidade gerou, num momento de turbulência social e moral, decadência de valores e padrões, e encenaram de forma fantástica a realidade do *fin de siècle*, tornando-se, talvez, tão expressivas para nós quanto foram aos vitorianos, conectando-nos àquela época de forma mágica e deleitosa. Sendo assim, propomos prosseguir e ampliar nossos estudos nessa temática da fantasia e da imaginação gótica e científica, suas reflexões e implicações históricas e sociais.

REFERÊNCIAS:

- ALDISS, Brian. Introdução. In: WELLS, Herbert George. **A Guerra dos mundos**. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- ALTICK, Richard D. **Victorian People and Ideas**: A companion for the modern reader of Victorian Literature. London: W. W. Norton & Company, 1973.
- ANTONIO, Rodrigo. A religião do progresso. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 38-43.
- ASSIS, Jesus de Paula. Imaginação e crítica. In: ASSIS, Jesus de Paula (Ed). **Exploradores do Futuro**. São Paulo: Duetto. nº 2, (Scientific American), 2005.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. Questões de geografia e fronteiras II: Drácula viajante. In: BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros, índios e canibais**: ensaios de crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000.
- BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. In: **Revista Fronteiraz**, vol. 3, nº 3, Setembro/2009, p.185-202.
- BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 1996.
- BRANTLINGER, Patrick. **Rule of Darkness**: British literature and imperialism, 1830-1914. London: Cornell University Press, 1988.
- BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. **A companion to the Victorian novel**. United Kingdom: Blackwell Publishers Ltd, 2002, p. 370-405.
- CARDOSO, João Batista. **Metodologia da pesquisa científica e produção do texto acadêmico, para alunos da graduação e pós-graduação**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.
- CAREY, John. **Os intelectuais e as massas**. Trad. Ronald Kyrmse. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- CAUSO, Roberto de Souza. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875-1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CEIA, Carlos. (Coord.). **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/> p. 268>. Acesso em: 20/10/2016.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- COHEN, Jeffrey Jerome et al. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Revolución Industrial e Movimento Operário**: As origens do mundo contemporâneo. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/287205625_Revolucion_Industrial_e_Movimento_Operario_As_origens_do_mundo_contemporaneo> Acesso em: 09/09/2016.

DAVID, Deirdre. Empire, Race, and the Victorian Novel. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. (Ed.) **A companion to the Victorian novel**. United Kingdom: Blackwell Publishers Ltd, 2002, p. 85-98.

DICKENS, Charles. **Um conto de Natal**. Disponível em: <http://portal.netname.com.br/2006/arq_img_upload/paginas/4386/contos_de_natal.> Acesso em: 21/10/17.

ELONO, Edith Estelle Blanche Owono. **O Bildungsroman Feminino na Literatura Vitoriana: Uma Análise Comparatista entre Jane Eyre, de Charlotte Brontë e The Mill on the Floss, de George Eliot**. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/viewFile/577/380>> Acesso em: 21/10/17.

FORMAN, Ross G. Empire. In: MARSHALL, Gail. (Ed.). **The Cambridge Companion to the Fin de Siècle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 91-109.

FUSER, Igor. O mundo britânico. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 8-15.

HERNANDEZ, Leila Leite. A partilha de um continente. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 70-71.

HOBBSBAWM, J. Eric. **A Era Dos Impérios 1875-1914**. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo; revisão técnica Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOGLE, Jerrold E. **Gothic Literature: A Gale Critical Companion**. Ed. Jessica Bomarito, Gale, 2006.

HURLEY, Kelly. British Gothic Fiction. In: HOGLE, Jerrold E. **The Cambridge Companion to Gothic Fiction**. Cambridge: New York, 2002, p.191-198.

JESUS, Tiago Machado de. Um espelho distorcido. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 80-85.

KERSLAKE, Patricia. **Science Fiction and Empire**. Liverpool: Liverpool University Press, 2007.

KUCICH, John. Scientific Ascendancy. In: BRANTLINGER, Patrick ;THESING, William B. (Ed.) **A companion to the Victorian novel**. United Kingdom: Blackwell Publishers Ltd, 2002, p. 119-135.

LANGLANG, Elizabeth. The Receptions of Charlotte Brontë, Charles Dickens, George Eliot, and Thomas Hardy. In: BRANTLINGER P.; THESING, W. B. (Ed.) **A Companion to the Victorian Novel**. Blackwell companion to literature and culture. Blackwell Publishers, 2002. p. 396-399.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.

MACARTNEY, George. An Account of Ireland in 1773 by a Late Chief Secretary of that Kingdom. In: KENNY, Kevin (Ed) **Ireland and the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 72.

MALCHOW, H. L. **Gothic Images of Race in Nineteenth-Century Britain**. California: Stanford University Press, 1996.

MCDOWALL, David. **An Illustrated History of Britain**. Essex: Longman, 1995.

MILBANK, Alison. Female Gothic. In: MULVEY-ROBERTS, Marie (Ed). **The Handbook to Gothic Literature**. New York: New York University Press, 1998, 53-57.

MORTON, A. L. **A história do povo inglês**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. (Coleção Perspectivas do homem; 59).

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PUGLIA, Daniel. O crítico da Revolução Industrial. In: PILAGALLO, Oscar (Ed.). **Panorama da Literatura Inglesa**. São Paulo: Duetto Editorial. p. 44-48. 2008. (Caderno Entre Livros 1)

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

ROAS, David. **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco/Libros, 2001.

ROBERTS, Adam. **Science Fiction**. London: Routledge, 2006.

RODRIGUES, Selma Calazans. **O Fantástico**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

RUDDICK, Nicholas. The fantastic fiction of the *fin de siècle*. In: MARSHALL, Gail. (Ed.). **The Cambridge Companion to the Fin de Siècle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 33, 189-206.

SCHWARZBACH, F. S. Newgate Novel to Detective Fiction. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. (Orgs.) **A companion to the Victorian novel**. United Kingdom: Blackwell Publishers Ltd, 2002, p. 227-244.

SCHMITT, Cannon. The Gothic Romance in the Victorian Period. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. (Orgs.) **A companion to the Victorian novel**. United Kingdom: Blackwell Publishers Ltd, 2002, p. 302-317.

SEED, David. Monsters of the Imagination: Gothic, Science, Fiction. In: BOTTING, Fred. (Orgs.) **A companion to science fiction**. Blackwell Publishing, 2005, p.111.

SHAW, George Bernard. **Pigmaleão**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SHEARMAN, Deirdre. **Rainha Vitória**. Trad. Achille Picchi. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os grandes líderes).

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros**: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

_____. **O admirável mundo novo da República Velha**: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Alexander Meireles da., SILVA, Veridiana Mazon Barbosa da. Porque a alma da carne está no sangue: Uma leitura queer do vampiro na literatura brasileira finissecular. In: **Ângulo**, Lorena, SP, v. 1, nº 130, p. 109-117, jul/set, 2012. <http://fatea.br/seer/index.php/angulo/article/viewArticle/1020>. Acesso em 15/12/2017.

SILVA, Alexander Meireles. Introdução. In: COSTA, Bruno (Org.). **Contos clássicos de vampiros**: Byron, Stoker e outros. São Paulo: Hedra, 2010.

SLONCZEWSKI, Joan. Science fiction and the life sciences. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. **The Cambridge Companion to Science Fiction**. Nova York: Cambridge University, 2003, p. 177-178.

SNODGRASS, Mary Ellen. Colonial Gothic. In: SNODGRASS, Mary Ellen (Ed.) **Encyclopedia of Gothic Literature**. New York: Facts On File, 2005. p. 61-71.

STABLEFORD, Brian. Science fiction before the genre. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (Orgs.) **The Cambridge Companion To Science Fiction**. Nova York: Cambridge University, 2003, p.18.

STOKER, Bram. **Drácula**. Trad. Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2014.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction**. On the Poets and History of a Literary Genre. USA: Yale University, 1979.

TAYLOR, Janny Bourne. Psycholody at the fin de siècle. In: MARSHALL, Gail. (Ed.). **The Cambridge Companion to the Fin de Siècle**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 13-56.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VRETTOS, Athena. Victorian Psychology. In: BRANTLINGER P.; THESING, W. B. (Orgs.) **A Companion to the Victorian Novel**. Blackwell companion to literature and culture. Blackwell Publishers, 2002. p. 67-82.

WARWICK, Alexandra. Colonial Gothic. MULVEY-ROBERTS, Marie (Ed). **The Handbook to Gothic Literature**. New York: New York University Press, 1998. 261-262.

WELLS, Herbert George. **A Guerra dos mundos**. Trad. Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. A joia mais rica da coroa. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 26.

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. Orgulho e desigualdade. In: FUSER, Igor (Ed.). **O leão britânico**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006. (História Viva – Grandes Temas, 16), p. 52-57.